

ADRIANA HELENA DE ALMEIDA FREITAS

**"O BOM DO ALZHEIMER": APRENDIZAGENS, AFETAÇÕES E TENSÕES DE
UMA EXPERIÊNCIA PÚBLICA MEDIATIZADA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientador: Rennan Lanna Martin Mafra

**VIÇOSA – MINAS GERAIS
2022**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

M187b
2022
Freitas, Adriana Helena de Almeida, 1997-
“O Bom do Alzheimer”: aprendizagens, afetações e tensões
de uma experiência pública midiaticizada / Adriana Helena de
Almeida Freitas. – Viçosa, MG, 2022.
1 dissertação eletrônica (92 f.): il. (algumas color.).

Inclui apêndice.

Orientador: Rennan Lanna Martins Mafra.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa,
Departamento de Educação, 2022.

Referências bibliográficas: f. 83-92.

DOI: <https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2022.291>

Modo de acesso: World Wide Web.

1. Francisquinha Alves - O Bom do Alzheimer (Canal do
Youtube). 2. Youtube (Recurso eletrônico) - Aspectos sociais.
3. Comunicação. 4. Aprendizagem. 5. Alzheimer, Doença de -
Pacientes. I. Mafra, Rennan Lanna Martins, 1980-
II. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Educação.
Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD 22. ed. 303.4833

Bibliotecário(a) responsável: Bruna Silva CRB6/2552

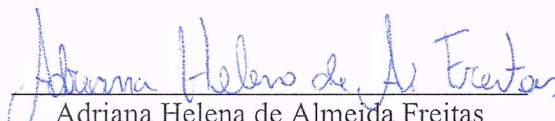
ADRIANA HELENA DE ALMEIDA FREITAS


**"O BOM DO ALZHEIMER": APRENDIZAGENS, AFETAÇÕES E TENSÕES DE
UMA EXPERIÊNCIA PÚBLICA MUDIATIZADA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 11 de março de 2022

Assentimento:


Adriana Helena de Almeida Freitas
Autora


Rennan Lanna Martin Mafra
Orientador

*À Francisquinha, que dedicou a vida a ensinar
e que segue nos ensinando, sem perceber.*

AGRADECIMENTOS

Minha trajetória (e de muitos outros) durante o mestrado foi atravessada por completo por um contexto pandêmico. Após uma semana de aula, em que mal conseguia me comunicar, pois havia retirado os quatro sisos, me vi com as aulas “suspensas”, no que parecia que seriam 15 dias de folga. Jamais poderia sonhar que hoje estaria concluindo essa dissertação, quase 2 anos depois, em meu apartamento, sem ter voltado a colocar os pés no Departamento de Educação. De minha parte, a adaptação para o ensino remoto não foi fácil e nem se deu por completo, mas passou. Em meio a pequenos ícones na interface do *Meet* me encontrei com os colegas e com os professores, vez ou outra tomei a palavra em algum debate e, busquei construir conexões e aprendizados, ainda que afastados de olhares, cheiros, risos e toques. Esse distanciamento, contudo, é irrelevante perante as centenas de milhares de famílias que, diante de um problema de saúde pública gerido sem qualquer consideração com a vida humana, perderam pessoas amadas. Ter conseguido sobreviver em tal contexto, com minha família e amigos seguros é minha maior gratidão.

Agradeço, em específico, a minha mãe e irmã, meus grandes amores, minhas maiores inspirações e fontes da força para continuar enfrentando os desafios que estar vivo nos coloca todos os dias. Agradeço ao Vitor, por ter sido minha companhia de um cotidiano pandêmico, sem você eu não teria dado conta.

Não posso deixar de mencionar a imensa gratidão que tenho pela paciência, carinho e respeito que meu orientador, Rennan, demonstrou e demonstra desde a primeira aula de Teorias da Comunicação. Nossas orientações semanais foram momentos de muita alegria, como pequenos pontos de luz entre os cinzas que predominaram os últimos anos.

Agradeço ainda, os esforços empreendidos por cada professor e funcionário do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFV que, em meio a um contexto tão complexo, não deixaram de fazer o possível para garantir a nós uma formação de qualidade.

Por fim, retomo minha gratidão em estar viva hoje, em meio à pandemia de Covid-19, a partir da oportunidade que o Instituto de Políticas Públicas e Desenvolvimento Sustentável (IPPDS) me forneceu, em que pude manter minhas atividades de maneira remota durante todo esse tempo. Marcelo, você é uma grande inspiração enquanto professor, pesquisador e ser humano. Karinne, não tenho como agradecer por todo carinho e companheirismo durante minha trajetória no Instituto. Esta pesquisa só é possível graças ao apoio de vocês.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RESUMO

FREITAS, Adriana Helena de Almeida, M.Sc. Universidade Federal de Viçosa, março de 2022. **“O bom do Alzheimer”**: aprendizagens, afetações e tensões de uma experiência pública midiaticizada. Orientador: Rennan Lanna Martin Mafra.

Essa dissertação busca investigar como aprendizagens e tensões do contemporâneo emergem, publicamente, a partir da mediação da experiência de convivência com o Alzheimer presente no canal do YouTube “Francisquinha Alves - O Bom do Alzheimer. De modo específico, visa: 1) problematizar os processos de mediação e as aprendizagens emergentes em meio ao canal; 2) compreender estes processos de aprendizagem pelo ponto de vista da experiência estética e da experimentação prática no mundo; e 3) investigar as mudanças discursivas no canal após o lançamento do curso Método *LoveCare* e seus diálogos com as lógicas de um projeto de modernidade. A fim de alcançar os objetivos propostos, lança mão de uma proposta indiciária dos afetos, a partir das contribuições de Braga (2008) sobre o paradigma indiciário de Ginzburg (2019) e da virada dos afetos, conforme propõe Moriceau (2019). O primeiro capítulo mobiliza as noções teóricas de Braga (2012, 2017, 2017b), Braga e Calazans (2001) e Ferrés e Piscitelli (2015), para as discussões a respeito das construções de aprendizagens a partir do desenvolvimento de habilidades da competência midiática, provenientes das experiências produzidas pelo canal. São elencadas quatro fases que evidenciam os gestos de mediação advindos de tais competências e aprendizados, que são retomadas durante toda dissertação. O segundo capítulo argumenta que o canal é construído a partir de processos de afetação e, em decorrência disso, desperta outras afetações em seu público. Para isso, são acionadas as perspectivas de autores como Bondía (2002), Dewey (1980), Magalhães (2009), Ingold (2000, 2010, 2012), Certeau (1998) e Lacerda (2017). O terceiro capítulo aborda as mudanças que atravessam as lógicas discursivas presentes no canal a partir do lançamento do Método *LoveCare*, a partir da percepção dos impactos que a instauração um projeto de modernidade possui na contemporaneidade, especialmente em contextos organizacionais, bem como das resistências possíveis a tais movimentos. Para isso, são acionados autores como Taylor (2011), Souza (2012), Bessa (2015), Rodrigues e Rangel (2017), Mafra e Marques (2019) e Pelbart (2008).

Palavras-chave: Alzheimer. Mediação. Aprendizagens. Comunicação. Experiência pública.

ABSTRACT

FREITAS, Adriana Helena de Almeida, M.Sc. Universidade Federal de Viçosa, March, 2022. **"O Bom do Alzheimer": learnings, affectations and tensions of a mediated public experience.** Adviser: Rennan Lanna Martin Mafra.

This dissertation aims to investigate how contemporary learning and tensions emerge, publicly, from the mediatization of the experience of living with Alzheimer's present on the YouTube channel "Francisquinha Alves - O Bom do Alzheimer". Specifically, seeks to: 1) problematize the mediatization processes and emerging learning in the middle of the channel; 2) understand these learning processes from the point of view of aesthetic experience and practical experimentation in the world; and 3) to investigate the discursive changes in the channel after the launching of the "Método *LoveCare* course" and his dialogues with the logics of a project of modernity. In order to achieve the proposed objectives, it makes use of an evidentiary proposal of affections, based on the contributions of Braga (2008) on the evidentiary paradigm of Ginzburg (2019) and the turn of affections, as proposed by Moriceau (2019). The first chapter mobilizes the theoretical notions of Braga (2012, 2017, 2017b), Braga and Calazans (2001) and Ferrés and Piscitelli (2015), for discussions about the constructions of learning from the development of media competence skills, from the experiences produced by the channel. Four phases are listed that show the mediatization gestures arising from such competences and learning, which are resumed throughout the dissertation. The second chapter argues that the channel is built from processes of affectation and, as a result, awakens other affectations in its audience. For this, the perspectives of authors such as Bondía (2002), Dewey (1980), Magalhães (2009), Ingold (2000, 2010, 2012), Certeau (1998) and Lacerda (2017) are activated. The third chapter addresses the changes that cross the discursive logics present in the channel from the launch of the *LoveCare* Method, from the perception of the impacts that the establishment of a project of modernity has on contemporaneity, especially in organizational contexts, as well as the possible resistance to such movements. For this, authors such as Taylor (2011), Souza (2012), Bessa (2015), Rodrigues and Rangel (2017), Mafra and Marques (2019) and Pelbart (2008) are used.

Keywords: Alzheimer. Mediatization. Learning. Communication. Public experience.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Comentários do vídeo <i>Triste e constrangedor, mas real</i> 24/09/2016.....	32
Figura 2 – Comentários no vídeo <i>Alzheimer/avançado moderado</i> 16/10/2018.	33
Figura 3 – Comentários do vídeo <i>Alzheimer - Os primeiros sinais</i>	35
Figura 4 – Capturas de tela ilustrando as mudanças de enquadramento presentes durante: a) Fase 1, b) Fase 2 e c) Fase 3.	37
Figura 5 – Comentário positivo do vídeo <i>Alzheimer-setembro lilás uma homenagem à minha mãe</i>	38
Figura 6 – Captura de tela representando a composição visual de vídeo da quarta fase.	39
Figura 7 – Comentários do vídeo <i>Emoção, eu não seguro o choro</i> . 16/10/2016.	55
Figura 8 – Comentários do vídeo <i>Alzheimer - Agitação logo no café da manhã - Visivelmente ansiosa</i> . 23/08/2016.....	56
Figura 9 – Comentários do vídeo <i>Triste e constrangedor mas real</i> 24/09/2016.	56
Figura 10 – Anúncio da 2º turma do método <i>LoveCare</i>	72
Figura 11 – Anúncio com testemunho de ex-alunos do método <i>LoveCare</i>	73
Figura 12 – Comentários do vídeo <i>Alzheimer – Agressividade: Quem pensa que Francisquinha é diferente do seu familiar com demência</i>	77

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fases do Canal <i>Francisquinha Alves</i> – <i>O Bom do Alzheimer</i>	30
--	----

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO GERAL.....	11
1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	15
2. EXPERIÊNCIA PÚBLICA DO ALZHEIMER NO CANAL <i>O BOM DO ALZHEIMER</i>: MUDIATIZAÇÃO E COMPETÊNCIA MUDIÁTICA COMO MOTORES DE APRENDIZAGENS SOCIAIS.....	20
2.1. INTRODUÇÃO.....	20
2.2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	21
2.2.1. Mudiatização como tónus comunicacional de experiências públicas contemporâneas.....	21
2.2.2. Aprendizagens e interação na mudiatização de experiências públicas: a emergência da competência mudiática.....	24
2.3. APRENDIZAGENS E COMPETÊNCIA MUDIÁTICA NO CANAL FRANCISQUINHA ALVES - O BOM DO ALZHEIMER.....	28
2.3.1. Fase 1: Amadorismo e espontaneidade.....	30
2.3.2. Fase 2: Produção de conteúdo e monetização.....	32
2.3.3. Fase 3: Edição e aprimoramento.....	36
2.3.4. Fase 4: Profissionalização e mercantilização.....	39
2.4. CONCLUSÕES DO CAPÍTULO.....	41
3. EXPERIÊNCIA ESTÉTICA, MUNDO COMUM E HABITAR NO COTIDIANO DO BOM DO ALZHEIMER.....	43
3.1. INTRODUÇÃO.....	43
3.2.1. Experiência estética e aprendizado: afetações e aparências no mundo comum.....	44
3.2.2. Habitar e cotidianos: experiências de vida em fluxos.....	47
3.3. DISCUSSÃO E ANÁLISE.....	51
3.3.1. Habitando novos cotidianos de Cláudia.....	51
3.3.2. Habitando experiências públicas na malha de relações do canal.....	54
3.4. CONCLUSÕES DO CAPÍTULO.....	57
4. A EMERGÊNCIA DE UMA EXPERIÊNCIA PÚBLICA ORGANIZACIONAL: TENSÕES E POTÊNCIAS DO MÉTODO <i>LOVECARE</i>.....	59
4.1. INTRODUÇÃO.....	59
4.2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	60

4.2.1.	Modernidade e contemporaneidade: tensões em âmbitos organizacionais	60
4.2.2.	Biopoder e biopotência no contemporâneo	64
4.3.	DISCUSSÃO E ANÁLISE.....	67
4.3.1.	Tensões e atravessamentos contemporâneos do <i>Método LoveCare</i>	67
4.3.2.	Potência de vida na construção do “Bom do Alzheimer”	73
4.4.	CONCLUSÕES DO CAPÍTULO.....	78
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO.....	80
6.	REFERÊNCIAS	83
	APÊNDICE	87

1. APRESENTAÇÃO GERAL

A população idosa internacional tem apresentado considerável crescimento nas últimas décadas (FERNANDES, ANDRADE, 2017; TEIXEIRA *et al.*, 2015). Por consequência, é observado um aumento significativo da presença de demências que acometem essa faixa geracional: cerca de 60% dos quadros demenciais, em perspectiva internacional, são atribuídos ao Alzheimer (TEIXEIRA *et al.*, 2015). A Doença de Alzheimer ou Demência do tipo Alzheimer (DA) se configura a partir de uma neurodegeneração progressiva, associada principalmente à perda de memória e a alterações comportamentais e de personalidade (ALMEIDA; GOMES; NASCIMENTO, 2014).

Em decorrência desta degeneração, são afetadas as capacidades de processamento de informações, culminando na recorrência de perguntas, ausência de recordações sobre eventos, afazeres, entre outros. Além disso, o comprometimento do raciocínio pode levar à exposição de situações de risco, diminuindo a autonomia na tomada de decisões importantes (BURLÁ *et al.*, 2014). A DA afeta também as referências visuais-espaciais, que levam, por exemplo, ao não reconhecimento de rostos familiares e gera dificuldades de expressão por meio da linguagem (tradicionalmente compartilhada), além das alterações na personalidade como “mudanças de humor, agitação, apatia, desinteresse, isolamento social, perda de empatia, desinibição, comportamentos obsessivos, compulsivos ou socialmente inaceitáveis” (BURLÁ *et al.*, 2014, p.91). Todas essas características compõem um complexo de estranhamentos e desafios que aparecem nas relações afetivas e de trabalho, alterando significativamente não apenas a vida de quem é diagnosticado, mas de seus círculos de convivência.

Localizar a DA enquanto um problema de pesquisa das humanidades, especialmente da interface entre comunicação e educação, é esforço que faz coro a outras iniciativas, ainda que, conforme observado na construção do estado da arte do projeto basilar a esta dissertação, o campo das ciências da saúde protagoniza o debate – movimento natural, em se tratando de uma temática que diz de corpos em situações enfermas. Destaca-se, entre tais iniciativas, o trabalho de Groisman (2002) em que as percepções ocidentais de senilidade são compreendidas a partir de processos de descontinuidade para a pessoa idosa, em que os afetos, cognições e comportamentos são alterados, de tal forma que o estar senil envolve não apenas esta pessoa, mas aquele outro que lhe confere o status de diferente.

A D.A também é estudada pelas óticas da cognição, do discurso e da linguagem em pesquisas como a de Brandão, Parente e Peña-Casanova (2010), Mansur *et al.* (2005) e Brandão e Parente (2011), todas estas que, de maneira geral, se debruçam sobre as formas pelas quais a

pessoa afetada pela DA se expressa, suas características e potencialidades, sobretudo, enquanto ferramenta de diagnóstico. No tangente aos estudos midiáticos/comunicacionais, sobressaem-se pesquisas como as de Cavaca *et al.* (2016), Caron, Ianni e Lefevre (2018) e Henrique e Fioravanti (2018), que analisam a aparição da DA em espaços midiáticos impressos ou televisivos, suas angulações e limitações. Além disso, autores como Frossard e Dias (2016), O'Rourke *et al.* (2011) localizam a discussão da DA na internet enquanto ferramenta potencial para melhoria de vida de pacientes e familiares. Por fim, destaca-se ainda o estudo de Tang *et al.* (2017), que apresenta um levantamento de dados sobre a aparição da DA no *YouTube* ente 2013 e 2015, analisando 271 vídeos, em que foram observados diversos aspectos gerais como “conteúdo”, “características do apresentador”, “tipo de informação veiculada” e “audiência”.

Observa-se, a partir destes trabalhos, o terreno fértil das humanidades, no tocante à DA. Com base nesses estudos anteriores, a presente dissertação é construída a partir da constatação sobre a existência de disputas de significações e experiências em torno da DA no espaço on-line por múltiplos sujeitos: grupos médicos e de saúde, associações, grupos privados e farmacêuticas, imprensa, familiares, dentre outros. Em meio a esta profusão de compreensões, chama-nos atenção o contexto curioso da midiatização desta experiência por canais do *YouTube*, como *Juana Llabres*¹, *Meu caduquinho favorito*², *Alzheimer – minha mãe tem*³ e *Xô no Alzheimer*⁴, que se dedicam ao compartilhamento de experiências pessoais sobre a DA. Além destes, encontramos também *Francisquinha Alves – O Bom do Alzheimer*⁵, que foi elencada enquanto a experiência pública midiatizada a ser discutida nesta dissertação.

Atualmente⁶, o canal conta com 229 mil inscritos, 1.511 vídeos e soma mais de 43 milhões de visualizações, atualizado quase que diariamente. O primeiro vídeo⁷ publicado no canal data de 30 de julho de 2016. Nele, Cláudia se apresenta, à época, com 54 anos, enquanto cuidadora da mãe, Francisquinha, de 81 anos e diagnosticada com Alzheimer há cinco anos. O vídeo é gravado e postado graças a diversas solicitações que a filha relata receber em um grupo

¹ Disponível em: < <https://www.youtube.com/c/mjlmayol/featured> >. Acesso em: 20 nov. 2021.

² Disponível em: < <https://www.youtube.com/channel/UCPl1ix-EOZ2oQkCAOc5GEZzg> >. Acesso em: 20 nov. 2021.

³ Disponível em: < <https://www.youtube.com/c/AlzheimerMinham%C3%A3etemAnna/featured> >. Acesso em: 20 nov. 2021.

⁴ Disponível em: < <https://www.youtube.com/channel/UCj6-xMjFlr7zUuOTlxHgCVQ> >. Acesso em: 20 nov. 2021.

⁵ Disponível em: < https://www.youtube.com/channel/UCTAj9NsjqmM_-kuSPxCHLIA >. Acesso em: 21 nov. 2021.

⁶ Números de 23 de fevereiro de 2022 (YOUTUBE, [s/d]).

⁷ Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=GJhF0EEDdYM&t=2s&ab_channel=FrancisquinhaAlves-ObomdoAlzheimer >. Acesso em: 20 nov. 2021.

no *Facebook*, em que a relação descontraída com Francisquinha e com a DA se destacava entre os relatos de sofrimento que apareciam nas outras postagens. Os vídeos, de maneira geral, têm duração de cerca de dez minutos, com exceção das transmissões ao vivo, que duram, aproximadamente, uma hora. A proposta inicial de apresentar o cotidiano de Francisquinha em vídeos curtos e amadores é, aos poucos, atravessada por processos de profissionalização que culminam na criação de um curso online para cuidadores de pacientes com Alzheimer: o Método *LoveCare*.

A discussão da experiência de Cláudia e Francisquinha se torna um debate de interesse para o campo da educação, uma vez que, em interface com os estudos comunicacionais, se constitui enquanto espaço possível à observação de processos sociais pautados pela construção de múltiplas aprendizagens. Além disso, problematizar uma experiência do Alzheimer que se torna pública na internet é gesto que permite compreender os espaços virtuais para além de uma visão que os toma como ferramenta (sem negar a contribuição de tais estudos), como se tal espaço fosse apartado da vida social. A internet fez emergir formas de experiência que atravessam os cotidianos e constituem um lugar público à vida contemporânea. Se dedicar a pensar sobre a forma como uma questão sensível e complexa como a DA aparece nesse espaço, mobilizada por narrativas de pessoas comuns e que reconfigura a forma como milhares de pessoas são afetadas perante a DA – e que ganha relevância ao ponto de pautar a criação de um curso – é gesto que implica a compreensão de formas de aprendizagem sobre e em nosso próprio tempo.

Até a qualificação do projeto, realizada em janeiro de 2021, esta pesquisa se orientava, a partir do gesto de Cláudia ao produzir seu canal no *YouTube*, por uma compreensão da DA enquanto diferença/anomalia que traz consigo uma mudança no projeto de vida de todos os envolvidos. Desta forma, a partir do momento em que a experiência de mãe e filha passa a ser mediatizada, abre-se o potencial para a construção de aprendizagens sociais. Além disso, o próprio diagnóstico de Alzheimer opera também como motor que desperta outros processos de aprendizagem.

Assim, destacava-se a observação de um duplo movimento/sentido de aprendizagem no contexto dessa experiência com o Alzheimer: o primeiro representaria os aprendizados promovidos pela DA nas pessoas diretamente envolvidas com a experiência e o segundo a partir do acionamento do *YouTube* enquanto um dispositivo, promovido pela mediação dessa experiência, em meio ao qual passam a ser promovidos processos de aprendizagem social. Naquele momento, foi delineado um problema de pesquisa, composto de duas principais questões: como perturbações na contemporaneidade emergem com a experiência pública

mediatizada do Alzheimer a partir de estéticas da diferença? E de que formas tais perturbações operam como motores na produção de aprendizados sociais sobre a Doença? Supunha-se que, levando em consideração a fissura temporal que a DA instaura, e as transformações que ela traz consigo, que as estéticas da diferença do Alzheimer recolocariam os sujeitos diante de campos problemáticos do cotidiano, do tempo e do habitar. Para responder aos problemas, foram elencados três objetivos específicos: i) examinar as estéticas do aparecer do Alzheimer e os cotidianos acontecimentais fissurados, constantemente, pela novidade; ii) investigar como o tempo emerge enquanto campo problemático na experiência pública do Alzheimer; iii) investigar o habitar e a apropriação de tecnologias, como elementos da experiência, pelos/nos/a partir dos cotidianos de convívio com o Alzheimer.

Contudo, após os diálogos estabelecidos na qualificação do projeto e, sobretudo, após a aproximação aprofundada com o universo do canal, foi observado que os processos de mediação se configuravam enquanto fatores-chave para a compreensão da experiência de Cláudia e Francisquinha, uma vez que, se todo o campo que as rodeia na convivência com o Alzheimer não fosse mediatizado, o *complexus* de afetações, aprendizados e relações construído e evidenciado nesta pesquisa não seria o mesmo. Assim, o problema de pesquisa previamente elencado foi reconfigurado logo após a qualificação do projeto, de tal forma a compor uma nova angulação, recortada das questões anteriormente estruturadas: **Como aprendizagens e tensões do contemporâneo emergem publicamente, a partir da mediação de uma experiência com o Alzheimer?**

Nesse lugar, o objetivo geral da presente dissertação pauta-se pelo gesto de compreender como aprendizagens e tensões do contemporâneo configuram, no âmbito do canal do *YouTube Francisquinha Alves – O Bom do Alzheimer*, uma experiência pública mediatizada, possível à DA. Como objetivos específicos, tal dissertação busca: i) problematizar os processos de mediação e as aprendizagens advindas da emergência de tal canal; ii) compreender os processos de aprendizagem que emergem com a experiência do canal pelo ponto de vista da experiência estética e da experimentação prática no mundo; iii) investigar as mudanças discursivas no canal após o lançamento do "curso Método *LoveCare*" e seus diálogos com as lógicas de um projeto de modernidade.

Neste sentido, apresentamos os procedimentos metodológicos que orientaram os modos de coleta e análise dos vídeos. Nossa entrada no universo do canal se deu, primeiramente, pela perspectiva da virada dos afetos, conforme Moriceau (2019). Para fins de organização do material e da análise, somos orientados pelo paradigma indiciário (GINZBURG, 1991; BRAGA, 2008). Observamos, após mergulharmos na experiência de Cláudia e Francisquinha

em uma maratona em meio à qual todos os vídeos⁸ até então publicados foram assistidos, a manifestação de quatro grandes fases experienciadas pelo canal, descritas no primeiro capítulo, que guiam e organizam as análises de toda dissertação.

1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O caminho metodológico dessa dissertação se configura enquanto uma pesquisa indiciária dos afetos, a partir de contribuições de Ginzburg (1991), Braga (2008) e Moriceau (2019). Nossa proposta parte de um encontro com a experiência do canal guiado pelas afetações e, a partir delas, apreender os indícios que dizem de Cláudia e Francisquinha e que, tensionados com nossos arcabouços teóricos, possam pautar discussões que dizem de nosso próprio tempo. Optamos por este caminho ao levarmos em consideração o caráter exploratório e experimental que nosso estudo solicita, na tentativa de vislumbrar como a publicização de uma experiência pública de convivência com o Alzheimer pode atuar como motor para a emergência de aprendizados sociais a respeito da DA, explicitando marcas da vida e experiências possíveis no contemporâneo.

A virada afetiva, discutida por Moriceau (2019), é cara para o contexto da presente dissertação, dada a sensibilidade que discutir, academicamente, uma experiência complexa e vasta como a de Cláudia e Francisquinha demanda. Compreendemos que, para darmos conta das investigações propostas, é necessário o reconhecimento da capacidade que nós, pesquisadores, temos de sermos afetados pelas duas e, ainda, de afetarmos a quem se dedique à leitura deste texto. Moriceau (2019) compreende o lugar do pesquisador, portanto, enquanto um gesto de comunicação e não somente de estudo/pesquisa e, os frutos de tal comunicação, antes de serem conceitos são, justamente, os afetos.

Assim, ao não nos afastarmos do encontro que temos com o universo do canal *Francisquinha Alves – O Bom do Alzheimer*, reconhecemos que o processo de escrita, as análises tecidas e os referenciais acionados são guiados pela afetação que a história de vida de mãe e filha nos provocam. Tais afetações, conforme o autor, deformam nossos corpos e pensamentos, nos permitem tecer aprendizagens e, através da escrita, buscamos transmitir estes movimentos para que a leitura do trabalho proporcione também outras possibilidades de deformações e, conseqüentemente, de aprendizagens.

⁸ Foram selecionados, como corpus de análise, os vídeos publicados até 31/07/2021.

Assim, a partir de tal proposta, a presente dissertação não visa desvelar algum “oculto” presente no canal, ou ainda, fazer qualquer juízo de valor sob a experiência de Cláudia e Francisquinha. A partir do encontro com a história de vida das duas, retratada nos vídeos do canal, somos afetados por múltiplas forças emocionais: alegrias, tristezas, arrependimentos, surpresas, carinhos, incômodos e estranhamentos. E, a partir desse contato, tecemos análises que nos permitem pensar em fenômenos que ultrapassam o universo do canal. Nossas análises são tecidas, portanto, na tentativa de despertar também outros afetos durante a leitura tais afetações, uma vez que foram os desarranjos provocados por elas que permitiram a existência de nossas reflexões.

Afetados, nos valem do paradigma indiciário em Ginzburg (1991), na tentativa de elencar os indícios dessa experiência que nos permitem construir a presente dissertação. Dito por outras palavras, nos valem da proposta indiciária para tentarmos organizar didaticamente a multiplicidade de afetações despertadas pelo canal, para que nós mesmos possamos tecer qualquer proposta analítica e não nos mantermos apenas mergulhados em forças emocionais, carregados por elas.

Ginzburg (1991) apresenta um panorama histórico a respeito da construção do paradigma indiciário: a partir do método do italiano Giovanni Morelli, que se valia de traços negligenciados de pinturas (unhas, orelhas, formas dos dedos) para identificar a autoria das mesmas, o autor apresenta uma possibilidade epistemológica para as humanidades. A proposta de Morelli é que tais características se tornam peças-chave para a identificação do pintor, na medida em que tendem a ser menos influenciadas pelas respectivas escolas artísticas em que o artista se insere – e, portanto, dificilmente imitáveis. Todavia, traços específicos - como dedos, orelhas, unhas, etc. - representavam os momentos de desvencilhamento de suas tradições culturais, dando lugar a técnicas individuais e inconscientes.

O método indiciário morelliano é comparado, por exemplo, à figura de Sherlock Holmes, personagem detetive de Arthur Conan Doyle, aquele que, por meio de indícios que passavam despercebidos aos olhos dos outros, revelava a identidade dos criminosos nas tramas em que se envolvia (GINZBURG, 1991). Aparece também como influência para Freud que, nos estudos da psicanálise, propõe que sejam levados em consideração detalhes até então tidos como triviais e não importantes para a compreensão do espírito humano. Antes disso, nos berços da humanidade, gerações de caçadores já se orientavam a partir de pegadas, galhos partidos, aromas, entre outras. Aprenderam, por meio de pistas/indícios/sintomas a compreender a realidade em sua volta e transmitiram de maneira oral e/ou ilustrada tais conhecimentos para as gerações posteriores.

Enquanto metodologia, investigar os indícios implica em se atentar para fragmentos de experiências que possam parecer insignificantes, pequenos ou descartáveis. Contudo, estas pequenas pistas carregam em si potenciais tensionamentos entre teoria e objeto empírico, estes que, atrelados ao olhar atento do pesquisador, nos permitem vislumbrar relações que se apliquem a contextos que ultrapassam o recorte do próprio objeto. Em nossa pesquisa, entretanto, olhamos para a experiência do canal, tomando este não como objeto, mas como um “outro” que encontramos, que nos afeta e que nos leva a afetar, de tal forma que essa sensibilidade não poderia estar afastada da construção do presente trabalho.

Braga (2008) apresenta uma série de propostas a partir do paradigma indiciário nos estudos da comunicação, e que podem ser apropriadas nas interfaces com pesquisas em educação. O autor aponta que as complexidades do campo comunicacional, tendo em vista as múltiplas relações, objetivos e contextos que envolvem o fenômeno interacional, dificultam a construção de pesquisas nomotéticas. Como resposta, os estudos de caso aparentam responder a essa questão, ao nos atentarmos para as particularidades destes fenômenos. Braga (2008) nos propõe uma articulação entre dados empíricos encontrados a partir dos indícios com proposições gerais de uma realidade complexa.

Contudo, não partimos de uma perspectiva que almeje tomar conhecimento ou se debruçar sobre uma “realidade”. Nos valem do paradigma indiciário no intuito de encontrar pistas, indícios de composições do que encontramos e nos afetamos quando estamos em contato com o canal. O tensionamento dos indícios, no contexto desta pesquisa, se dá, portanto, partir da afetação, tendo como princípio o entendimento de que não há como abordar uma experiência como a de Francisquinha, marcada por inúmeras vulnerabilidades, tensionamentos, e afetações, por outra via além do sensível:

Como método, não se trata de produzir representações mais ricas, mas de encontrar formas para efetuar um mergulho no concreto, no vivido, no parcial, no local, no específico, no experimentado, no relacional (Letiche & Lightfoot, 2014), “permitindo surfar as ondas do afeto na crista das palavras, encharcados até nosso esqueleto conceitual pela delicadeza dessa aspersão.” (Massumi, 2015, p. vii), para, em seguida, tentar pensar e escrever sob os efeitos desse banho experiencial. (MORICEAU; MENDONÇA, 2016, p. 81).

Na presente pesquisa, mergulhamos no universo do canal de Francisquinha por cinco anos (desde o primeiro vídeo publicado em 30/07/2016 até o dia 31/07/2021, totalizando 1.291 vídeos/lives) – movimento este que nos permitiu rir, chorar, indignar-nos e aprender. Esse contato nos permitiu observar nuances e tensionamentos que nos levaram a organizar a

experiência de Cláudia e Francisquinha no *YouTube* em quatro grandes fases, que serão apresentadas no primeiro capítulo dessa dissertação. Tais nuances e tensionamentos são atravessados por um marcador chave: os processos de midiatização e, portanto, é a partir deles que as fases se orientam.

Para a escrita dos capítulos, foram elencados 63 vídeos enquanto indícios prévios que, durante a maratona, nos despertaram inquietações e que potencialmente seriam discutidos nos procedimentos analíticos. As análises foram tecidas, processualmente, entre vídeos reassistidos (dentre aqueles na lista) e leituras recuperadas: se, inicialmente, os vídeos foram maratonados e selecionados a partir dos incômodos e das afetações que provocam, nesse segundo momento são assistidos atentamente, em constante processo de “tensionamento triangular entre a situação empírica, as bases teóricas e o problema de pesquisa”, conforme proposto metodologicamente por Braga (2008, p. 81).

Assim, o primeiro capítulo busca construir tensionamentos entre os conceitos teóricos de midiatização, aprendizagens em contextos midiatizado, competência midiática e a experiência presente no canal *Francisquinha Alves – O Bom do Alzheimer*. Argumentamos que o canal opera como motor de aprendizagens para o público, a partir do desenvolvimento de habilidades da competência midiática, além de observarmos como a própria Cláudia desenvolve competências enquanto compartilha seus momentos com a mãe e interage com aqueles que às assistem. Para isso, são mobilizadas enquanto fundamentação teórica, as contribuições de Braga (2012; 2017; 2017b), acerca dos processos de midiatização contemporâneos, bem como de seus dispositivos e circuitos para compreendermos a proliferação de emergências como a de Francisquinha. Posteriormente, a perspectiva de Braga e Calazans (2001) no que se refere aos processos de aprendizagem em contextos midiatizados e de Ferrés e Piscitelli (2015) sobre competência midiática são acionadas. Por fim, apresentamos nossas discussões sobre quatro fases experienciadas pelo canal *Francisquinha Alves – O Bom do Alzheimer*, compreendendo as particularidades e características de cada uma delas, sob a ótica da midiatização, das aprendizagens e da competência midiática.

O segundo capítulo busca argumentar que o canal é construído a partir de processos de afetação e, em decorrência disso, desperta outras afetações em seu público. Evidenciamos os movimentos de ruptura presentes na trajetória midiatizada de Cláudia e Francisquinha, promovidas, inicialmente pelo diagnóstico da DA, que altera as relações entre as duas e entre o mundo e que recai sobre Cláudia em caráter acidental e que própria criação do canal representaria outro movimento de ruptura: com as expectativas do que deve aparecer publicamente sobre o Alzheimer. Nesse intuito, são acionadas as perspectivas de Bondía (2002)

e Dewey (1980) para circunscrever as características dos fenômenos de afetação promovidos por uma experiência estética, e suas relações com os processos de aprendizagem observados no canal. Além disso, nos valem das contribuições de Magalhães (2009) a respeito da partilha do mundo comum em Hannah Arendt, para discutir o gesto de aparecer enquanto marcador inicial para a construção dos fenômenos de afetação e aprendizagem. Discutimos, ainda, a perspectiva de Tim Ingold (2000; 2010; 2012), para quem o aprendizado se dá a partir da vivência e experimentação prática no mundo. Por fim, a partir do entendimento de que tais gestos se dão no espaço praticado do cotidiano nos valem da ótica de Certeau (1998) e Lacerda (2017).

O terceiro capítulo se dedica à investigação das mudanças que atravessam as lógicas discursivas presentes no canal a partir do lançamento do Método *LoveCare*, compreendidas pelo ponto de vista dos impactos que a instauração um projeto de modernidade possui na contemporaneidade. Assim, partimos da leitura de autores como Taylor (2011), Souza (2012), Bessa (2015) e Rodrigues e Rangel (2017) para compreendermos as tensões que permeiam essas noções de temporalidade, além de, a partir de Mafra e Marques (2019), refletirmos sobre as implicações de tal projeto nos espaços organizacionais frente os contextos democráticos da contemporaneidade. Em seguida, nos valem das noções de biopoder e biopotência a partir das contribuições de Pelbart (2008), na tentativa de observar as nuances entre o alcance do capital no contemporâneo, que atinge, inclusive, nossa subjetividade, e as possibilidades de escape e de resistência. Assim argumentamos que, ainda que as estratégias discursivas acionadas a partir lançamento do curso indiquem para movimentos de diálogo com ideais modernos, tais processos dizem das demandas e expectativas que a vida na contemporaneidade nos coloca. Além disso, pontuamos que tanto o lançamento do Método *LoveCare* quanto a criação do próprio canal, são gestos de resposta e resistência à uma série de ausências impostas ao cuidador e ao paciente de Alzheimer a partir do diagnóstico.

Por fim, as considerações finais da dissertação recuperam os principais elementos das discussões apresentadas durante cada capítulo. Em acréscimo, apresentam um relato/reflexão sobre o fluir, sobretudo metodológico, desta pesquisa, destacando a compreensão sobre o papel da pesquisa nas humanidades que tonaliza a escrita desse texto.

2. EXPERIÊNCIA PÚBLICA DO ALZHEIMER NO CANAL *O BOM DO ALZHEIMER*: MUDIATIZAÇÃO E COMPETÊNCIA MUDIÁTICA COMO MOTORES DE APRENDIZAGENS SOCIAIS

2.1. INTRODUÇÃO

O presente capítulo tem como intuito problematizar os processos de midiatização da experiência pública do Alzheimer do canal do *YouTube Francisquinha Alves - O Bom do Alzheimer*, tensionando aprendizagens em contextos midiatizados e competência midiática, na compreensão do canal enquanto motor de aprendizagens sociais.

O canal surge com a proposta de registro de um cotidiano atravessado pelo Alzheimer que não encontra espaço nos discursos da área da saúde (conforme Cláudia menciona em diversos vídeos) e, mais do que isso, para compartilhar um modo de conviver com o Alzheimer que Cláudia constrói nesse cotidiano: ela se vale da midiatização para ensinar aos seguidores suas práticas de cuidado com a mãe. Contudo, esse é um processo tentativo, uma vez que Cláudia aprende, ao longo do tempo, o que significa estar em uma plataforma como o *YouTube* e como se comunicar com o público que, eventualmente, emerge e se constitui em tais interações.

Inicialmente descrevemos e tensionamos as contribuições teóricas que constroem a base argumentativa do capítulo. Nos valem dos estudos de Braga (2012; 2017; 2017b), acerca dos processos de midiatização contemporâneos, bem como de seus dispositivos e circuitos para compreendermos a proliferação de emergências como a de Francisquinha. Posteriormente, acionamos a perspectiva de Braga e Calazans (2001) no que se refere aos processos de aprendizagem em contextos midiatizados e de Ferrés e Piscitelli (2015) sobre competência midiática, para compreendermos estes marcadores como fatores-chave no canal.

Por fim, apresentamos nossas discussões sobre as quatro fases experienciadas pelo canal *Francisquinha Alves – O Bom do Alzheimer*, compreendendo as particularidades e características de cada uma delas, sob a ótica da midiatização, das aprendizagens e da competência midiática. Observamos que, durante os cinco anos de Canal, são promovidas múltiplas aprendizagens: o cuidado e o afeto com o portador de Alzheimer e da pessoa idosa, sinais e fatores importantes para diagnóstico, direitos da pessoa idosa, riscos, dicas, entre outros. Contudo, tais aprendizagens só acontecem a partir do desenvolvimento de habilidades da competência midiática pelo próprio público, que em meio a uma infinidade de conteúdos disponíveis no contemporâneo, consegue selecionar, questionar, interpretar e interagir com os

vídeos. Além disso, observamos também o desenvolvimento de habilidades da competência midiática pela própria Cláudia que, ao longo do tempo, compreende o que é estar no *YouTube*, quem são seus públicos e o que/como deverá ser produzido e publicado.

Tais fases, inicialmente delimitadas apenas para fins de organização do material, terminaram por se configurar enquanto os conceitos-chave para a escrita do primeiro capítulo, uma vez que é a partir das lógicas da midiática da experiência de Cláudia que ela assim se constitui. Dito por outras palavras: O Bom do Alzheimer, Cláudia, Francisquinha e todo o universo do canal só são da forma que são e promovem aprendizados como promovem a partir da midiática. Assim, esse primeiro capítulo evidencia tais movimentos, bem como evidencia as habilidades da competência midiática que perpassam essa experiência.

Nosso interesse, neste capítulo, é observar os processos de midiática que permeiam os cotidianos atravessados pelo Alzheimer, os aprendizados que advém desse processo e as habilidades da competência midiática que demandam. Nesse sentido, alguns indícios serão apresentados na seção de análise, organizados a partir das quatro fases do canal, que em algum sentido nos afetaram e dizem da experiência de Cláudia, Francisquinha e seus públicos no *YouTube*.

2.2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.2.1. Midiática como tópicos comunicacional de experiências públicas contemporâneas

Na tentativa de circunscrever o que, na presente pesquisa, compreendemos enquanto midiática, tomaremos como principal base conceitual as contribuições de Braga (2012; 2017; 2017b). O autor (2012) recupera algumas discussões de Antônio Fausto Neto, a fim de explicitar que, em uma sociedade em midiática, experienciamos um movimento de conversão da cultura midiática enquanto referencial estruturante sócio-técnico-discursivo, acelerando e diversificando as formas de interação da própria sociedade com a sociedade. São processos que envolvem os meios, os receptores e suas mediações de formas múltiplas e diversificadas. O termo não se reduz, contudo, ao viés tecnológico crescente e marcante de tais processos, ainda que o mesmo seja um elemento notável: não são processos comunicacionais exclusivamente derivados das invenções tecnológicas, mas um acionamento de tais inventividades a partir de uma demanda social e interacional.

A percepção de um sistema de circulação interacional implica no reconhecimento de um fluxo de sentidos e estímulos inicialmente disparados pela mídia. Isso significa compreender os

“receptores” enquanto agentes ativos, em meio aos quais a circulação se comporta como um resultante das diferenças entre o que é produzido e o que é recebido, ampliando o campo de possibilidades interacionais. As novas lógicas de circulação presentes em uma sociedade midiaticizada afetam, portanto, os padrões de produção e de recepção, que passam a se inserir em um fluxo contínuo, em meio ao que anteriormente se observava como um modelo conversacional:

Esse “fluxo adiante” acontece em variadíssimas formas – desde a reposição do próprio produto para outros usuários (modificado ou não); à elaboração de comentários – que podem resultar em textos publicados ou em simples “conversa de bar” sobre um filme recém visto; a uma retomada de ideias para gerar outros produtos (em sintonia ou contraposição); a uma estimulação de debates, análises, polêmicas – em processo agonístico; a esforços de sistematização analítica ou estudos sobre o tipo de questão inicialmente exposta; passando ainda por outras e outras possibilidades, incluindo aí, naturalmente a circulação que se manifesta nas redes sociais. (BRAGA, 2012, p. 39-40).

Esses processos se manifestam socialmente, para Braga (2012), em circuitos culturalmente praticáveis e inseridos em campos sociais específicos. A partir da definição de Adriano Rodrigues de campos sociais enquanto esferas de legitimidade que coexistem em pluralidade e que compõem formas de visibilidade, Braga reconhece que, para além de uma monopolização dos meios enquanto responsáveis pela mediação, faz-se necessário entender que a própria sociedade, seu funcionamento e sua constituição são interpostos pela “cultura da mídia”. Assim todos os setores da sociedade passam a se inserirem e articularem em outros circuitos diversos, em contraposição a suas lógicas específicas até então estabelecidas. Dito por outras palavras, “a ‘esfera de legitimidade’ estabelecida pelos diferentes campos sociais se encontra agora constantemente em risco, devendo ser continuamente reconsiderada e reelaborada” (BRAGA, 2012, p. 46).

Tais movimentos explicitam as alterações advindas das interações em mediação que transformam a atuação e o desenvolvimento dos campos sociais, considerando o contexto contemporâneo de intensificação das necessidades, estratégias e movimentos de interação social. As “esferas de legitimidade” dos campos sociais são, portanto, atravessadas e transformadas pelos circuitos complexos provenientes do fluxo contínuo de circulação. As inovações advindas destes movimentos estão relacionadas, para Braga (2012), às invenções sociais que conferem sentido aos aparatos tecnológicos que se inserem no processo. O conceito de “dispositivos interacionais” é acionado pelo autor não para se referir a este aparato, mas às “matrizes sociais” que, nos processos interacionais, são elaboradas e acionadas, tentativamente,

a fim de possibilitá-los, configurando o ambiente da mediação, por consequência enquanto também tentativo e experimental. Assim:

Mais, então, que por um “foco na mídia”, percebemos hoje a mediação da sociedade como uma criação e recriação contínua de circuitos, nos quais, articulados com processos de oralidade e processos do mundo da escrita, os processos que exigem ou exercem mediação tecnológica se tornam particularmente caracterizadores da interação. Entretanto, tais possibilidades são muito diferentemente acionadas a cada caso, por cada campo social ou setor de campo, ou ainda por participantes sociais reivindicadores de perspectivas diferentes daquelas já estabelecidas. (BRAGA, 2012, p. 50).

Assim, este contexto de proliferação de processos interacionais, assinalados por uma qualidade tentativa, são organizados por meio de dispositivos interacionais (Braga, 2017), produzidos socialmente e caracterizados pelos códigos compartilhados entre os indivíduos e a elaboração de inferências. O desenvolvimento destas representa a série de hipóteses produzidas pelos participantes da interação a fim de compor e reconhecer sentido, relacionando as intenções do enunciador com o contexto em que se encontram, uma vez que os códigos linguísticos, por si só não são suficientes para garantir uma situação de comunicação. Para Braga (2017), o processo comunicacional está centrado, exatamente, na construção das inferências, que não se limitam à interpretação mais provável, mas também ao ajuste do que é comunicado em relação aos arcabouços do receptor e da possibilidade de prosseguimento da interação.

Braga (2017, p. 33) observa, portanto, a manifestação de inúmeras “táticas-padrão, de modelos reconhecíveis”, mobilizados de múltiplas formas pelos participantes de uma situação comunicacional na tentativa de constituir a interação: os dispositivos interacionais. Em suma, o conceito é definido como “um modelo desenvolvido pela prática experimental (tentativas) que conta com uma articulação mais ou menos definida de processos ‘de código’ e de espaços não codificados solicitadores da inferência dos participantes” (BRAGA, 2017, p. 33-34). É necessário pontuar, contudo, que tais dispositivos não se configuram apenas como os meios de comunicação, mas também a pluralidade de materiais e processos que potencialmente indicam uma direção e um uso dos aparatos tecnológicos. O conceito engloba, portanto, as mediações, expectativas e promessas do usuário, bem como contextos de produção e de resposta envolvidos na interação. Por consequência, o episódio interacional para Braga, refere-se ao momento em que se efetua o dispositivo, composto por suas próprias singularidades.

As interações que tomam parte em meio a um episódio interacional, conforme Braga (2017b), não necessariamente se extinguem com a finalização do mesmo, uma vez que

atingidos os resultados de uma interação, surgem potencialidades para o início de outras, a partir da circulação de “decisões, encaminhamentos, ideias, sentimentos expressos, objetivos” (BRAGA, 2017b, p. 43) de um episódio em meio a outros contextos relacionais.

Esta circulação não implica em um vínculo entre estes episódios, uma vez que a própria sociedade, nos processos tentativos já explicitados, tensiona e conecta-os, compondo articulações entre os dispositivos interacionais. Para Braga (2017b), estes movimentos explicitam um circuito de comunicação, direcionando os fluxos comunicacionais conforme os contextos em que se inserem. A partir da instituição destes circuitos, os dispositivos interacionais passam a ser modificados, contrapostos, mantidos, em um fluxo contínuo de comunicação. O autor sintetiza:

Podemos considerar que circuitos comunicacionais são tendencialmente produzidos quando os processos e resultados (saída) de um dispositivo interacional de ação continuada ou frequente são de interesse para outros dispositivos que de algum modo trabalharão tais elementos como componentes de entrada para sua ação interacional. (BRAGA, 2017b, p. 45).

Tais circuitos se proliferam em diversos setores sociais, atravessando as lógicas específicas de interação vigentes antes da cultura da mediatização aqui explicitada. É assim que os campos sociais atuam, tentativamente, na reinvenção, no redirecionamento ou estabilização dos processos de mediatização.

2.2.2. Aprendizagens e interação na mediatização de experiências públicas: a emergência da competência midiática

A fim de compreender as possíveis aproximações entre os campos da educação e da comunicação, Braga (2001) nos fornece, a partir do tensionamento entre os conceitos de aprendizagem e educação, alguns possíveis caminhos. Para o autor, a aprendizagem escapa à educação na medida em que se classifica enquanto uma habilidade inata do ser humano: aprendemos enquanto experimentamos, agimos e interagimos no mundo e, não necessariamente apenas no espaço escolar.

Braga (2001) observa o surgimento de um espaço de aprendizagem em meio aos contextos contemporâneos, marcados pelos processos de mediatização. As aprendizagens advindas neste campo escapam do controle da família e das experimentações práticas e culturais do cotidiano social, sendo controladas pelo próprio indivíduo que, muitas vezes, aprende sem perceber que está aprendendo (em contraposição ao aprendizado escolar, orientado para este fim). Contudo, em meio à proliferação de dispositivos interacionais em uma sociedade

mediatizada, não basta o contato com as informações disponíveis para a construção da aprendizagem. São necessários movimentos de seleção, solução de problemas, interações, reações, interpretações para que a aprendizagem ocorra.

Portanto, para que possamos compreender o que delimitamos, no escopo desta pesquisa enquanto aprendizagem, precisamos observá-la para além deste resultante de um direcionamento objetivo prévio, em que se almeja a conquista de uma formação. Conforme apontam Braga e Calazans (2001, p. 98), a “aprendizagem aparece então como uma consequência não almejável, mas inevitável, como uma decantação de outras atividades, como um complemento não percebido pelo usuário”.

A possibilidade de reflexão a partir da aprendizagem em dispositivos interacionais está diretamente relacionada, para o autor e para a autora (2001), com as aprendizagens adquiridas em outros espaços. As circunstâncias contextuais de cada indivíduo permitem que ele interaja com os dispositivos e então, desenvolva competências de aprendizagem específicas. As potencialidades dos contextos mediatizados não são, contudo, completamente autônomas, uma vez que o que é produzido midiaticamente também é controlado socialmente, bem como as disponibilidades de cada contexto cultural, familiar e educacional. Isso significa que as decisões acerca do que deve ou não ser produzido midiaticamente (e, por consequência, potencial motor de aprendizagem), são atravessadas pelas estruturas sociais, suas vulnerabilidades, tensões e diferenças.

Ainda que a produção de conteúdo midiático opere em meio aos atravessamentos estruturais da sociedade, com tendências à opressão e ao ocultamento de diferenças, emergem tentativas de rompimento com esta lógica, protagonizadas por grupos sociais historicamente marginalizados. Com a expansão da disponibilidade de acesso a dispositivos midiáticos, expande-se também a possibilidade da aparência de histórias, narrativas, personagens e experiências, estas que, até então, tenderiam a se manter resguardadas a um âmbito privado. Tal aparecimento requer, contudo, uma série de competências mínimas - modos de se operar e de fazer -, para que o uso dos dispositivos seja possível.

A discussão acerca das competências, cujas origens remontam a um universo mercadológico, almejando uma eficácia profissional, ganha outros contornos na academia, a partir de uma aproximação da temática frente ao debate educacional (FERRÉS; PISCITELLI, 2015): nesse movimento, eis que emerge a discussão sobre competência midiática. Tal discussão passa a operar, então, como possibilidade de desenvolvimento de uma autonomia cidadã, social e cultural, sendo tais competências definidas, para Ferrés e Piscitelli (2015, p. 3)

como “uma combinação de conhecimentos, habilidades e atitudes consideradas necessárias para um contexto determinado”.

Dessa forma, os autores (2015) propõem, com intuito didático e metodológico, uma série de indicadores e dimensões que englobam o conceito de competência midiática, a partir de dois grandes âmbitos: análise e expressão. Enquanto o âmbito da análise se volta para as competências relacionadas à recepção e à interação de mensagens, o âmbito de expressão envolve o ponto de vista de produção. Desta forma, a competência midiática se estabelece em meio ao desenvolvimento da capacidade de interagir criticamente com aquilo que se recebe em meio aos dispositivos midiáticos, além da perícia própria para a produção de mensagens.

São apresentadas pelos referidos autores seis dimensões que se articulam a partir de uma série de indicadores, necessárias à construção do que eles definem como sendo a competência midiática. A primeira delas, Linguagem, se relaciona, no âmbito de análise a partir das capacidades de interpretação e análise de códigos, significados e sentidos, das estruturas em que se inserem, compreendendo-as a partir de diversos dispositivos e estabelecendo relações intertextuais. No âmbito da expressão, a competência envolve as capacidades de expressão mediante a tomada de decisão entre os múltiplos dispositivos e formas de veiculação das mensagens, podendo se valer de produções já existentes, ressignificando-as (FERRÉS; PISCITELLI, 2015).

A segunda dimensão indicada pelos autores (2015), Tecnologia, está direcionada, no âmbito de análise, à capacidade de compreender o que as tecnologias da informação significam em nosso tempo contemporâneo em suas potenciais implicações. Além disso, envolve também a habilidade de interação com os dispositivos midiáticos visando à construção de aprendizado, manuseando atualizações tecnológicas, de tal forma a possibilitar uma “comunicação multimodal e multimídia” (FERRÉS; PISCITELLI, 2015, p. 10) que acaba se desenvolvendo em meio a estes dispositivos. Por outro lado, no âmbito da expressão, são identificadas as capacidades de manuseio, adaptação e manipulação dos dispositivos e seus produtos em meio a um ambiente multimídia.

Ferrés e Piscitelli (2015) identificam enquanto terceira dimensão os Processos de interação em si, em que, no âmbito de análise, se relacionam às capacidades de selecionar, revisar e auto avaliar, racionalmente, as formas como consumimos conteúdos midiáticos, compreendendo as motivações para a tomada de decisão de consumo e avaliando os efeitos cognitivos que as emoções promovidas por estes nos proporcionam. Em acréscimo, solicitam também a capacidade de discernimento entre aquilo que nos provoca reações emocionais ou racionais, de sentido ou opinião, compreendendo os contextos interacionais. Por fim, este

âmbito envolve um conhecimento mínimo acerca do conceito de audiência, apreciação de conteúdos interculturais e aproveitamento do “ócio midiático” (2015, p. 11) para a construção de aprendizagens.

No que tange ao âmbito da expressão, os autores pontuam enquanto indicadores à compreensão dos dispositivos enquanto oportunidades de transformação e construção de cidadania, possibilitando o exercício de atividades colaborativas, interagindo com múltiplos indivíduos e culturas, não abandonando o conhecimento e a responsabilidade das possibilidades e limites da lei em meio à produção midiática.

A quarta dimensão categorizada pelos autores (2015) se debruça, especificamente sobre os Processos de Produção e Difusão, em que, no âmbito da análise são englobados os conhecimentos sobre as distinções entre os tipos de produções (individuais, coletivas, públicas, privadas, etc.), os usos destas produções e as técnicas e os sistemas demandados, além de suas especificidades regulatórias. No âmbito de expressão, são categorizados os conhecimentos acerca destes processos de produção e a estrutura que demandam, além da capacidade de trabalhar na construção de produtos midiáticos, selecionando e ressignificando mensagens, valendo-se dos “meios tradicionais e redes sociais”. Além disso, estão envolvidos neste âmbito a construção de identidades online e off-line, compreendendo o papel do controle de dados e da propriedade intelectual de si e de terceiros, criando redes de colaboração.

Ideologia e valores são apontados como a quinta dimensão acerca do desenvolvimento de competência midiática. Em seu âmbito de análise estão inseridas as capacidades de compreensão acerca do papel das representações midiáticas perante nossa compreensão da realidade, de avaliação das fontes de informação e sua confiabilidade, com aptidão para a hierarquização e sintetização de informações diversas. Em acréscimo, são elencadas as capacidades de percepção e crítica das intencionalidades de um produto midiático, bem como os usos que fazem de estereótipos, compreendendo o papel da emissão de opinião e da identificação emocional com personagens e narrativas enquanto potenciais mecanismos de manipulação. Por fim, são pontuadas as capacidades de auto entendimento emocional nos processos de interação com os produtos midiáticos e as ideologias e valores que transmitem, além da manutenção de uma conduta ética e legal no que tange ao acesso a estes materiais.

A dimensão Estética, última apontada por Ferrés e Piscitelli (2015, p. 14) abarca, no âmbito de análise, as capacidades de afetação perante o conteúdo e sua forma, reconhecendo a adequação de uma produção midiática à qualidade estética, relacionando-as com “outras manifestações artísticas, detectando influências mútuas”, além de identificar os movimentos estéticos em que se inserem. No âmbito de expressão são elencadas as capacidades de produção

de conteúdos midiáticos com potencial de afetação criativa, sensibilidade e originalidade, e de apropriação e transformação de manifestações estéticas já existentes.

Alguns dos conceitos apresentados pelos autores são abordados em perspectivas discordantes com algumas das compreensões basilares deste trabalho, especialmente no tocante à dimensão Estética, uma vez que os autores elencam enquanto um dos indicadores do âmbito da análise a “sensibilidade para reconhecer uma produção midiática que não se adequa às exigências mínimas de qualidade estética”. No contexto desta dissertação, compartilhamos de uma perspectiva deweyana a respeito da qualidade estética, a compreendendo, sobretudo enquanto a possibilidade de afetar a alguém, como veremos no capítulo 2. Podemos nos afetar por uma multiplicidade de estímulos, a depender de nossas experiências de vida e, por isso, achamos uma tarefa complicada elencar exigências mínimas que confirmam qualidade estética à uma produção midiática.

Apesar de tais distinções, nos valemos da discussão de competência midiática enquanto um horizonte de pistas: não enquanto marcadores estáticos, mas como frutos que emergem no fluir da experiência. Ainda que organizadas em uma série de dimensões, todas elas operam de maneira interligada e nossa proposta é que, a partir da observação das habilidades da competência midiática desenvolvidas por Cláudia e pelos públicos, possamos observar como a midiaticização opera enquanto motor de aprendizagens sociais no cotidiano.

2.3. APRENDIZAGENS E COMPETÊNCIA MIDIÁTICA NO CANAL FRANCISQUINHA ALVES - O BOM DO ALZHEIMER

A experiência do canal “Francisquinha Alves - O Bom do Alzheimer” nos permite tecer reflexões acerca dos processos de midiaticização de contextos marcados pela diferença, bem como as habilidades da competência midiática acionadas nestes movimentos, além dos possíveis aprendizados que emergem com a mesma, conforme buscaremos elucidar no presente tópico. Nossa análise é construída a partir das afetações dos pesquisadores ao entrarem em contato com este cotidiano midiaticizado e, de antemão, pontuamos que uma multiplicidade de outras significações poderia emergir ao olhar para a experiência de Francisquinha e Cláudia, se observadas através de outras lentes teóricas/outras afetações. A partir dos referenciais que apresentamos no presente capítulo, e dos indícios que nos afetaram durante a maratona de vídeos do canal, buscamos articular os campos empíricos e teóricos, construindo inferências que nos dizem do próprio fluir da vida e das diferenças em meio ao contemporâneo midiaticizado.

Nossa decisão metodológica de sinalizar quatro fases do conteúdo do canal é guiada não apenas por um marcador cronológico, mas midiático. Ao longo do tempo, Cláudia modifica a forma como se relaciona com o Alzheimer da mãe, com os vídeos, com a plataforma e com seus públicos. Observar as lógicas dessas relações midiáticas nos permite compreender como os dispositivos atuam, construindo, modificando, estruturando e questionando campos sociais até então estabelecidos.

A primeira fase compreende o período de 30/07/2016 até 13/10/2018 e é caracterizada, principalmente, pela informalidade e pelo amadorismo de Cláudia em relação à produção de conteúdo pela internet. Ao todo, a fase é composta por 96 vídeos que raramente ultrapassam cinco minutos de duração, nos quais Cláudia acompanha a mãe em alguma atividade do cotidiano e, raramente se dirige ao público do canal.

O endereçamento de Cláudia para um público é o marcador para o estabelecimento da segunda fase, que compreende o período entre 16/10/2018 e 24/07/2019 e que se caracteriza, principalmente, pelos primeiros esforços de Cláudia em produzir vídeos voltados para o público do YouTube, além do início da monetização do canal. Foram publicados, nesta fase 328 vídeos, que passam a ter entre oito e dez minutos de duração. Cláudia passa, nessa fase, a protagonizar vídeos com dicas, reflexões e conscientizações, além de interagir com o público enquanto acompanha a mãe.

A terceira fase do canal (entre 25/07/2019 e 09/09/2020) é demarcada a partir da edição de vídeos, competência esta que Cláudia aprende com a própria filha, Carol. De maneira geral, nota-se um amadurecimento dos esforços iniciados na segunda fase, de tal sorte que, nos 414 vídeos da fase, a principal diferença passa a ser a inserção dos comentários de Cláudia a respeito do que foi gravado durante o dia, refletindo ou reiterando algo. Além disso, começa a promover *lives* que passam a ocupar boa parte da “programação” do canal na última fase.

A quarta e última fase é marcada pela profissionalização do canal a partir da instituição do Método *Love Care*, curso vendido por Cláudia e sua equipe para cuidadores de pacientes com Alzheimer. São 454 vídeos e *lives* publicados entre 10/09/2020 e 31/07/2021: nesse momento, nos quais o discurso publicitário passa a fazer parte, tanto dos vídeos do cotidiano das duas, quanto de vídeos antigos aproveitados e das *lives*.

Quadro 1 – Fases do Canal *Francisquinha Alves – O Bom do Alzheimer*.

	Data de Início	Data de Conclusão	Número de Vídeos	Palavras chave
1ª fase	30/07/2016	13/10/2018	96	amadorismo, espontaneidade
2ª fase	16/10/2018	24/07/2019	328	produção de conteúdo, monetização
3ª fase	25/07/2019	09/09/2020	414	edição, aprimoramento
4ª fase	10/09/2020	31/07/2021	454	profissionalização, mercantilização

Fonte: Construído pela própria autora.

A seguir, tentaremos demonstrar como a própria dinâmica do canal emerge em função de uma lógica de midiaticização, a partir do desenvolvimento de habilidades da competência midiática, que afetam Cláudia e sua relação com a doença, com as pessoas e, em última análise, com a projeção de uma experiência pública possível ao Alzheimer.

2.3.1. Fase 1: Amadorismo e espontaneidade

Chamamos a atenção, inicialmente, para a produção de vídeos em si, o que é mostrado e o que é ocultado e de que forma isso se dá, ao longo dos cinco anos de canal. Durante a primeira fase, Cláudia se dedicava, majoritariamente a compartilhar trechos curtos do cotidiano com a mãe, interagindo mais com Francisquinha que com seu público. Apesar da pretensa “informalidade” de um conteúdo “amador”, no primeiro vídeo⁹ do canal Cláudia explicita o tom e a proposta do Canal: ensinar sua forma de cuidar da mãe. O vídeo, publicado em 30 de julho de 2016 foi gravado inicialmente para ser publicado no Facebook, cuja aparente ausência de entrega dos vídeos motivou a criação de um perfil no YouTube. Cláudia demonstra, desde o início, em algum nível, competências relacionadas à dimensão de Tecnologia, conforme Ferrés e Piscitelli (2015), a partir do momento que compreende e se vale das potencialidades e limitações de múltiplas plataformas midiáticas (Facebook e YouTube), bem como a possível construção de aprendizados a partir destas.

⁹

Disponível

em:

https://www.youtube.com/watch?v=GJhF0EEDdYM&t=1s&ab_channel=FrancisquinhaAlves-ObomdoAlzheimer >. Acesso em: 29 ago. 2021.

<

Podemos pontuar ainda, a presença do entendimento de que aquilo que era compartilhado poderia colaborar para uma formação cidadã, conforme a dimensão de “Processos de interação” de Ferrés e Piscitelli (2015), na medida em que, por exemplo, em 21 de setembro de 2016, Cláudia publica um vídeo¹⁰ de conscientização, cujo público alvo, segundo a mesma, seriam “amigos, familiares e membros do grupo”. Nele, Cláudia chama atenção para a forma como olhamos para os idosos, visando um diagnóstico ainda nas fases iniciais do Alzheimer, buscando possibilitar uma maior qualidade de vida para essas pessoas. Chama atenção no mesmo vídeo para a saúde mental dos cuidadores e para a ampliação do número crescente de idosos no país.

Tais movimentos evidenciam ainda, a presença de habilidades relacionadas à dimensão de “Ideologia e Valores” (Ferrés e Piscitelli, 2015), uma vez que ela se vale das potencialidades da plataforma para tentar compartilhar concepções que contribuem para a promoção de formas melhores de convivência com a pessoa idosa, com responsabilidade e buscando romper estereótipos. Ainda que vídeos como esses sejam raríssimos na primeira fase e que Cláudia ainda não observasse uma audiência para seus vídeos que ultrapassasse aqueles que tinham contato direto com ela, a gestora do canal demonstra compreender que, por meio dos dispositivos midiáticos, pode transmitir aprendizados para além de uma perspectiva técnica/operacional de como lidar com o Alzheimer, a partir da publicização de um entendimento e de uma conscientização acerca das nuances e fragilidades que permeiam este diagnóstico.

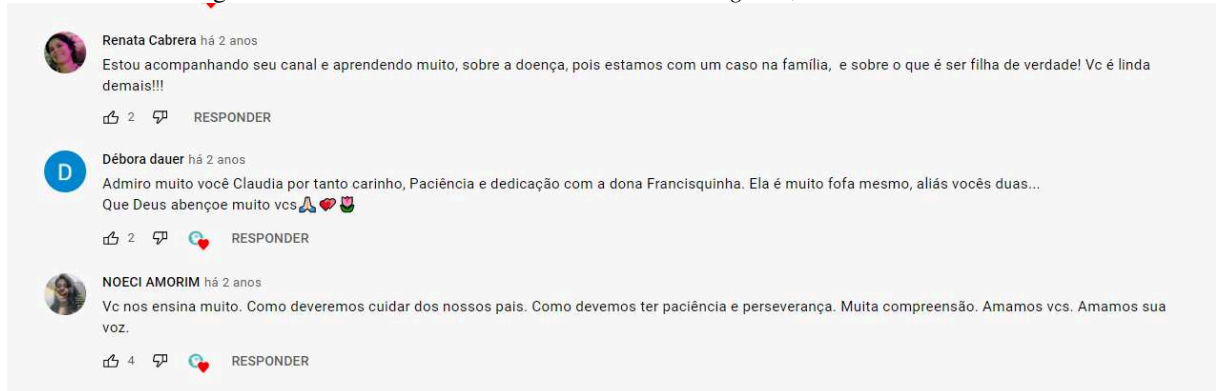
Apesar da intencionalidade de compartilhamento de aprendizagens estar presente desde o início do canal, a primeira fase do canal é marcada, principalmente, pela experimentação e espontaneidade. Cláudia aparenta querer ensinar a partir de suas experiências, mas isso não implica em uma pretensão de “produção de conteúdo” planejada e organizada, tendo em vista que os vídeos são majoritariamente espontâneos: Francisquinha está fazendo algo que Cláudia julga ser divertido ou interessante, liga a câmera do celular e a grava. O vídeo¹¹ “Triste e constrangedor mas real 24/09/2016” ilustra a espontaneidade e informalidade característicos na fase. Nele, Cláudia insiste que Francisquinha troque de roupa, uma vez que ela havia urinado na bermuda que usava, sem sucesso. Em um minuto e quarenta segundos, Cláudia abre uma pequena janela, tornando sua convivência com o Alzheimer uma experiência pública. Enquanto essa janela está aberta, durante a primeira fase, vemos os diálogos entre mãe e filha, as tristezas,

¹⁰ Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=4RMp2zk2H10&ab_channel=FrancisquinhaAlves-ObomdoAlzheimer >. Acesso em: 29 ago. 2021.

¹¹ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=w0-5MrMSdO4> >. Acesso em: 14 set. 2021.

os constrangimentos, as alegrias e os aprendizados, compartilhados com uma pequena comunidade, não compreendida ainda enquanto público e, em meio a essa fração de cotidiano compartilhado, aprendemos.

Figura 1 – Comentários do vídeo *Triste e constrangedor, mas real* 24/09/2016.



Fonte: YouTube (s/d).

2.3.2. Fase 2: Produção de conteúdo e monetização

Com o passar dos anos, a dinâmica do Canal se altera e Cláudia se propõe, gradualmente, a aparecer de maneira mais consistente, compreendendo que o canal possui um público específico e crescente, ultrapassando as barreiras de seus conhecidos. Em 16 de Outubro de 2018, ela publica um vídeo chamado *Alzheimer/avançado moderado 16/10/2018*¹², que marca a transição de uma fase inicial experimental e espontânea para uma segunda fase, marcada pela tentativa de compartilhamento de dicas e informações de maneira mais direcionada, além de reflexões acerca da própria produção de conteúdo e pelo início da monetização dos vídeos. Nesse vídeo específico, Cláudia agradece às mensagens de carinho dos seguidores, reconhecendo que o propósito do canal – ensinar – tem sido atingido. Pontua ainda que já recebeu críticas e ataques, mas que avalia que aqueles que a criticam não compreendem a importância do compartilhamento de informações, dicas e experiências sobre o Alzheimer.

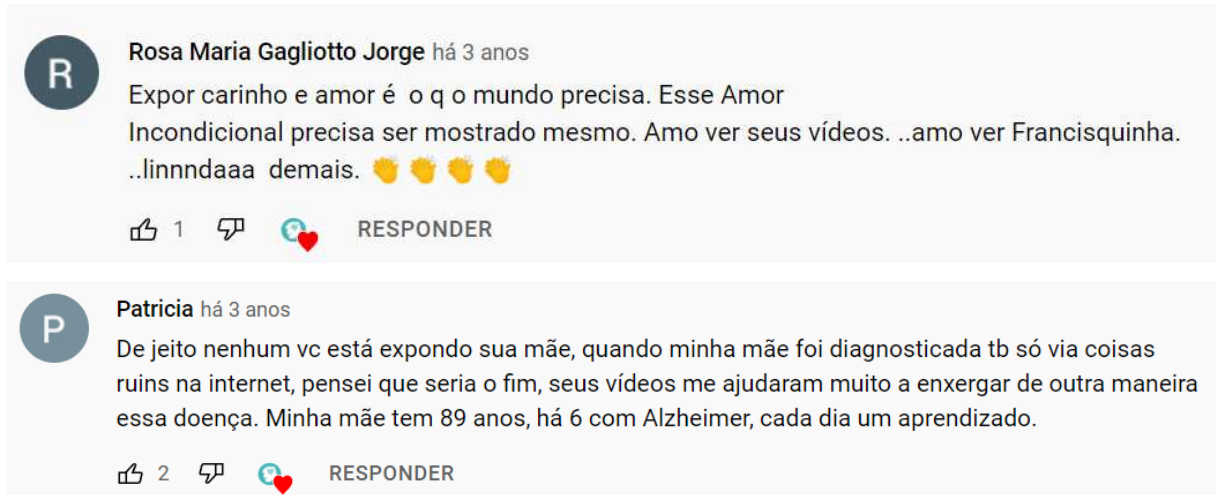
O canal recebe, especialmente nos vídeos com maior número de visualizações, considerável número de críticas em relação à exposição da imagem de Francisquinha, as quais Cláudia responde questionando se demonstrar carinho, cuidado e amor seria exposição. Além disso, argumenta que exhibe no canal aquilo que não encontrou na época em que procurava (se referindo ao início da convivência com o Alzheimer). Finaliza o vídeo pontuando que, até então,

¹²

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Dtpn5GoFJLk&ab_channel=FrancisquinhaAlves-ObomdoAlzheimer >. Acesso em: 29 ago. 2021.

não pedia *likes* e inscrições, mas que agora pretende organizar e se planejar para gravar para o canal, apresentando dicas e informações. A exposição da imagem de Francisquinha não parece gerar incômodo ao público recorrente do canal, que compartilha dos entendimentos de Cláudia no tocante ao assunto:

Figura 2 – Comentários no vídeo *Alzheimer/avançado moderado 16/10/2018*.



Fonte: YouTube (s/d).

A mudança de tom na proposta, o endereçamento do vídeo ao público do canal (e não a seus amigos ou membros de um grupo) e a necessidade de justificar-se, demonstrados por Cláudia, evidenciam como os dispositivos potencialmente alteram aquilo que se propunha a estar, até então determinado. A partir do contato com o público, Cláudia produz inferências e investe em processos tentativos, alterando a forma como se relaciona com o Alzheimer, com o *YouTube* e com seus públicos.

Os vídeos da segunda fase nos permitem, portanto, observar a expansão do processo de consciência do que é ter um canal do *YouTube* com o alcance que ele eventualmente adquire, bem como dos modos de funcionamento da própria plataforma. Não é possível apresentar os números de visualizações e inscritos que Cláudia possuía em cada fase, porém os 229 mil inscritos¹³ as mais de 43 milhões de visualizações totais e os envios mais populares que foram assistidos mais de um milhão de vezes nos possibilitam compreender a proporção do trabalho de Cláudia e os resultados dos esforços que a mesma empreende na produção de seu conteúdo, observados a partir da dimensão de Processos de Interação.

¹³ Números referentes a 19 de fevereiro de 2022.

Durante a primeira fase, observamos diversos vídeos de Francisquinha dançando e cantando músicas de cantores famosos, como Roberto Carlos. Ainda que em todas as fases a música continue a ser um marcador chave na experiência de Cláudia e Francisquinha com o Alzheimer, em quatro de fevereiro de 2019, Cláudia publica um vídeo¹⁴ explicando que os vídeos com Francisquinha ouvindo músicas no carro vão ser divulgados, majoritariamente, no Instagram, após receber algumas notificações de direitos autorais do *YouTube*, em vídeos antigos. Nota-se o aprimoramento da capacidade de adaptação de Cláudia perante as múltiplas plataformas disponíveis no contemporâneo, apresentada, sobretudo, na dimensão de Tecnologia (FERRÉS; PISCITELLI, 2015) a fim de atender seus objetivos comunicacionais. Além disso, evidencia a dimensão de Linguagem, ao adaptar as formas como se expressa em cada uma das plataformas. O Bom do Alzheimer, além do canal do *YouTube* é também página no *Facebook* e perfil no Instagram e cada uma dessas redes renderia por si só um trabalho de análise e reflexão complexo, uma vez que possuem lógicas de funcionamento e públicos distintos.

Vídeos como o acima mencionado demonstram ainda como Cláudia vai desenvolvendo habilidades da competência midiática relacionadas à quarta dimensão apontada por Ferrés e Piscitelli (2015), “Processos de Produção e Difusão”, quando passa a compreender o que vai ser produzido para o YouTube e porquê. Outro indicador do desenvolvimento dessa dimensão se relaciona à capacidade de construção de redes colaborativas, ilustrada nessa fase, principalmente pela colaboração com Juana Llabres, “amiga do Alzheimer¹⁵”, criadora do canal *Minha mãe tem Alzheimer*¹⁶. O canal de Juana é recomendado diversas vezes por Cláudia, especialmente durante a segunda e a terceira fase, bem como o canal *Alzheimer Corações Entrelaçados*¹⁷ de Joa Oliveira, ainda que com este Cláudia não tenha chegado a gravar uma colaboração.

O vídeo com a participação de Juana, bem como o vídeo *Alzheimer - Os primeiros sinais*¹⁸, publicado em 18 de outubro de 2018, narram o processo de diagnóstico do Alzheimer, destacando os principais sintomas. Neles, além do aprendizado a respeito do cuidado e dos direitos da pessoa idosa, ou da afetividade promovida por Cláudia, observa-se um movimento

¹⁴ Alzheimer - animando minha mãe 04/02/2019. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=DURgizOUjas> >. Acesso em: 02 set. 2021.

¹⁵ Alzheimer - Como tudo começou - Visita da Juana Parte 1. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=D8UMVXT8BrA&ab_channel=FrancisquinhaAlves-ObomdoAlzheimer >. Acesso em: 29 ago. 2021.

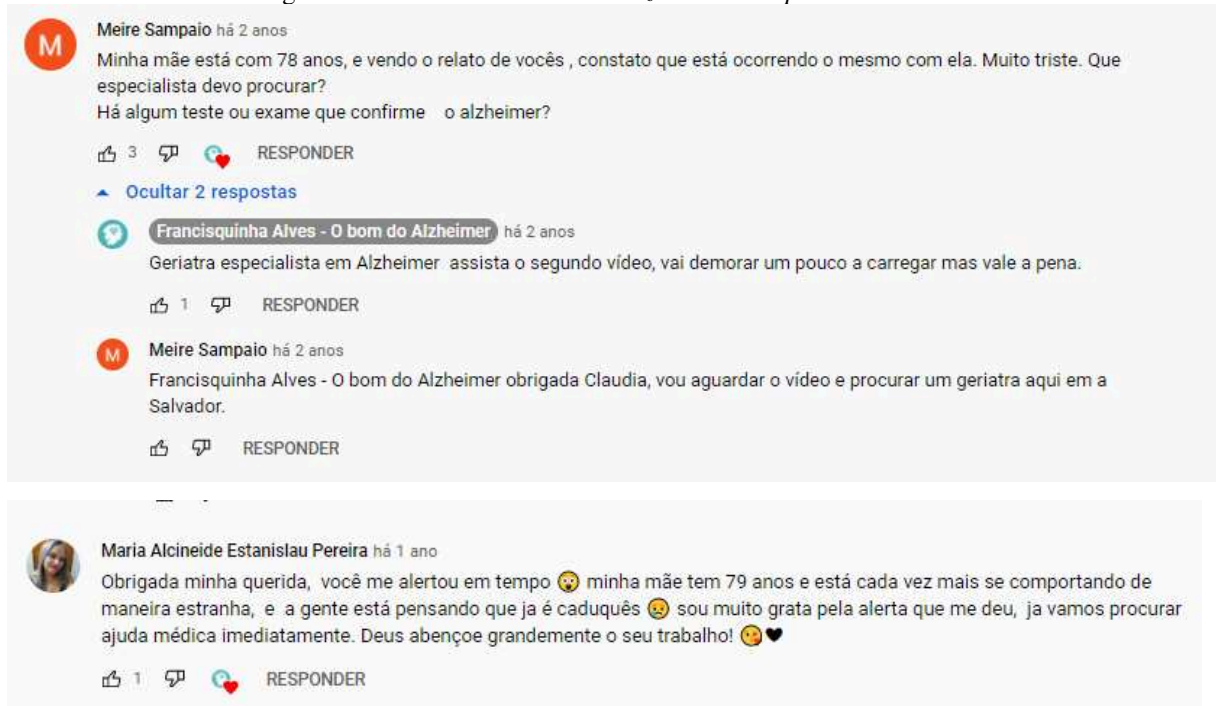
¹⁶ Disponível em: < <https://www.youtube.com/user/mijlmayol> >. Acesso em: 29 ago. 2021.

¹⁷ Alzheimer Corações Entrelaçados. Disponível em: < <https://www.youtube.com/channel/UCg1QCfTu30MVtyAPRtqnyqA> >. Acesso em: 29 ago. 2021.

¹⁸ Compartilhe esse vídeo. 18/10/2018 Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=XZdlJgh0aoQ> >. Acesso em: 02 set. 2021.

de aprendizagem a respeito do próprio diagnóstico, levando os seguidores a refletirem sobre comportamentos de seus familiares/conhecidos, o que evidencia, novamente a presença de indicadores da dimensão de “Ideologia e Valores” (FERRÉS; PISCITELLI, 2015) não apenas pelo âmbito da expressão, mas da análise.

Figura 3 – Comentários do vídeo *Alzheimer - Os primeiros sinais*.



Fonte: Youtube (s/d).

Ainda durante a segunda fase, Cláudia propõe uma campanha de visibilidade, com intenção de participar do programa “Encontro com Fátima Bernardes”, da TV Globo, com a *hashtag* *queroafrancisquinhanoencontrocomfatima*¹⁹, no dia dez de fevereiro de 2019. Em 26 de Fevereiro do mesmo ano, Cláudia e Francisquinha foram convidadas a participar do programa, a partir da movimentação dos seguidores do canal. No vídeo de agradecimento²⁰ pela participação, Cláudia menciona o apoio de uma agência na divulgação dos vídeos, porém os limites e as funções deste agenciamento não ficam claros, uma vez que a produção do canal não aparenta maior profissionalização²¹. A participação de Cláudia trouxe visibilidade para o canal, apesar de a mesma admitir que não conseguiu falar o quanto gostaria sobre seu ponto de vista,

¹⁹ Alzheimer - Treinamento cognitivo - leitura - letra cursiva 10/02/2019. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=6nNCe1EvPiM&ab_channel=FrancisquinhaAlves-ObomdoAlzheimer >. Acesso em: 29 ago. 2021.

²⁰ Alzheimer - Programa Encontro - Repercussão e agradecimentos! 26/02/2019. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=R0nFev28Eww> >. Acesso em: 02 set. 2021

²¹ Há a inserção de pequenas animações com os dizeres “inscreva-se”, “siga-nos nas redes sociais” em alguns poucos vídeos, porém são rapidamente abandonados.

dado o curto espaço no programa de televisão. Para além da conexão em rede com outros canais do *YouTube*, observa-se o surgimento e ampliação das conexões com os inscritos do canal e com outras plataformas midiáticas, como a televisão aberta.

Além de comentários de apoio ou de envio de presentes para Francisquinha pelos seguidores, Cláudia recebe a visita de duas seguidoras, moradoras de outro estado, em Abril de 2019²², de tal forma que as interações de Cláudia com seu público ultrapassam, por vezes, as limitações da própria plataforma em que se inserem. Até esta época, Cláudia disponibilizava seu *Whatsapp* com certa frequência, na descrição ou nos comentários dos vídeos. Contudo, em junho de 2019²³, Cláudia menciona que parou de disponibilizar o número de celular para o público, pois recebia mensagens e ligações indesejadas, no que, novamente, parece fazer parte do processo de tomada de consciência do alcance dos vídeos, conforme a dimensão de “Processos de Produção e Difusão” (FERRÉS; PISCITELLI, 2015).

2.3.3. Fase 3: Edição e aprimoramento

A partir de 25 de julho de 2019, momento em que se inicia a terceira fase, os vídeos do canal passam a ser editados, inicialmente por Carol (neta de Francisquinha) e, posteriormente, pela própria Cláudia. As possibilidades de conteúdo se expandem e Cláudia passa a comentar, no início dos vídeos, os acontecimentos que se passaram ao longo do dia, e em meio a esses comentários, reforça dicas e reflete sobre a produção do conteúdo. É possível observar, de maneira geral, na terceira fase, um amadurecimento das habilidades da competência midiática mencionadas durante a segunda fase, com especial destaque à edição dos vídeos. Em diversos momentos anteriores, Cláudia se valia do fato de seus vídeos não serem editados como argumento de legitimidade, no sentido de que aquilo que publicava era apenas “a vida real”. Contudo, após as primeiras edições (de Carol) receberem retorno positivo da audiência, tal dinâmica se torna uma ferramenta útil, possibilitando, por exemplo, acompanhar um “dia inteiro” de Francisquinha, em que ela amanhece nervosa e termina bem-humorada.

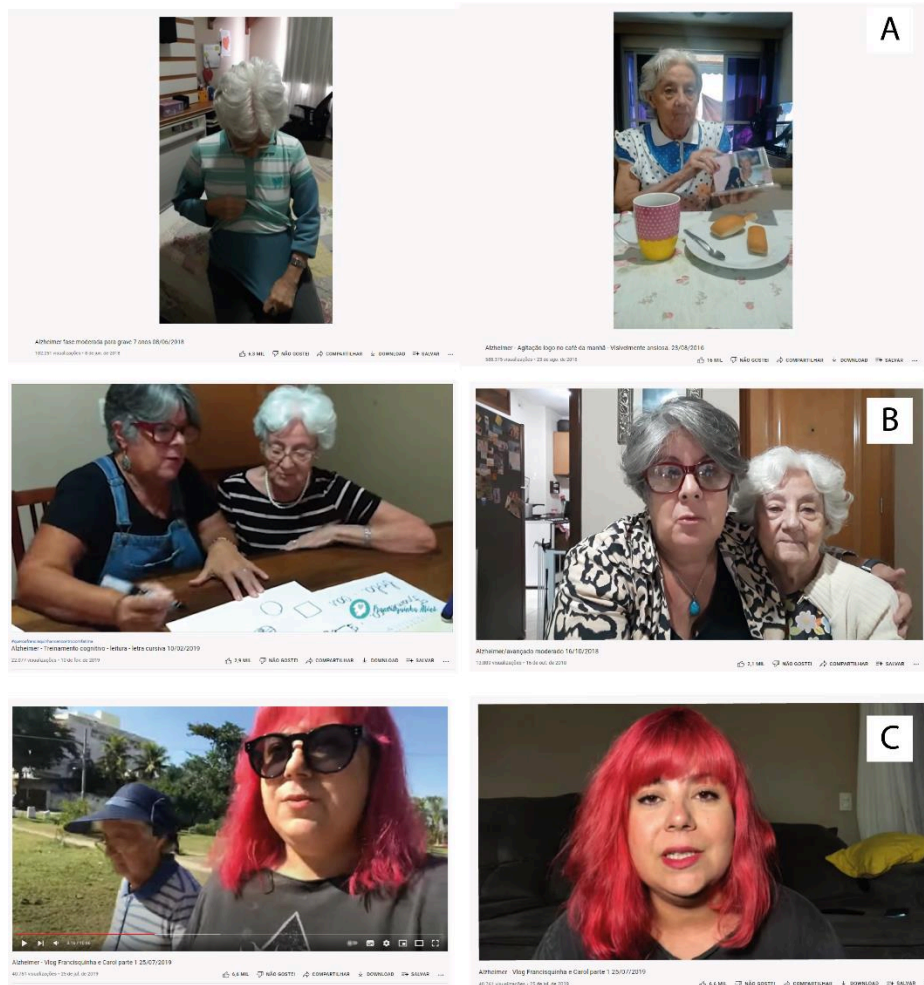
Tais transformações nos permitem discutir a última dimensão proposta por (FERRÉS; PISCITELLI (2015) “Estética”, a partir da observação dos elementos visuais que compõem a imagens dos vídeos. Inicialmente os vídeos são majoritariamente gravados em orientação vertical, configuração tipicamente associada à outras redes sociais, uma vez que o *YouTube* só

²² Alzheimer - Visita de uma seguidora de Araraquara – Parte 1 – 26/04/2019, 15 horas. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=ycps5TLuTYg_ >. Acesso em: 31 ago. 2021.

²³ Alzheimer - Confusa e agitada - amanhã é o dia da consulta para o novo tratamento. 25/06/2019. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Z6WmhK5cB-8> >. Acesso em: 02 set. 2021.

se adapta a este e outros formatos de vídeo a partir de 2018²⁴. Neles, via-se, principalmente Francisquinha, com raras aparições de Cláudia, que se dedica a tentar estabilizar a câmera do celular enquanto interage com a mãe. Nos vídeos da segunda fase, por sua vez, passam a ser comuns vídeos em que as duas aparecem sentadas a mesa, filmadas por terceiros ou com a câmera fixa em algum ponto. Como discutimos no tópico anterior, nessa época Cláudia passa a se mostrar com mais frequência nos vídeos. Com o advento das ferramentas de edição, observa-se uma mescla dos dois formatos, em que ora vemos trechos do cotidiano de Francisquinha (por vezes gravados com a câmera frontal) e ora nos deparamos com um depoimento/fala de Cláudia (ou, inicialmente, de Carol):

Figura 4 – Capturas de tela ilustrando as mudanças de enquadramento presentes durante: a) Fase 1, b) Fase 2 e c) Fase 3.



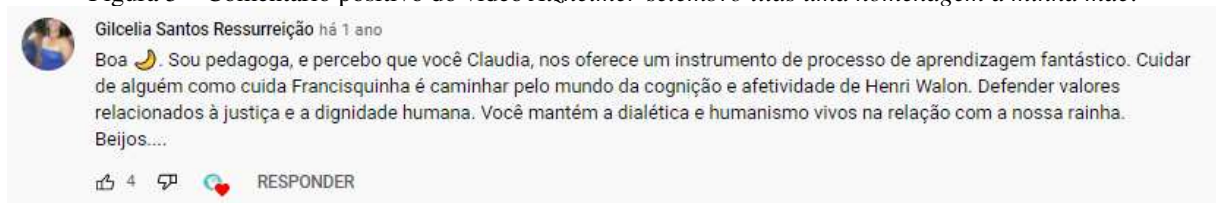
Fonte: YouTube (s/d).

²⁴ YouTube agora se adapta a vídeos na vertical... (Pois é, eles venceram). Disponível em: < <https://www.tecmundo.com.br/internet/132679-player-video-youtube-adapta-videos-vertical.htm> >. Acesso em 19 fev. 2022

Além dos vídeos editados, as transmissões ao vivo passam a ocupar um espaço considerável no canal. As primeiras tentativas de transmissões aconteceram ainda na segunda fase, em meio à qual é possível observar o processo de aprendizagem da própria Cláudia, esta que vai, aos poucos, compreendendo como o formato funciona. Durante as *lives*, Cláudia costuma propor uma temática geral, fazendo uma exposição sobre o assunto no início e respondendo às perguntas dos seguidores. Apesar da repetição de alguns temas e, por consequência, das perguntas, as transmissões ao vivo operam, principalmente, para a ampliação das possibilidades de interação com Cláudia que, dentro de suas limitações, se propõe a sanar dúvidas e questionamentos de maneira imediata.

Em 21 de setembro de 2019, Cláudia reúne seguidores e conhecidos em um vídeo²⁵ de conscientização sobre o Alzheimer, homenageando Francisquinha. Nele, os relatos demonstram gratidão em relação a diferentes questões: à Dona Francisquinha em si, por ter sido uma professora afetuosa, às informações que Cláudia compartilha em relação ao Alzheimer, à forma de ver a vida e lidar com o Alzheimer apresentada por Cláudia e ao compartilhamento de experiências que contribuem não somente para quem convive com o Alzheimer, em resumo, a aquilo que é abarcado pela dimensão de “Ideologia e Valores” (FERRÉS; PISCITELLI, 2015):

Figura 5 – Comentário positivo do vídeo *Alzheimer-setembro lilás uma homenagem à minha mãe*.



Fonte: YouTube (s/d).

O comentário da Figura 4 ilustra a multiplicidade de aprendizados provenientes do canal *Francisquinha Alves - O Bom do Alzheimer*. Em meio à profusão de conteúdos disponíveis no *YouTube*, quem assiste os vídeos, seja a partir de uma busca intencional sobre o Alzheimer, seja por uma recomendação aleatória do algoritmo, encontra a possibilidade de aprender. Braga (2001), nos auxilia a compreender que, por meio dos *vlogs* despretensiosos, ou por uma indicação direta do que não fazer em uma situação de estresse, ou, ainda, respondendo a uma pergunta em um vídeo ao vivo, os vídeos do canal promovem múltiplos aprendizados. Esse movimento se dá a partir do desenvolvimento de habilidades da competência midiática que

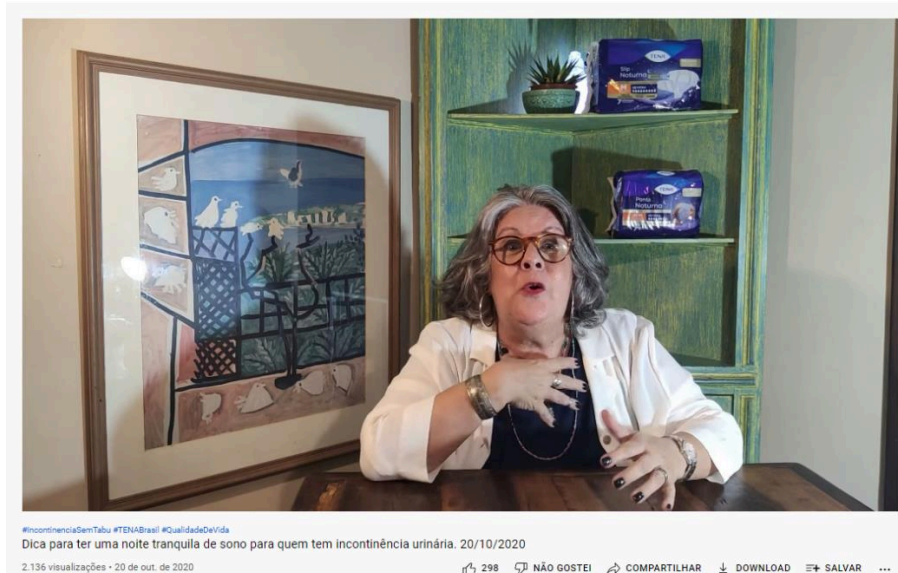
²⁵ Alzheimer-setembro lilás uma homenagem à minha mãe. 21/09/2019 Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=0RQPRTBnGTQ> >. Acesso em 02 set 2021

permitem ao público selecionar um vídeo específico, questionar o que é exibido, interagir e interpretar.

2.3.4. Fase 4: Profissionalização e mercantilização

Por fim, a última fase é marcada pela presença do Método *LoveCare*²⁶, a partir do qual o aprendizado adquirido por Cláudia, atrelado às redes que construiu a partir da midiáticação de sua experiência com o Alzheimer, adquire nome, logotipo, site e valor financeiro. A lógica do aprendizado e da competência aqui é bastante diferente de todas as fases anteriores, uma vez que a produção de tal curso é marcada pela profissionalização, que pode ser observada pela composição visual dos anúncios do curso (que é investigada de forma específica no último capítulo), que nos fornece um indício do aperfeiçoamento da dimensão “Estética” em Ferrés e Piscitelli (2015), por exemplo, a partir do enquadramento, iluminação e qualidade dos vídeos publicitários da fase:

Figura 6 – Captura de tela representando a composição visual de vídeo da quarta fase.



Fonte: YouTube (s/d).

Em julho de 2019, Cláudia e Francisquinha são convidadas a participar de um vídeo no canal da atriz Monique Curi²⁷, que já acompanhava o canal. A mãe de Monique também foi

²⁶ Alzheimer - Nossa História - Método *LoveCare*. (ler a descrição do vídeo) 10/09/2020. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=-2M-7wAi ac> >. Acesso em 02 set. 2021.

²⁷ Como enxergar "o bom" do Alzheimer. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=eXwEgVQaJV8> >. Acesso em: 02 set. 2021.

acometida por uma demência, e a atriz se tornou uma parceira do canal, convidando Cláudia para outros vídeos e *lives* e também sendo convidada a participar das *lives* de Cláudia. O Canal de Monique abrange diversos temas e, ao contrário do *Bom do Alzheimer*, contava desde o início com uma produção profissional. A partir de demandas do público, que já havia indicado interesse na criação de um curso, em acréscimo a equipe de Monique (que Cláudia identifica como sócia), surge o Método *LoveCare*, curso sobre cuidados com o portador de Alzheimer.

O curso é divulgado intensivamente no canal, seguindo estratégias de *marketing* digital, vídeos antigos do Canal são recortados e repostados, com as informações sobre o lançamento de turmas curso ao final, reaproveitados como anúncio; também o número de *lives* se intensifica, visando atingir matrículas. A partir do final da primeira turma, ex-alunos são convidados a compartilhar o impacto que o Método *LoveCare* tem em suas vidas. Coincidentemente, ou não, na mesma época, Cláudia foi convidada para fazer publicidade para a marca de fraldas geriátricas que Francisquinha utiliza, por meio de *lives*²⁸ e vídeos²⁹.

Esperávamos encontrar um considerável volume de comentários criticando a postura profissional/mercadológica que o canal passa a adotar, tendo em vista que Cláudia já relatou que recebia comentários negativos quando aparecia falando nos vídeos, ao invés de Francisquinha. Contudo, essa hipótese não se fez presente de maneira significativa, de tal forma que os comentários dos anúncios e das *lives* são majoritariamente agradecimentos pelas dicas, pelo canal, além de parabenizações à postura de Cláudia. Nossas suspeitas advinham de um entendimento de que os aprendizados promovidos por um curso online, que demanda investimento financeiro, rompem com a lógica de aprendizagem no cotidiano midiaticizado experienciado pelos seguidores até então, seguindo um currículo elaborado por Cláudia, seus sócios e os profissionais da saúde que também participam do curso.

Contudo, a comunidade do canal de Francisquinha não é composta apenas por pessoas que, de alguma forma, convivem diretamente com o Alzheimer, ou seja, o público-alvo para o curso. Existem inscritos que já perderam familiares portadores de demência e pessoas que sequer conhecem alguém com Alzheimer, cujo interesse é acompanhar a vida de mãe e filha, enquanto aprendem sobre questões gerais de saúde, dos direitos da pessoa idosa, das dificuldades enfrentadas pelos cuidadores. Assim, os vídeos do cotidiano de Francisquinha ainda são publicados frequentemente, seguindo os mesmos moldes da segunda e terceira fases.

²⁸ Live: Sono & Alegria de Viver. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=PmbLIyYFdAw> >. Acesso em: 02 set. 2021.

²⁹ Dica para ter uma noite tranquila de sono para quem tem incontinência urinária. 20/10/2020. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Jvqefzs1dvE> >. Acesso em: 02 set. 2021.

Portanto, ainda que a profissionalização e mercantilização da experiência de Cláudia abra margem para debatermos as cobranças e expectativas do projeto moderno na contemporaneidade, no presente capítulo, nos resumimos a compreender que ele demonstra um longo processo aperfeiçoamento de aprendizados, interações, conexões e habilidades da competência midiática que se constroem a partir da decisão de publicizar uma experiência.

2.4. CONCLUSÕES DO CAPÍTULO

O presente capítulo buscou construir tensionamentos entre os conceitos teóricos de midiática, aprendizagens em contextos midiáticos e competência midiática e a experiência presente no canal *Francisquinha Alves - O Bom do Alzheimer*. Compreendemos que o canal opera como motor de aprendizagens para o público, a partir do desenvolvimento de habilidades da competência midiática, que permitem que esse público escolha assistir um ou outro vídeo, questionando, interagindo, interpretando e, aprendendo. Além disso, observamos como a própria Cláudia desenvolve competências enquanto compartilha seus momentos com a mãe e interage com aqueles que às assistem.

Durante a primeira fase, marcada pela espontaneidade e amadorismo, observamos como Cláudia, ainda que desejasse compartilhar ensinamentos, o faz, majoritariamente, por meio de vídeos curtos do cotidiano da mãe, ensinando pelo exemplo, tratando a mãe com dignidade, carinho e afeto. Em meio a esse cotidiano, pontua, vez ou outra, alguma dica prática, ou aparece na tentativa de gerar conscientização em torno do Alzheimer. Contudo, não se direciona ainda a um público de seguidores ou inscritos, mas a seus amigos, familiares e membros dos grupos de cuidadores de idosos.

Posteriormente, na segunda fase, Cláudia passa a protagonizar os vídeos, compreendendo o que significa estar em uma plataforma como o *YouTube*, a exposição, os frutos e as críticas advindas da construção de um público. Esta fase também é marcada pelos processos de monetização dos vídeos. Evidenciamos nesta fase, principalmente o desenvolvimento de habilidades da competência midiática de Cláudia, e as redes que forma (com parceiros ou com o público) como consequência da compreensão do que é ter um canal.

A terceira fase é marcada pelo aprendizado de edição de vídeos por parte de Cláudia, alterando a forma como o cotidiano com o Alzheimer é midiático, além do gradual aprendizado na realização de *lives*, demonstrando aprimoramento das competências desenvolvidas na segunda fase.

Por sua vez, a quarta e a última fase, assinalada pelo Método *LoveCare*, altera, radicalmente, a forma como os aprendizados são compartilhados no canal. Se antes aprendíamos sem nos darmos conta, assistindo Cláudia e Francisquinha treinando a leitura e a escrita, ou a partir de uma mensagem específica de Cláudia, agora encontramos materiais publicitários estrategicamente elaborados que nos solicitam investimento financeiro. Os vídeos cotidianos de Francisquinha, contudo, seguem sendo publicados, a partir do entendimento de Cláudia de que seu público não se reduz a outros cuidadores que, potencialmente, se matriculariam no curso, mas pessoas cuja rotina de mãe e filha passaram a fazer parte da própria rotina.

Em linhas gerais, neste capítulo foi possível observar que o canal *Francisquinha Alves - O Bom do Alzheimer* promove múltiplos aprendizados como o cuidado com o portador de Alzheimer, o reconhecimento de sintomas, o estilo de vida e o cuidado de Cláudia, baseados, principalmente no afeto, nos direitos da pessoa idosa, entre outros. Além disso, observamos também como Cláudia, a partir do desenvolvimento de habilidades da competência midiática, aprende técnicas de produção de conteúdo demandadas pela lógica do *YouTube*, bem como passa a entender seus públicos e suas demandas específicas.

Contudo, a noção de competência midiática e de aprendizados sociais em espaços midiáticos nos deixa escapar um marcador-chave para a experiência de Cláudia e Francisquinha: o aprendizado pela afetação. No próximo capítulo, nos dedicamos a discutir as formas como Cláudia se afeta pelo Alzheimer e afeta a seu público, disparando forças emocionais em meio ao fluir de um cotidiano em que, habitando o espaço do *YouTube*, constrói a si enquanto filha, cuidadora, *youtuber* e mentora.

3. EXPERIÊNCIA ESTÉTICA, MUNDO COMUM E HABITAR NO COTIDIANO DO BOM DO ALZHEIMER

3.1. INTRODUÇÃO

A dimensão dos aprendizados sociais em contextos midiáticos a partir do desenvolvimento de habilidades da competência midiática aparece enquanto marcador fundamental para a compreensão dos arranjos disposicionais de uma experiência pública do Alzheimer. Contudo, ao observarmos as aprendizagens emergentes no canal, nos deparamos com uma outra característica desses processos: não aprende-se, exclusivamente, a partir do desenvolvimento de habilidades da competência midiática, mas *também* a partir das formas como nos relacionamos com Cláudia, com seu cotidiano, com Francisquinha, Théo³⁰, Carol, a partir da forma como os arranjos do cotidiano midiático de mãe e filha despertam emoções múltiplas a cada pessoa que assiste. Em suma, aprendemos a partir de afetações provocadas pelo canal.

O presente capítulo se dedica a discutir estas outras aprendizagens e nesse intuito, apresenta, inicialmente, os referenciais teóricos que orientam as discussões analíticas. Nos valemos das perspectivas de Bondía (2002) e Dewey (1980) para circunscrever as características dos fenômenos de afetação promovidos por uma experiência estética, e suas relações com os processos de aprendizagem observados no canal. A proposta dos autores envolve o entendimento de experiência enquanto aquilo que acontece conosco e que nos toca, provocando forças emocionais em meio às quais nos encontramos entre agir e padecer, por meio dos quais nos reconstruímos e conferimos sentido ao que nos passou.

Dessa forma, no fluir da vida, a partir de nossas experimentações no mundo, nos afetamos e transformamos as formas como compreendemos a nós e ao que nos cerca e, para os autores, assim, aprendemos. Contudo, nos afetamos por aquilo que nos está disponível aos sentidos: se vulnerabilidades e diferenças são condenadas a estarem longe dos outros, não nos afetamos por elas e, por consequência, não aprendemos. Nos valemos, assim, das contribuições de Magalhães (2009) a respeito da partilha do mundo comum em Hannah Arendt, para discutir o gesto de aparecer enquanto marcador inicial de tais experiências.

Para compreendermos as formas como, estando inseridos no mundo comum, nos relacionamos com os outros e com o ambiente que nos rodeia, acionamos a perspectiva de Tim Ingold (2000; 2010; 2012). Para o autor, enquanto estamos vivos e reconhecemos a vida no

³⁰ Bisneto de Francisquinha, filho de Carol.

ambiente que nos cerca, agindo e habitando o mundo, aprendemos, através da prática. Neste ambiente repleto de vida (para o autor, de “coisas”), encontramos todos os outros fios de vida ali presentes, que se agregam e transbordam, reverberando em fluxo. Entende-se que essa “malha da vida”, na qual habitamos e aprendemos, se insere no espaço praticado do cotidiano e, portanto, discutimos o potencial de inventividade e as tensões de poder que o atravessam, sob a ótica de Certeau (1998) e Lacerda (2017).

No tópico destinado à discussão e à análise, evidenciam-se, através dos vídeos, o caráter acontecimental do Alzheimer, que promove múltiplas rupturas na trajetória de vida de Cláudia e Francisquinha. São apresentados momentos em que Cláudia se afeta diante do Alzheimer da mãe e momentos em que a mesma relata os aprendizados que constrói a partir de sua experimentação prática no mundo. Evidencia-se ainda, as relações construídas entre Cláudia e seu público, bem como as aprendizagens que ele parece construir no decorrer dos anos, além das tensões e críticas. Desta forma, o canal, afetiva e esteticamente, demonstra cumprir o propósito inicial de Cláudia, de compartilhar o que aprende no cotidiano, em meio ao qual emerge uma experiência pública que conecta outras pessoas que também convivem com o Alzheimer.

3.2. REFERENCIAL TEÓRICO

3.2.1. Experiência estética e aprendizado: afetações e aparências no mundo comum

No presente trabalho, nossas concepções de experiência e estética não se vinculam à compreensão daquilo que possui qualidade de belo e sim ao que potencialmente nos afeta, nos desloca e provoca forças emocionais, a partir das contribuições de Bondía (2002) e Dewey (1980). Contudo, entendemos que só podemos ser afetados por aquilo que nos está disponível, existindo em público conosco, partilhando o mundo comum, gesto descrito por Hannah Arendt, num movimento epistêmico que Magalhães (2009) nos auxilia a compreender. A partir de nossa experimentação do mundo, em que nos vemos em contato com o outro, com as tecnologias disponíveis, com nosso entorno, desenvolvemos múltiplos processos de aprendizagem e, a discussão sobre tais processos no presente capítulo é observada pela ótica desse afetar-se.

Em uma sociedade marcada pelas instituições modernas tais quais o Mercado, o Estado e a Ciência, com facilidade nos vemos inseridos em perspectivas que compreendem os aprendizados e os saberes a partir de um ponto de vista cientificista ou tecnicista, ou ainda visando uma suposta construção crítica, apoiada na articulação entre teorias e práticas,

construída a partir de um viés político. Contudo, conforme aponta Bondía (2002), nos interessa uma terceira alternativa, dedicada a um entendimento da educação a partir da estética e do sentido.

Tendo como ponto de partida o entendimento de experiência enquanto aquilo que “**nos** passa, **nos** acontece, **nos** toca” (BONDÍA, 2002, p. 21, grifo nossos), compreendemos que aquilo que diz da experiência está desassociado daquilo que nos diz da informação e da opinião que, nos contextos contemporâneos de profusão de dispositivos midiáticos, explorados no capítulo anterior, se configuram enquanto imperativos: todos temos que saber de tudo sobre tudo e ainda construir uma opinião pessoal “própria” a respeito do assunto:

Com isso, nos convertemos em sujeitos competentes para responder como Deus manda as perguntas dos professores que, cada vez mais, se assemelham a comprovações de informações e a pesquisas de opinião. Diga-me o que você sabe, diga-me com que informação conta e exponha, em continuação, a sua opinião: esse o dispositivo periodístico do saber e da aprendizagem, o dispositivo que torna impossível a experiência. (BONDÍA, 2002, p. 23).

Estes arranjos, além de marcados por estes imperativos, são atravessados também por um traço temporal, em que a velocidade demandada por constantes atualizações mercantiliza nosso tempo, nos tornando obcecados em acompanhar o que acontece: não podemos perder tempo e, por consequência, terminamos sem tempo. Assim trabalhamos cada vez mais, por necessidade e cobrança, e esta forma de nos relacionarmos com nós e com os outros é elencada por Bondía (2002, p. 24) enquanto “inimiga mortal da experiência”. Enquanto nos mantemos sempre na tentativa de fazer algo, em meio ao tempo acelerado que nos encontramos, não é possível que algo nos aconteça, uma vez que a experiência demanda uma interrupção destes fluxos para que se complete. Dewey (1980) propõe a distinção entre experiência e *uma experiência*, sendo a primeira marcada pelos processos mecânicos acima descritos, em que experienciamos as coisas, mas, distraídos e dispersos, não vivenciamos *uma experiência*.

Para o autor (1980), a interação entre nós, criaturas vivas, e o ambiente que nos rodeia necessita seguir um curso até sua realização, se completando e demarcando sua individualidade, caracterizada enquanto uma situação que, espontaneamente destacamos perante outros episódios de nossas vidas. Essa experiência não é dissipada, se mantém em constante reabertura, em meio a momentos breves de descanso que nos permitem conferir qualidade e nome ao que passa, em constante aceleração.

Quando nos colocamos enquanto sujeitos da experiência nos vemos, portanto, passivos, receptíveis, disponíveis e abertos a ela. Tal passividade, contudo não está inserida na dicotomia passivo/ativo, pelo contrário, se caracteriza enquanto:

Uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial. (BONDÍA, 2002, p. 24).

Em meio ao cursar da experiência nos vemos alcançados, derrubados, afetados, agindo e padecendo. Este movimento último nos convoca à reflexão acerca de nós mesmos e do que compreendemos do mundo, processo de reconstrução que, a depender de contextos particulares, se manifesta prazerosa ou dolorosamente. Além do padecimento, a experiência também é marcada por um ímpeto de ação e, ambas as partes em alternância, nos conferem a capacidade de proporcionar sentido à essa experiência, cuja captação é o propósito da inteligência. Se fazer e padecer não operam simultaneamente, a situação não pode ser estética.

O aprendizado advém da estética, uma vez que ela nos convoca à transformação da forma como compreendemos o que nos cerca, caminhando em direção contrária ao que as formas de construção de saber da modernidade estabelecem, ao manifestar aprendizagens e saberes de maneiras distintas, não necessariamente objetivas, impessoais e universais.

O saber da experiência é, portanto, aquele cujo sentido (ou o sem-sentido) é construído no fluir da vida, a partir do que nos acontece, que nos diz de **nossa** própria existência:

Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. (BONDÍA, 2002, p. 27).

A experiência possui, portanto, caráter individual, de tal forma que, aquele que vivencia uma experiência o faz a partir de sua interação com o ambiente que o cerca. Porém, aquilo que nos cerca, aquilo que temos acesso em meio ao cotidiano precisa estar disponível aos sentidos, para que haja a possibilidade de interação. Dito por outras palavras, não podemos nos afetar pelo que não consegue nos rodear: vulnerabilidades e diferenças que não estão em conformidade a um ideal moderno de produtividade, de beleza, de intelectualidade, tendem a ser conduzidas à margem, para longe do espaço público, para que, idealmente sequer saibamos de sua existência. Aquilo que não aparece, não existe e, por consequência, não nos afeta.

Tal aparecimento se insere no terreno da discussão de mundo comum para Hannah Arendt. Para a autora, a partir das contribuições de Magalhães (2009), a vida humana só é possível se agimos e falamos com outros humanos, de tal forma que, enquanto nos falamos, nos compreendemos enquanto iguais e a necessidade da fala e da ação nos explicita nossas distinções e particularidades. Assim, enquanto tomamos ação e palavra, deixamos exhibir quem somos para o outro, e esse outro, testemunha do aparecimento, deixa aparecer também sua própria imagem.

A realidade onde se dão os aparecimentos possui, para a autora, qualidade intangível, de tal sorte que define a mesma enquanto uma *teia* de relações humanas, em meio à qual consiste-se como domínio público na medida em que vivemos juntos nessa teia. Agir, portanto, é alcançar visibilidade pública, expondo suas próprias teias; e estar privado dessa possibilidade de aparência significa estar privado desta própria realidade comum (MAGALHÃES, 2009).

Em meio a essa teia, por meio da ação e da fala, produzimos estórias, por meio das quais a significação da vida é revelada e é, precisamente, por meio da ação que a possibilidade de construção de um mundo público existe. Assim, vir à tona nesse espaço público é condição mínima para se inserir em tal teia para existir no mundo comum e, portanto, afetar-se e afetar os outros. Tal movimento, como próprio ao mundo, indica um gesto de habitar esse mundo, composto em cotidianos abertos, sempre por se completarem.

3.2.2. Habitar e cotidianos: experiências de vida em fluxos

Delineamos, no tópico anterior, aquilo que compreendemos enquanto experiência estética, uma vez que a afetação de Cláudia perante o Alzheimer da mãe provoca uma ruptura na vida das duas (e da família, e do ambiente em que se inserem, etc.), ruptura essa que, posteriormente, promove novos arranjos disposicionais em um ambiente mediatizado, rompendo com as expectativas, até então, socialmente estabelecidas de um convívio com o Alzheimer. Em meio a esses processos de afetação e ruptura de Cláudia, nós, expectadores do canal, nos vemos também afetados por essa experiência e aprendemos com os próprios aprendizados de Cláudia. Os arranjos disposicionais dessa experiência provocam, portanto, uma experiência pública que é marcada por uma nova forma de se relacionar com o outro e com o que nos rodeia. Em última análise, uma forma de habitar esse mundo parece emergir, na medida em que Cláudia e seus cotidianos afetados pela enfermidade de sua mãe ganham aparência e visibilidade pública.

Tim Ingold, antropólogo britânico, se dedica ao estudo das maneiras como nós, seres humanos, compreendemos e nos relacionamos com nosso entorno, contestando a posição da ciência moderna, no que tange ao afastamento entre a mesma (que se apresenta enquanto espaço autossuficiente e unificado) e o estar vivo no mundo. Para isso, propõe um paradigma ecológico no qual as linhas que distanciam os estudos e as compreensões entre as ditas “ciências naturais” e as humanidades, se tornam mais tênues. Em sua concepção, construímos conhecimento em meio ao fluir da vida, a partir de nossa imersão prática com aquilo que nos rodeia, de forma antagônica às perspectivas que compreendem a aprendizagem como mera transmissão de informações ou, ainda, que digam de uma capacidade prévia, originária, intrínseca de aprendizagem, deslocada do caráter processual do desenvolvimento (INGOLD, 2010; CARVALHO; STEIL, 2012).

O conhecimento seria constituído, então, a partir de habilidades continuamente geradas em meio aos contextos específicos em que nos inserimos, de tal forma que aprendemos no ambiente:

Meu ponto é que estas capacidades não são nem internamente pré-especificadas nem externamente impostas, mas surgem dentro de processos de desenvolvimento, como propriedades de auto-organização dinâmica do campo total de relacionamentos no qual a vida de uma pessoa desabrocha. (INGOLD, 2010, p. 15).

O conceito de habilidade, na abordagem ecológica de Ingold, diz de uma possibilidade de resposta daquele que é hábil perante as perturbações que emergem no ambiente, em um processo de redescoberta orientada, imitando e improvisando aquilo que os antecessores nos mostram. Assim, é em meio às relações que construímos entre nossas estruturas mentais e o ambiente que nos circunda que surgem, a partir de demandas práticas, a constituição de processos de conhecimento, em constante fluxo.

Este fluxo, porém, atravessa e afeta os contextos e as condições sob as quais outros estarão se desenvolvendo, de tal forma que, para Ingold (2010), os processos cognitivos se equivalem ao processo histórico da vida social, em um mundo palpável onde habitam pessoas, objetos e suas relações.

Compreender a construção de conhecimento enquanto algo de ordem histórica e social, marcado por seu caráter processual, implica, para Ingold, no entendimento da cultura e da história enquanto processos naturais e evolutivos, de tal forma que aprendizagem e comunicação deixam de ser marcadores exclusivos da humanidade, comuns a todos os seres:

Hutchins compara o navegador humano à formiga, que deve sua habilidade aparentemente inata de localizar fontes de alimento com precisão impressionante aos rastros deixados no ambiente por predecessores incontáveis. Apague os rastros, e a formiga está perdida. Assim, de fato, estariam os humanos, sem cultura ou história. A conclusão de Hutchins é que as capacidades de formiga, também, são constituídas dentro de um processo histórico de cultura. Alternativamente, (e resumindo-se praticamente à mesma coisa) poderíamos concluir que as capacidades supostamente “culturais” dos seres humanos são constituídas dentro de um processo de evolução. Meu ponto é que “a história, compreendida como o movimento pelo qual as pessoas criam os seus ambientes e, portanto, a si mesmas, não é mais do que uma continuação do processo evolucionário, como definido acima, no terreno das relações humanas” (INGOLD, 1995a, p. 207-212). (INGOLD, 2010, p. 17).

Carvalho e Steil (2013) nos auxiliam a compreender, à vista disso, que, para Ingold, experimentamos a vida imersos em meio a fluxos materiais que nos atravessam e ultrapassam uma mera relação com o ambiente em que nos enxergamos externos a ele. O ambiente nunca está, para Ingold (2000), completo ou finalizado e, ao abordar os processos por meio dos quais nós, seres humanos, ativamente arquitetamos construções e modificamos nosso entorno, argumenta que o fazemos, precisamente, porque *habitamos* o mundo. Nesta perspectiva, compreendemos que o modo como construímos (ou imaginamos) se dá, justamente, devido às formas como existimos enquanto seres humanos, em nossas relações, nossos contextos e nosso tempo: criamos, aprendemos e compartilhamos porque habitamos o mundo.

Nos situamos, enquanto organismos, em um horizonte de atravessamento de forças vitais, que nos constituem enquanto simultaneamente as constituímos: “Não se trata, portanto, apenas de habitar o mundo, mas de estar atento à vida como a dimensão fundante que atravessa todos os seres” (CARVALHO; STEIL, 2013, p. 69). Ingold nos convida, ainda, a compreender que este mundo não está repleto de *objetos*, mas de *coisas*, conceito que, para Ingold (2012) diz de um entrelaçamento de acontecimentos que afeta e se deixa afetar por aquilo com que se entrelaça, sempre em aberto, enquanto os objetos dizem de espaços aparentemente concluídos, fechados em si.

Essa distinção se faz importante na medida em que, para o autor, somente podemos habitar o mundo se compreendermos seus conteúdos enquanto coisas, uma vez que, ainda que ocupemos um mundo de objetos, “é como se eles tivessem nos dado as costas” (INGOLD, 2012, p. 31). Habitar o mundo implica em integração aos fluxos das coisas, estas que, não reduzidas a objetos, crescem, se movem, vivem:

Nosso argumento, por outro lado, é que o mundo aberto pode ser habitado justamente porque, onde quer que haja vida, a separação da interface entre terra e céu dá lugar à mútua permeabilidade e conectividade. O que chamamos

vagamente de chão não é uma superfície coerente, mas uma zona na qual o ar e a umidade do céu se combinam com substâncias cuja fonte está na terra, na formação contínua das coisas vivas. (INGOLD, 2012, p. 32).

Quando nos encontramos neste Ambiente Sem Objetos (ASO) nos deparamos com a vida que circula em meio aos processos que resultam nas formas das coisas. Habitar no ASO é, portanto, encontrar os múltiplos fios de vida que ali se agregam, em devir, que transbordam a superfície desse encontro, reverberando em fluxo. Em nosso trabalho, compreendemos que a malha das coisas vivas em que nos inserimos e em meio a qual aprendemos, construímos e habitamos se insere em um espaço praticado, mutável e constantemente atravessado por aqueles que o tomam: o cotidiano.

O cotidiano, para Certeau nasce nas relações, se reinventando, microscopicamente no mundo diário, que abriga as “invenções anônimas” que o transformam (AGUIAR; HERSCHMANN, 2014, p. 10). Pesquisar nos cotidianos é se atentar para estes processos relacionais que perpassam a vida, seus detalhes e indícios, percebendo o que há de “grande no interior do pequeno” (LACERDA, 2017, p. 140). Direcionando-nos em meio a práticas e narrativas cotidianas desconhecidas, é possível encontrar analogias com aquilo que aparece nos planos globais: tais práticas são tradicionalmente caracterizadas enquanto passivas e subordinadas às relações de poder dominantes.

Nessa toada, Certeau descreve o dominante enquanto um “forte” que, por meio de estratégias, “postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e, portanto, capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta” (CERTEAU, 1998, p. 46). É por meio delas que o *forte* gerencia as relações por meio da exterioridade de alvos ou ameaças, um lugar de poder, um *próprio*:

Ela [a tática] não tem, portanto, a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as "ocasiões" e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no voo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia. (CERTEAU, 1998, p. 100-101).

É por meio destes pequenos rompimentos com o *próprio* (o lugar de poder certeuniano) que se dá o ato político cotidiano: não se trata de algo planejado, nem previamente organizado,

mas ocorre enquanto um acontecimento que se faz no próprio acontecer (LACERDA, 2017, p. 122).

Ironicamente, a vida cotidiana é inventada pela modernidade, este cronótopo que fragmenta a existência nos espaços-tempos de trabalho, lazer, consumo e vida privada. O cotidiano passa a ser inferiorizado enquanto infértil, desconsiderando a potência política e lúcida que seus praticantes exercem a partir de sua criatividade. Porém, na vida cotidiana, os abismos que compõem as distintas experiências de ser/estar no mundo estão sempre expostos. É de interesse do forte manter estas diferenças camufladas e, por isso, somos convidados a ignorar e a minorar a experiência cotidiana, tendo em vista “que uma breve observação dos cotidianos permitiria revelar as desigualdades sociais que assolam o mundo” (LACERDA, 2017, p. 128).

Uma das estratégias do projeto moderno é a de atribuir à repetição, característica dos cotidianos, o status de estéril, ausente de novidade. Contudo, em termos cereteunianos, é ela o *motor da vida* que, no fluxo da continuidade, propicia as invenções e as táticas responsáveis pelas transformações do mundo. Se o *espaço* é dominado pelo *próprio* do forte, é no *tempo* que o fraco encontra as possibilidades de realização. Da mesma forma, opera-se a desqualificação do senso comum, cujo berço se dá no cotidiano, envolto por culturas indissolúveis de nós, o que por consequência, desqualifica a nós mesmos, “gentes comuns” (LACERDA, 2017, p. 129).

É, portanto, por meio das frestas que a ação repetitiva na vida cotidiana permite a construção de novos lugares, novas coisas, novos organismos e novas formas de habitar. Estes arranjos não podem ser vistos se nos valermos das mesmas lentes com as quais olhamos para o mundo macro. Assim, no presente capítulo, interessa-nos compreender o Alzheimer enquanto algo que afeta as tessituras do que significa estar vivo, e, em meio ao convívio cotidiano, possibilita a construção de conhecimentos e aprendizados que, numa experiência pública mediatizada, são compartilhados com milhares de pessoas. Ao discutirmos a experiência de Cláudia e Francisquinha, buscamos observar os processos de afetação que atravessam a experiência das duas e dos públicos.

3.3. DISCUSSÃO E ANÁLISE

3.3.1. Habitando novos cotidianos de Cláudia

Ao nos inserirmos no fluxo dos recortes dos últimos cinco anos da vida de Cláudia e Francisquinha, nos chama atenção o processo contínuo de aprendizagem que a filha constrói a partir do diagnóstico da mãe. Compreendemos o diagnóstico enquanto marcador-chave de um processo de ruptura, partindo da concepção de que, enquanto experiência estética, carrega em si caráter acontecimental, ainda que a demência, seus sintomas e tratamentos sejam apreendidos e compreendidos nas lógicas de racionalidade modernas. Argumentamos desta forma uma vez que, apesar da racionalização de um conjunto de sintomas que convencionou-se chamar de Alzheimer, é no momento em que o diagnóstico recai sobre Cláudia (que narra este processo em inúmeros vídeos), que a filha se vê angustiada, preocupada, sem saber se conseguiria lidar com o tratamento. São forças acontecimentais que só se manifestam *a partir* do diagnóstico: sua mãe tem Alzheimer. Antes disso os sintomas poderiam representar uma multiplicidade de fatores (*coisa de idoso*); mas, com o diagnóstico, o horizonte de evolução da doença emerge: o esquecimento, as alterações de humor, culminando na perda da autonomia e das funções motoras:

Em todo acontecimento existe realmente o momento presente da efetuação, aquele em que o acontecimento se encarna em um estado de coisas, um indivíduo, uma pessoa, aquele que designamos dizendo: eis aí, o momento chegou; e o futuro e o passado do acontecimento não se julgam senão em função deste presente definitivo, do ponto de vista daquele que o encarna. Mas há, de outro lado, o futuro e o passado do acontecimento tomado em si mesmo, que esquiva todo presente, porque ele é livre das limitações de um estado de coisas, sendo impessoal e pré-individual, neutro, nem geral, nem particular, eventum tantum... (DELEUZE, 2007, p. 154).

Não conseguimos viver em meio a essa multiplicidade de afetações e angústias: buscamos construir sentido, recorrendo àquilo que nos é palpável no mundo – nossa fé, o conhecimento, algo que nos traga de volta para um estado de não-afetação. Assim, Cláudia, “uma pessoa muito prática”, após ficar alguns dias deprimida pensa: “a doença está aí e minha mãe tá viva, minha mãe precisa viver e eu preciso viver, então vamos levar isso para o melhor caminho. Vou tentar fazer com que isso não seja um bicho de sete cabeças”³¹.

Contudo, ainda que munidos de racionalidade, não conseguimos controlar ou suprimir por completo o fluir da experiência, esta que, em devir, emerge novamente, inesperada, na vida cotidiana. Em um vídeo³², publicado em 16 de outubro de 2016, Cláudia filma a mãe cantando

³¹ Convivendo com o portador de Alzheimer - Cuidadora informal - 01 30/07/2016. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=GJhFOEEDdYM&t=1s&ab_channel=FrancisquinhaAlves-ObomdoAlzheimer >. Acesso em: 29 ago. 2021.

³² Emoção, eu não seguro o choro. 16/10/2016. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=ecKoAhYENDI> >. Acesso em: 02 set. 2021.

“Nossa Senhora”, de Roberto Carlos, e diz ser uma grande coincidência ter ligado o rádio e estar tocando esta canção. Roberto Carlos parece ser uma figura importante para Francisquinha, a mesma aparece em inúmeros vídeos cantando/tentando cantar alguma música do cantor. Além disso, neste caso específico, se trata de uma canção religiosa, que parece ativar forças emocionais na própria Cláudia – estaque termina a gravação chorando, clamando à Nossa Senhora que cuide de Francisquinha e lhe conceda força e paciência.

A nós, expectadores/pesquisadores, parece ser essa uma das manifestações da força da experiência estética: uma simples canção traz à tona as fragilidades, os medos, as inseguranças e os afetos de Cláudia. Mesmo com toda praticidade, todo aprendizado e conhecimento, basta uma música, que toca em um dia específico no rádio, para despertar forças emocionais que nos dizem da incerteza e dos rompimentos que o Alzheimer carrega.

Cláudia e Francisquinha experienciam a vida em meio a estes atravessamentos, e no cotidiano, a partir da relação entre as duas e entre as outras pessoas com quem convivem nos espaços que habitam, Cláudia aprende a cuidar da mãe enquanto cuida, enquanto vive. A história que conta, pela primeira vez no vídeo *Alzheimer Moderado/Avançado – A difícil tarefa de dar banho 26/11/2018*³³, mas que repete em vários outros momentos, relata um exemplo destes processos. Na ocasião, Francisquinha lavou o rosto no vaso sanitário, causando desespero em Cláudia, esta que insiste em levar a mãe para o banho imediatamente. Francisquinha reage empurrando Cláudia no chão, esta que, nas palavras da mesma, “tenta fazer uma chantagem emocional”, fingindo que se machucou, sem sucesso. Francisquinha vai para a sala assistir televisão e Cláudia vai para a cozinha, lavar a louça, chorando. Pouco tempo depois uma música do Roberto Carlos começa a tocar e Francisquinha se acalma; Cláudia consegue, aos poucos, desviar a atenção da mãe e têm sucesso na tarefa de dar banho. Cláudia, sempre ao contar essa história, menciona que foi ali, em meio a uma situação cotidiana, que aprendeu a melhor forma para dar banho em Francisquinha: com música e paciência, forma que compartilha com seus seguidores até os dias de hoje. Estabelece, assim, outra forma de estar no banheiro, lugar que, para os cuidadores de pessoas com Alzheimer, aparece constantemente enquanto terreno difícil, outra forma de realizar a árdua tarefa do banho.

Contudo, ainda que Cláudia aprenda uma forma de dar banho, um ritual, como ela mesma diz, que funcione, a convivência e a evolução do Alzheimer colocam-na cotidianamente frente a novos desafios. Aquilo que funciona bem em um dia, ou na maioria dos dias, ou a cada seis meses, pode não funcionar subitamente e, demandar de Cláudia novas ideias. Para Ingold

³³ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=i4SNacaG4KU> >. Acesso em: 02 set. 2021.

(2000), é precisamente na inventividade e habilidade de improviso diante das situações inesperadas emergentes num ambiente que construímos conhecimento. Esses processos não se dão de maneira fácil e, em um vídeo³⁴, publicado em sete de junho de 2020, Cláudia desabafa com os seguidores, após uma nova experiência de banho difícil com Francisquinha.

Gente hoje eu levei uma pancada aqui ó [aponta para a orelha esquerda], na hora do banho. O banho [...] sempre foi uma coisa muito difícil pra mim, [...] raramente [...] ela vai tranquila [...]. Mas hoje ela reagiu como nunca em 10 anos ela tinha reagido. Ela gritou tanto, gente, tanto, ao ponto dos vizinhos perguntarem o que aconteceu e me bateu tanto. [...] Eu fiquei muito magoada não é porquê... eu to acostumada.... mas não é todo dia que a gente é forte, né. Eu sou uma pessoa forte, eu sei que eu sou uma pessoa forte [...], mas é a minha mãe e o choro dela na hora do banho foi desesperador. [...] O desespero dela na hora do banho me atingiu muito [...] eu só estou fazendo um desabafo... porque é normal, é da doença. Ela me bateu, eu deixei ela me bater, eu fiz o que tinha que fazer, cumpri o objetivo que era deixar ela limpa [...], mas hoje, especialmente hoje, não sei se é porque eu estava mais frágil [...], mas especialmente hoje eu fiquei mal.

A forma como Cláudia constrói outras relações com a mãe, com o Alzheimer, com os espaços da casa, com as músicas, a partir de experiências estéticas, são possíveis a partir da experimentação prática, proposta por Ingold. Ainda que nem todo banho seja fácil, ainda que haja dias cuja tarefa não se concretize, ainda que fique mal, Cláudia continua a habitar um mundo, construindo-o nas relações, experimentando-o, afetando-se, afetando a outros, aprendendo e ensinando. Enquanto habita, descobre formas de cuidar de sua mãe, encontra grupos de compartilhamento de experiências, descobre o *YouTube* e vai, dia após dia, compreendendo o que, como e porque compartilhar esses aprendizados.

3.3.2. Habitando experiências públicas na malha de relações do canal

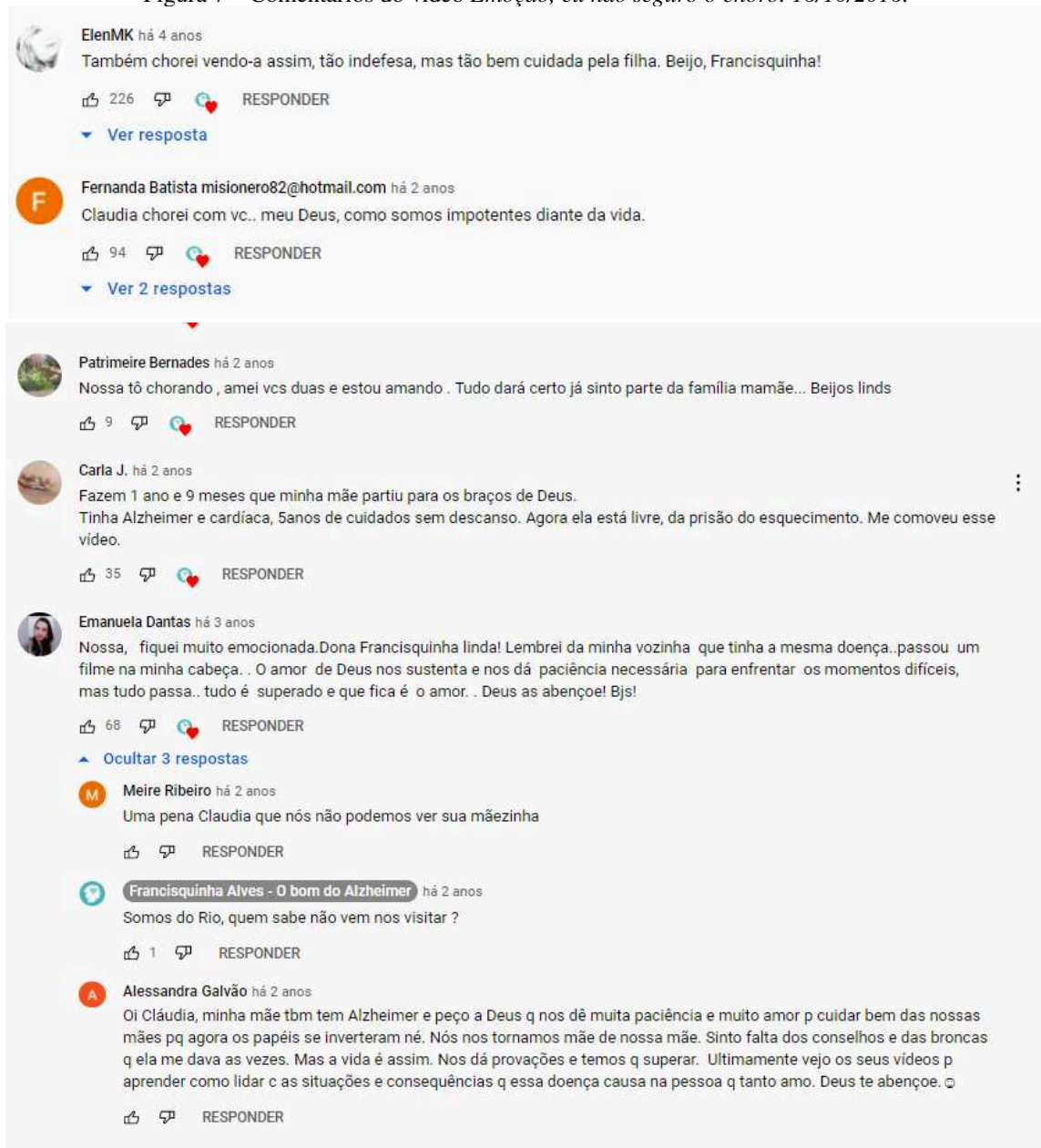
Aqueles que se descobrem em meio à malha de relações do canal encontram a possibilidade de desenvolvimento de múltiplas aprendizagens, conforme delineado no capítulo anterior. Contudo, assim como a experiência de Cláudia e Francisquinha não é marcada apenas pela presença de habilidades da competência midiática, os espectadores também são atravessados por afetações quando em contato com os instantes midiáticos.

No mesmo vídeo em que Cláudia é atravessada por forças emocionais a partir de uma música que toca na rádio, podemos observar, nos comentários, a relação que o público constrói

³⁴ Alzheimer - O desabafo de uma filha cuidadora cansada. 07/06/2020. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=zIZKjdt4ius> >. Acesso em: 09 nov. 2021

com Cláudia, Francisquinha, com o Alzheimer e com suas próprias vivências. Seguidores relatam ter chorado junto com Cláudia (como não chorar?) e projetam na imagem de Francisquinha suas mães, pais e avós que vivenciam ou já vivenciaram o mesmo com o Alzheimer, pedindo também a força e a paciência necessárias para cuidar.

Figura 7 – Comentários do vídeo *Emoção, eu não seguro o choro. 16/10/2016.*



ElenMK há 4 anos
Também chorei vendo-a assim, tão indefesa, mas tão bem cuidada pela filha. Beijo, Francisquinha!
226 RESPONDER
[Ver resposta](#)

Fernanda Batista misionero82@hotmail.com há 2 anos
Claudia chorei com vc.. meu Deus, como somos impotentes diante da vida.
94 RESPONDER
[Ver 2 respostas](#)

Patrimere Bernades há 2 anos
Nossa tô chorando , amei vcs duas e estou amando . Tudo dará certo já sinto parte da família mamãe... Beijos linds
9 RESPONDER

Carla J. há 2 anos
Fazem 1 ano e 9 meses que minha mãe partiu para os braços de Deus.
Tinha Alzheimer e cardíaca, 5anos de cuidados sem descanso. Agora ela está livre, da prisão do esquecimento. Me comoveu esse vídeo.
35 RESPONDER

Emanuela Dantas há 3 anos
Nossa, fiquei muito emocionada.Dona Francisquinha linda! Lembrei da minha vizinha que tinha a mesma doença..passou um filme na minha cabeça. . O amor de Deus nos sustenta e nos dá paciência necessária para enfrentar os momentos difíceis, mas tudo passa.. tudo é superado e que fica é o amor. . Deus as abençoe! Bjs!
68 RESPONDER
[Ocultar 3 respostas](#)

Meire Ribeiro há 2 anos
Uma pena Cláudia que nós não podemos ver sua mãezinha
 RESPONDER

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer há 2 anos
Somos do Rio, quem sabe não vem nos visitar ?
1 RESPONDER

Alessandra Galvão há 2 anos
Oi Cláudia, minha mãe tbm tem Alzheimer e peço a Deus q nos dê muita paciência e muito amor p cuidar bem das nossas mães pq agora os papéis se inverteram né. Nós nos tornamos mãe de nossa mãe. Sinto falta dos conselhos e das broncas q ela me dava as vezes. Mas a vida é assim. Nos dá provações e temos q superar. Ultimamente vejo os seus vídeos p aprender como lidar c as situações e consequências q essa doença causa na pessoa q tanto amo. Deus te abençoe. ☺
 RESPONDER

Fonte: YouTube (s/d).

É em meio ao cotidiano que os vídeos aparecem para os seguidores, até o ponto em que Francisquinha e Cláudia se tornam parte da rotina de milhares de pessoas ao redor do mundo. A forma como Francisquinha e Cláudia afetam, esteticamente, os seguidores, que se veem como parte da família das duas, riem, choram, se indignam e se apaixonam, se apresenta como fator

chave para o aprendizado. Aprende-se sobre a paciência, o cuidado e o carinho que Cláudia se propõe a compartilhar no fluir do cotidiano midiático porque se afeta por ele.

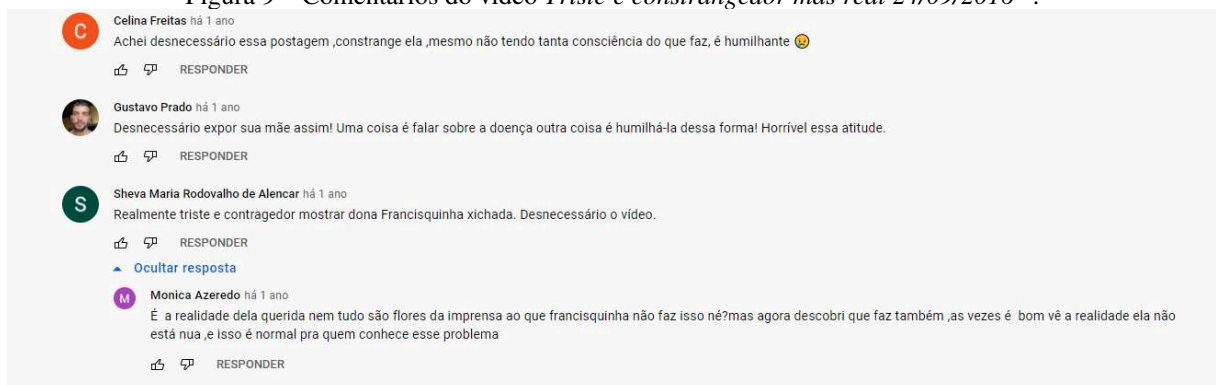
Ainda que a maioria dos comentários dos vídeos sejam positivos em relação ao conteúdo e à Cláudia, pontualmente aparecem críticas. Dentre os comentários negativos, grande parte se dedica a questionar um uso/aproveitamento/exposição da imagem de Francisquinha, que não possui mais condições de expressar ou não consentimento:

Figura 8 – Comentários do vídeo *Alzheimer - Agitação logo no café da manhã - Visivelmente ansiosa*. 23/08/2016³⁵.



Fonte: YouTube (s/d).

Figura 9 – Comentários do vídeo *Triste e constrangedor mas real* 24/09/2016³⁶.



Fonte: YouTube (s/d).

³⁵ Alzheimer - Agitação logo no café da manhã - Visivelmente ansiosa. 23/08/2016. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=ckJ2DrgahKg> >. Acesso em: 23 nov. 2021.

³⁶ Triste e constrangedor, mas real 24/09/2016. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=w0-5MrMSdO4> >. Acesso em: 23 nov. 2021.

Além do posicionamento de Cláudia apresentado no capítulo anterior, em que argumenta que expõe apenas amor e carinho, em dezembro de 2019³⁷, Cláudia aborda o assunto novamente, e argumenta:

Eu tenho certeza que, se minha mãe tivesse lucidez, ela ia apoiar esse meu trabalho. A minha mãe era uma pessoa que se doava [...]. Porque as pessoas pensam assim ‘ah ela não tem memória, não tem lembrança, mas olha quanta coisa ela tá passando ainda. Ela é uma professora eterna, porque a vida dela é o ensinamento [...]. Vocês, uma minoria [...] que acham que eu fico expondo a minha mãe, vocês não conheceram minha mãe, minha mãe foi uma pessoa a frente do tempo dela.

Não acredito ser plausível ou viável, nem me sinto confortável para, nos contextos desta pesquisa ou, ainda, enquanto expectadora do canal, questionar o argumento de Cláudia. Talvez estudiosos do campo do direito ou da filosofia possam construir debates em torno das implicações legais ou morais do gesto de tornar pública a experiência de Francisquinha. O que podemos observar, a partir de nossas lentes teóricas, em meio às tensões complexas que a experiência desperta é que, a partir da aparência de Francisquinha nesse espaço público midiático, sua experiência de vida ganha existência pública (MAGALHÃES, 2009), afetando as pessoas que, por decisões algorítmicas, ou por uma pesquisa ativa, as encontram, deixando-se afetar pela aparência pública de um habitar cotidiano no/do Alzheimer. Se Cláudia cria o canal para ter a possibilidade de ajudar a quem precisa, ensinando aquilo que aprendeu, mas que não encontrou em outro lugar da internet, este capítulo e o anterior evidenciam que a tarefa foi bem-sucedida. Entre tensões, emoções, risos e choros, Cláudia aprende com o Alzheimer, aprende a ensinar e todos nós aprendemos com ela.

3.4. CONCLUSÕES DO CAPÍTULO

O presente capítulo buscou argumentar que o canal do *YouTube Francisquinha Alves – O Bom do Alzheimer* é construído a partir de processos de afetação e, em decorrência disso, desperta outras afetações em seu público. Evidenciamos os movimentos de ruptura presentes na trajetória midiática de Cláudia e Francisquinha, promovidas, inicialmente pelo diagnóstico da DA, que altera as relações entre as duas e entre o mundo e que recai sobre Cláudia em caráter acidental. A própria criação do canal parece motivada pela série de racionalizações que

³⁷ Alzheimer - dezembro mês da Francisquinha 🌸 02/12/2019. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=D7T2dCB6Mlo> >. Acesso em: 23 nov. 2021.

fazemos na tentativa de suportar a força de um acontecimento e representa outro movimento de ruptura: com as expectativas do que deve aparecer publicamente sobre o Alzheimer.

A partir dos processos de mediação dessa experiência, Cláudia abre a possibilidade de um novo mundo reconfigurado, em que a vida de mãe e filha aparece e se conecta com outras vidas ao redor do mundo, enquanto a própria Cláudia se conecta com Francisquinha, com o Alzheimer e com esse novo público que emerge. Os vídeos discutidos no presente capítulo evidenciam que, a partir da afetação experienciada por Cláudia no fluir da vida, enquanto vive e interage, cotidianamente, com a mãe e com o mundo, ela passa a construir múltiplas aprendizagens. Enquanto Cláudia aprende e narra (ou mostra) aquilo que aprendeu nós, espectadores) nos vemos atravessados por outras forças emocionais, que dizem de nossas próprias experiências de vida: amor, alegria, indignação e, a partir delas podemos experimentar e desenvolver múltiplas outras aprendizagens.

Pode-se notar, contudo, que o presente capítulo parece ter enfatizado vídeos publicados durante as três primeiras fases do canal. Este movimento não é acidental, porém também não ocorre de maneira arbitrária: nota-se, a partir do lançamento do Método *Love Care*, uma forte mudança, sobretudo discursiva, no que tange à relação de Cláudia com a experiência da mãe e com os públicos. Entre promessas de soluções para *todas* as situações do Alzheimer e afirmações de que sabe pelo que quem lhe assiste está passando, uma outra Cláudia emerge, profissional, publicitária, mentora.

Discutimos que, para Bondía (2002), uma experiência é o que *nos* acontece e que é impossível que se repita a mesma experiência para duas pessoas, ainda que sob elas recaia o mesmo acontecimento. Como garantir que a experiência de Cláudia seria a mesma de todas as pessoas que, porventura, descubram o curso? As tensões entre os aprendizados até então discutidos neste capítulo e no anterior, marcados pela experimentação prática em contextos mediados, atravessados por múltiplas forças emocionais, e uma proposta curricular, estática, atravessada, principalmente, por um forte viés organizacional, serão abordadas no próximo capítulo.

4. A EMERGÊNCIA DE UMA EXPERIÊNCIA PÚBLICA ORGANIZACIONAL: TENSÕES E POTÊNCIAS DO MÉTODO *LOVECARE*

4.1. INTRODUÇÃO

A construção deste capítulo é motivada a partir da observação das mudanças discursivas que permeiam a quarta fase do canal *Francisquinha Alves – O Bom do Alzheimer*. Conforme evidenciamos no primeiro capítulo, inicialmente, o canal de Cláudia e Francisquinha era marcado pela informalidade, pela experimentação, pelo cotidiano capturado nos *vlogs*. Contudo, a partir do lançamento do Método *LoveCare*, observamos a emergência de processos de profissionalização, com forte viés organizacional, no anúncio das promessas advindas com o curso.

Lançando em dez de setembro de 2020, o Método *LoveCare* é um curso especializado em cuidados com o paciente de Alzheimer, criado por Cláudia em parceria com Monique Curi. Composto por dez módulos o curso aborda desde as fases do Alzheimer até a apresentação dos cinco pilares do cuidador de um doente de Alzheimer – CAPER: Conhecimento, Amor, Paciência, Empatia e Resiliência. O curso conta ainda com aulas bônus de uma equipe multidisciplinar da área da saúde com geriatra, fonoaudióloga, nutricionista, terapeuta ocupacional, fisioterapeuta e psiquiatra e, até fevereiro de 2022, foram abertas nove turmas.

Conforme apresentamos no primeiro capítulo, a partir do lançamento do curso, há um processo de profissionalização na produção dos vídeos para o canal e na forma como Cláudia se comunica com seus seguidores, e tais movimentos motivam a discussão proposta nesse capítulo. Debruçamo-nos, portanto, sobre os vídeos publicados durante a quarta fase identificada no canal. Apesar do estranhamento que a mudança discursiva de Cláudia provoca em um primeiro momento, este capítulo busca argumentar que a criação do curso e as estratégias comunicacionais que orbitam o lançamento são frutos de lógicas que extrapolam o universo do canal, dizendo de nosso próprio tempo/espço.

Para isso, apresentamos, inicialmente, as contribuições teóricas que orientam as reflexões do capítulo, subdivididas em dois tópicos. O primeiro discute o conceito de *self* pontual em Taylor (2011), que nos permite compreender as formas como nos relacionamos com nós mesmos a partir da instauração da modernidade. Souza (2012) e Bessa (2015) complementam o debate da soberania racional proposta pelo projeto da modernidade, sob a ótica das fontes morais e da produção da história em Benjamin, respectivamente. Em seguida, Rodrigues e Rangel (2017) se valem de Koselleck e Gumbrecht para discutirem os impactos de

tal projeto, que se mostra frustrado, mas ainda presente em nosso tempo. O tópico é finalizado com a discussão sobre os impactos que os ideais da modernidade possuem sobre o ambiente organizacional, conforme Mafra e Marques (2019), além das tensões que tais ideais produzem em relação aos horizontes democráticos contemporâneos.

O segundo tópico busca se debruçar sobre as nuances entre biopoder e biopotência, a partir de Pelbart (2008). O autor compreende que, atualmente, o capital se instaura em todas as instâncias de nossa vida, inclusive em nossa subjetividade, o que culmina na capitalização de nossa inventividade. A esse biopoder responderia a biopotência, força que emerge nos contextos em que esta dominação se faz presente de maneira mais intensa.

Por fim, apresentamos as discussões analíticas sobre a experiência do canal, organizadas em dois grandes movimentos. O primeiro visa evidenciar os diálogos que as estratégias de Cláudia, enquanto *youtuber* e mentora, possuem com um projeto de modernidade e com a tentativa de construção de uma identidade organizacional. O segundo observa a experiência de mãe e filha em uma lógica de recusa à condição de sobrevivência imposta a partir do diagnóstico de Alzheimer, se valendo de sua biopotência para a construção de afetações e resistências, numa dimensão inevitavelmente afetada pelas contradições do biopoder, mas, sobretudo, promotora de uma experiência pública de biopotência, marcada por encontros de subjetividades demandantes de novas composições e reconfigurações de mundo.

4.2. REFERENCIAL TEÓRICO

4.2.1. Modernidade e contemporaneidade: tensões em âmbitos organizacionais

No intuito de delinear a que nos referimos quando acionamos as noções espaço-temporais de modernidade e contemporaneidade, bem como seus impactos em instâncias discursivo-organizacionais, discutimos, inicialmente o conceito de *self* pontual a partir das contribuições do filósofo canadense Charles Taylor (2011). O autor problematiza a forma como, na sociedade ocidental moderna, compreendemos a nós mesmos em meio a uma dicotomia entre o que está “dentro”: nossas emoções, pensamentos e ideias, e o que está “fora”: o mundo com que nos relacionamos (TAYLOR, 2011). Com a predominância dessa forma de auto interpretação que, para Taylor (2011), é historicamente limitada (na medida em que não é uma forma universal e atemporal de compreensão do mundo, e sim uma característica da modernidade no ocidente, ainda que possa alastrar-se para outros contextos), cremos, enquanto fato dado, quase indiscutível, que possuímos um *self*. Orientado por uma “plenitude de auto

presença", em comparação à uma orientação anterior ligada a Deus, nos munimos da razão que nos permitiria compreender e nos valer de nossas próprias capacidades de maneira autônoma e autossuficiente.

Taylor (2011, p. 220), considera o ápice do desenvolvimento desta forma de ser e/ou de construir a nós mesmos a partir da emergência de um o *self* pontual – uma categoria de existir que concebe a racionalidade enquanto característica central do processo de pensar e de experienciar o mundo, por meio da qual supostamente torna-se possível a busca por um certo “entendimento real” das coisas. Nesse lugar, passamos a nos entender enquanto seres de consciência emancipada e, conseqüentemente, nos é cobrado um completo autocontrole da mesma, pois, descontrolar-se, escapar da ordem na tentativa de construção de nossa representação, é deixar o processo correr sem ciência. Ocorre, por consequência, um movimento de “auto-objetificação”, que só é possível pois vivemos imersos em disciplinas que pregam este autocontrole em múltiplos campos: sexual, econômico, moral etc.

O pano de fundo comum para a construção desta pretensa identidade é marcado pelas orientações morais fornecidas por instituições características da modernidade, tais quais o Estado, o mercado e a ciência, conforme Souza (2012). Essas “fontes morais” promovem, ainda, uma compreensão coletiva em que as criaturas dotadas da capacidade de raciocinar se distinguem, abissal e hierarquicamente, das demais. Esses processos se aplicam tanto entre os seres humanos e outras espécies, quanto às próprias relações humanas: “o modelo do domínio racional assume a forma do controle instrumental” (SOUZA, 2012, p. 32).

Bessa (2015), a partir dos escritos de Walter Benjamin, explicita que a vida na modernidade leva ao declínio na experiência na medida em que mina o diálogo entre gerações e as tradições narrativas, inunda-nos com uma industrialidade e ofusca artesanatos, enquanto o fazer coletivo perde relevância se comparado a noções individualistas: sufocados pelo excesso de informações, não nos resta experiência. A profusão de estímulos característica da modernidade privilegia, portanto, compreensões ligadas ao âmbito da consciência humana e do estabelecimento da memória voluntária, em relação à memória involuntária, que nos permite superar o passado, entrecruzando os tempos e deixando florescer uma experiência singular. Construída nos cacos e marcada pela narrativa e pela tradição, a memória involuntária não se vale daquilo que é meticulosamente selecionado ou estabelecido, a partir das necessidades sociais e profissionais de seu tempo, conforme a autora: “A memória voluntária é bastante útil para guardar informações, mas não para gerir afetos” (BESSA, 2015, p. 8).

Na modernidade, compreende-se, portanto, a história enquanto um desencadear de fatos ordenados e que culminavam, por meio da ação do tempo, em mudanças em todos os campos

sociais. Rodrigues e Rangel (2017) nos ajudam a compreender que para Koselleck, o passado, conseqüentemente, perde sua capacidade de orientação da experiência, enquanto todas as expectativas de mudança se dariam no horizonte futuro. O tempo presente estaria, portanto, estreito entre as duas instâncias e inerte perante a aceleração da história, ao mesmo tempo em que se configura enquanto o espaço de ação responsável pelas mudanças a vir.

Contudo, na contemporaneidade, em desacordo com as expectativas herdadas da modernidade, não mais depositamos no curso da história e no futuro a crença em transformações advindas de um progresso. Simultaneamente, os passados emergem, repletos de memórias e experiências acumuladas, as quais passamos a nos orientar, em busca de uma pretensa segurança que o futuro já não conseguiu nos garantir. Assim, Rodrigues e Rangel (2017) se valem das contribuições de Gumbrecht para pontuar que o presente se expande, dados os passados acumulados e a impossibilidade de futuros, caracterizando-se enquanto um “amplo presente”, caracterizado, sobretudo, pela sensação de estagnação e pela descrença nas grandes transformações esperadas na modernidade. Ainda que coisas sigam acontecendo (como em qualquer espaço-tempo), na contemporaneidade, essa sensação de estagnação se relaciona, diretamente, à ausência de expectativa de que alguma mudança ou progresso seja fruto delas. Os autores pontuam que contribuem para esse cenário, por exemplo, o totalitarismo presente no século XX, uma vez que tais experiências se valeram exatamente das fontes morais do futuro utópico da modernidade para finalidades violentas e traumáticas – futuro esse que, não seria mais fruto da ação divina, mas se apoiava na ação pragmática e consciente dos homens:

Para Koselleck, a tentativa de explicação e controle da história durante a modernidade, se por um lado era a energia que fundamentava as humanidades e as teorias políticas e que tornava possível o enfrentamento das crises e a provocação de novos futuros, por outro, foi responsável por continuar, de alguma forma, a “ruína” que pretendiam evitar através da emergência dos autoritarismos em geral. O processo da incessante substituição de “futuros passados” por “futuros utópicos”, nos quais há um intenso desejo de ultrapassar (e determinar) a experiência coletiva, parte do fato de que apesar da modernidade ter inaugurado novas possibilidades para a história humana, levando os homens à construção de projetos políticos e sociais inéditos, provocou projetos ético-políticos com forte teor autoritário profundamente determinados pela tentativa de “controle” (desencantamento) da realidade. (RODRIGUES; RANGEL, 2017, p. 79-80).

Os autores nos atentam ainda que, para Koselleck, assim como a promessa utópica da modernidade culmina na legitimação de tais processos autoritários, a estagnação e o pessimismo característicos de nosso tempo contemporâneo podem também culminar em tentativas autoritárias de controle da realidade. Contudo, apesar do desencanto perante o

projeto moderno, as lógicas da constituição da vida na modernidade se mantêm inscritas nos desenhos institucionais do Estado, do mercado e da ciência, de tal forma que os ideais de racionalidade ainda as movem. Mafra e Marques (2019) se dedicam à investigação acerca das tensões emergentes em contextos organizacionais, baseadas, sobretudo, nas consequências da instauração de tais ideais nas organizações, tais quais os movimentos de instrumentalização, objetificação e aprisionamento. Estes tensionamentos são explicitados, sobretudo, em contraste aos horizontes democráticos publicamente compreendidos enquanto desejáveis, de aparecimento e reconhecimento da emergência de diferenças, por exemplo.

Os autores pontuam que nos contextos contemporâneos observamos formas organizacionais plurais que não necessariamente se enquadram nos três âmbitos anteriormente mencionados, ou ainda, se colocam em oposição à proposta moderna. Porém, ainda assim, eventualmente, tais organizações se encontram em conflito a partir da hegemonia da presença da modernidade em nosso tempo. Em contextos democráticos, as organizações precisam buscar legitimidade perante seus públicos a partir da preservação de uma identidade que não se apresente conflituosa com os pressupostos da democracia. Contudo, são também convocadas, a partir dos ideais da modernidade a se constituírem enquanto entidades dotadas de uma imagem estável e ordenada, dotada de controle.

Portanto, conforme Baldissera (2007), que se vale do paradigma da complexidade de Morin, as organizações, enquanto espaço de disputa de sentidos, tentam se apresentar enquanto entidades dotadas de uma identidade constante, consistente, fixa, porém são atravessadas, simultaneamente por inconstâncias, desorganizações, instabilidades. Em meio a essas tensões, a organização busca o reconhecimento e a identificação de seus públicos e, para isso, é levada a atualizar-se, se valendo de recursos discursivos que busquem suturar aquilo que eventualmente rompa com a identidade estabelecida:

Buscam a instituição de uma narrativa e imagem simbólica que dissimulem, dissolvam a diversidade de contornos apresentados pelas diferentes identidades/identificações. Em seu lugar, procuram fazer emergir identidades organizacionais unificadas pela continuidade, pela coesão, pela coerência. Desse modo, mediante a representação ocorre uma espécie de naturalização da sutura, ou seja, é como se sempre tivesse sido assim. (BALDISSERA, 2007, p. 241).

Os discursos organizacionais, acionados para estes fins, são caracterizados enquanto um conjunto estratégico de significações que almejam, precisamente, a concretização de tais suturas, minando os processos contraditórios, de diferenças e neutralizando conflitos, conforme

Silva *et al.* (2019). Os autores localizam tal gênero discursivo “no epicentro de processos de (des) identificação no bojo organizacional” (SILVA *et al.* 2019, p. 6), afetado pela percepção de seus múltiplos públicos, necessário para a construção da legitimidade basilar de uma organização perante estes.

A partir do lançamento do Método *LoveCare*, na quarta fase, Cláudia passa a ser afetada (mais intensamente) por uma lógica organizacional na produção de conteúdo para o canal, uma vez que seus públicos passam a ser possíveis contratantes/consumidores. Este gesto demanda o acionamento de discursos que transformam as perspectivas interacionais do canal, apresentando tons discursivos organizacionais que visam a construção da identidade do curso para além de si mesma. Conforme a toada de Baldissera (2007), a identidade organizacional objetiva a construção de suturas, estabelecendo uma imagem pretensamente coerente, necessária frente as inúmeras aberturas e diferenças possíveis nas relações que uma organização estabelece com seus públicos e, de modo mais amplo, com a própria vida social. Tais lógicas discursivas parecem, portanto, envelopar e constituir o Método *LoveCare*.

Por outro lado, é importante compreender que o reconhecimento desse gesto não indica, de nossa parte, uma frustração da autenticidade, ou de uma suposta expectativa genuína, em que o canal, a partir de seus *vlogs*, estabelecia na inauguração de novas composições e experiências com a DA. Desejamos reconhecer que o acesso a esse espaço organizacional – e, por sua vez, às suas lógicas identitárias e discursivas – simboliza a emergência de outras experiências públicas, marcadas tanto por contradições e demandas novas, como também por potências e outros arranjos possíveis.

4.2.2. Biopoder e biopotência no contemporâneo

O presente tópico visa delinear nuances do que implica estar vivo na contemporaneidade, seus jogos de poder e de resistência, a partir do entendimento da pluralidade de sentidos que a experiência de Cláudia e Francisquinha carrega. Peter Pál Pelbart (2008), ao abordar as extensões do biopoder em nossos contextos, compreende que este se alastra por todas as dimensões de nossa vida, colonizando corpo, mente, afetos, direcionando a forma como percebemos a nós mesmos e aos outros, como discutido no tópico anterior. Pelbart (2008) contrapõe esse alastramento do poder com uma concepção anterior em que imaginávamos, ou tínhamos a impressão de que algumas instâncias permaneceriam afastadas de tais processos de dominação, tais quais o inconsciente, o corpo e a subjetividade, enquanto, atualmente, sequer “o sexo, a linguagem, a comunicação, a vida onírica, mesmo a fé”

(PELBART, 2008, p. 1) escapam destes mecanismos. Esta dificuldade de escape estaria, para ele, diretamente relacionada aos turvos contornos do que é poder e do que somos nós, na medida em que este permeia o cerne de nossas subjetividades. Contudo, o autor nos provoca reflexões a partir da apresentação de um segundo eixo de compreensão de tais movimentos: quando os processos de dominação parecem ter assumido controle de tudo, nas fronteiras emergem os descontroles, a vida, na retomada de sua potência.

Se hoje o que o capital nos demanda é nosso potencial inventivo (em detrimento à nossas aptidões físicas), e que tal potencial é (ainda que soe redundante), precisamente, nosso, e não de alguém que detenha os meios de produção, o autor nos convoca a repensar as formas como construímos nossas resistências. Para ele, “ao poder sobre a vida responde a potência da vida, ao biopoder responde a biopotência” (PELBART, 2008, p. 2), ainda que essa potência não emane a partir do poder, mas sim, sempre esteve presente, mas que, na tentativa de apreenderem-na, fazem emergir sentidos e formas de existência que buscavam reprimir.

Pelbart (2008) ilustra essa dualidade na representação de uma fita de *Moebius* e apresenta três conceitos de vida na tentativa de elucidar o que ele discute como as dinâmicas entre biopoder e biopotência. Ele inicia a discussão a partir da figura do *muçulmano*, que descreveria um corpo entregue, submisso à vontade divina, entre vida e morte, uma vez que o biopoder na contemporaneidade se incumbiria de produzir sobreviventes, reduzindo-nos a não humanidade, a uma vida que se preocupa apenas em atender os mínimos requisitos biológicos. Ainda que trace essa forma de vida na figura do *muçulmano*, a partir da descrição de Agamben sobre os mesmos nos contextos dos campos de concentração nazistas, a partir de uma concepção preconceituosa sobre o fatalismo islâmico, Pelbart (2008) circunscreve todos nós na mesma condição zumbificada, sobrevivente, a partir da ação do biopoder na contemporaneidade.

Aborda, em seguida, a dimensão do corpo que ganha protagonismo e dedicação na contemporaneidade: ao nos centrarmos em nós mesmos, em busca de autorrealização e autocontrole, nos dedicamos também a um suposto aperfeiçoamento de nossas dimensões corpóreas, uma “bioidentidade”, conforme Pelbart (2008, p. 5). O autor aponta para uma superação da dimensão panóptica da fábrica ou da escola e do exército, mas que nos auto-submete à tirania de padrões estéticos e científicos de longevidade, beleza, saúde e performance, ou “bioascese”. Pelbart (2008) delinea estes moldes inalcançáveis de corpo de “corpo fascista”, que nos reduzem, ainda na sobrevida, em uma perspectiva meramente biológica.

Por fim, busca expandir a dimensão que denomina enquanto sobrevivente, atravessada, principalmente, por nossa busca pela preservação da vida, independente do custo, questionando o que significaria estar vivo nos tempos de hoje. Em contraposição aos homens que no 11 de

setembro voaram contra as torres gêmeas, sem medo da morte, questiona, a partir de Zizek, se nossa vida que se arrasta, prolongada e indolor, artificializada e controlada não seria “menos vida” que a deles. A ausência de intensidades, morna e anestésica da vida pós-moderna aparece camuflada pelo excesso de estímulos mercadológicos que nos rodeiam e que, somente o esgotamento do corpo, para o autor, poderia nos acordar para a letargia que o biopoder nos confere.

Este corpo não aguentaria mais os processos de adestramento, de docilização e mutilação que o coagiram interna e externamente por milênios: do processo de civilização às intervenções que o reduziram à condição de sobrevivente, como discutimos anteriormente: “Em suma, e num sentido muito amplo, o que o corpo não agüenta mais é a mortificação sobrevivencialista, seja no estado de exceção, seja na banalidade cotidiana” (PELBART, 2008, p. 11). O autor nos convoca, portanto, para retornar o corpo à sua possibilidade de afetação, que sofre, sente, acolhe e evita perante o contato com os estímulos que o acontecem.

Para isso, seria necessário o rompimento com as barreiras que nosso estado letárgico nos impõem, permitindo escorrer, por entre os poros, a permissão de ser frágil e sensível construindo outra forma de nos relacionarmos com a vida, sem que seja uma vida que já adquiriu uma forma. Pelbart (2008) pontua que, para que as potências da vida sejam experimentadas, se faz necessário o deslocamento do poder sobre a vida, recriando a nós mesmos. Dessa forma, seria precisamente nas condições em que esse poder sobre a vida nos sufocaria com máxima intensidade que as potências da vida retomariam o corpo, vibrante e afetivo: ao esgotar-se, a possibilidade de um outro afloraria.

É, portanto, na alegoria da fita de *Moebius* que Pelbart (2008) nos permite pensar sobre os poderes e as potências do contemporâneo: simultaneamente, o alcance do poder nos escapa dos sentidos, tamanha sua inserção em cada aspecto da vida enquanto irrompem gestos, afetos, insubordinações que escapam o amordaçamento do biopoder, ainda que, nem sempre sejamos capazes de percebê-los, precisamente pelo torpor característico de nossos corpos sobreviventes. O autor conclui seu raciocínio pelo entendimento de que, nas fraturas de nosso mundo se encontram as fagulhas dos gestos de potência da vida (PELBART, 2008). Em resumo, se há poder, há potência e para encontrá-la precisamos buscar o extremo da dominação e da exploração, pois a vida estaria, justamente, com aqueles que mais intensamente padecem.

O campo da medicina, por exemplo, exerce poder sobre os corpos de Cláudia e Francisquinha, condenando-as a um diagnóstico duro, sem grandes orientações e Cláudia, a partir de tal afetação encontra a internet como espaço possível de compartilhamento do cuidado, de encontro de afetos e alentos. Observamos o crescimento de uma experiência que é pública a

partir da midiaticização, marcada pelas vulnerabilidades e afetações de Cláudia, biopotência enquanto, simultaneamente, inaugura lógicas organizacionais em tal espaço, produzindo novos tensionamentos. Contudo, estes novos arranjos produzem também novas composições e biopotências possíveis, sobretudo no tocante à comunidade de cuidadores que se formam em torno do Bom do Alzheimer e do Método *LoveCare*, analisadas a seguir.

Assim, nosso esforço, nesse momento, é o de tomar a emergência do Método *LoveCare*, que acontece na quarta fase do Canal da Francisquinha, tentando problematizá-la a partir de duas grandes categorias de análise: “Tensões e atravessamentos contemporâneos do Método *LoveCare*”, em que discutimos, sobretudo, as marcas do projeto moderno e de discursos organizacionais nos vídeos do canal, e “Potência de vida na construção do ‘Bom do Alzheimer’”, onde argumentamos que a criação do canal e o lançamento do curso são gestos de biopotência frente às inúmeras ausências impostas a quem passa a conviver com o Alzheimer.

4.3. DISCUSSÃO E ANÁLISE

4.3.1. Tensões e atravessamentos contemporâneos do Método *LoveCare*

Nesse primeiro movimento analítico, procuraremos problematizar o quanto o Método *LoveCare* é atravessado pelas lógicas e tensões de uma temporalidade contemporânea. Tais atravessamentos são observados, por exemplo, na inauguração de relações pautadas pelo organizacional entre Cláudia e seus públicos. Nesse lugar, tensões com a modernidade tornam-se inevitáveis, bem como novas demandas, frutos desse novo movimento do Canal, também emergem.

Em sete de setembro de 2020 Cláudia publica mais um, dentre os vários, vlogs de Francisquinha. O título, contudo, já nos indica que algo está acontecendo: *Alzheimer – Cordeiro da peruca do papa rezando para dormir e Novidades !!! 07/09/2020*. Após acompanharmos trechos do dia-a-dia de Francisquinha, Cláudia aparece sozinha ao final do vídeo para dar um recado:

A novidade que tenho pra vocês é a seguinte. Todos esses meses que eu falei “tá vindo novidade por aí, tá vindo novidade por aí”, finalmente tá saindo do forno o meu curso. Pois é, depois de tantos pedidos e tanta luta eu consegui concluir o curso e no dia 24 de setembro a gente vai fazer um seminário em que eu vou contar toda a minha história e vou contar pra vocês como que saiu esse curso. Muito bom. Eu sempre postei muito conteúdo, mas tem muita coisa muito embolada e muitos seguidores pediam para eu fazer um curso. Só que, gente, complicado né, pra mim, cuidando da mamãe, cuidando de casa,

cuidando de tudo, muito difícil. Mas finalmente eu consegui! Essa pandemia me ajudou, não vou pra lugar nenhum, fico dentro de casa e o curso tá saindo graças a Deus!

O seminário a que Cláudia se refere foi publicado em plataforma externa ao *YouTube*, de tal forma que os inscritos e inscritas que desejassem ter acesso ao conteúdo precisariam preencher um cadastro. Essa estratégia, que aparenta se basear na “Fórmula de lançamentos” de Erico Rocha ou na *Product Launch Formula*, de Jeff Walker, se repete na divulgação de todas as turmas do curso: disponibiliza-se uma série de conteúdos gratuitos que ficam acessíveis por um espaço de tempo determinado, seja um “webinário” de algumas horas, uma “websérie” ou uma semana de vídeos “exclusivos”. Ao final desse período, tendo o público potencial sido alcançado, as matrículas para o curso são anunciadas. Em decorrência da adoção de tal estratégia, estes materiais de divulgação específicos não puderam compor esta pesquisa e, portanto, observamos somente as *lives*, anúncios e menções ao Método *LoveCare* no canal.

O relato de Cláudia evidencia o intuito de organização e ordenamento que permeia o processo de criação do Método *LoveCare*. A construção dos conhecimentos de Cláudia a respeito do Alzheimer, de Francisquinha, de si mesma e de seus públicos está registrada nos vídeos publicados ao longo dos anos no *YouTube*, como buscamos discutir nos capítulos anteriores. Nós, enquanto público, podemos aprender com Cláudia e Francisquinha ao assistirmos, despreziosamente, um, cinco, vinte vídeos. Porém, Cláudia e Monique Curi, parceira/sócia na criação do curso, apresentam a demanda por essa “organização” em inúmeros momentos, como em uma *live* de dez de dezembro de 2020:

Quando eu descobri ela nas redes sociais e ela começou a me ajudar era muito conteúdo, Cláudia posta muita coisa, no YouTube são quase 1.000 vídeos, no Instagram é todo dia. Eu falava, “você precisa organizar isso tudo, pelo amor de Deus”. E batia com um monte de gente pedindo a mesma coisa pra ela.

Tal demanda nos parece indicar para uma certa “insuficiência” das aprendizagens anteriormente discutidas para aquelas pessoas cuja necessidade de lidar com o Alzheimer possa ser mais urgente (e que disponham de recursos para investirem nessa questão). Dito por outras palavras, aprender cotidianamente, não intencionalmente, a partir do desenvolvimento de habilidades da competência midiática, afetando-se por um vídeo ou por outro, parece não dar conta das necessidades que a convivência com a DA no contemporâneo coloca. Demarco o contemporâneo nessa questão pois um *método* nada mais é do que o “caminho das pedras”, organizado, racionalizado, curricular, lógica e sistematicamente elaborado, que orienta as

experiências majoritárias de existência nas organizações modernas, que seguem tonalizando a vida em nosso tempo e espaço. Assim como o método científico emerge enquanto a melhor forma de compreender a realidade, o Método *LoveCare* parece buscar indicar a melhor forma de se cuidar de um paciente de Alzheimer.

Esse movimento é evidenciado, ainda, no anúncio oficial de lançamento do curso, em dez de setembro de 2020 (vídeo que marca o início do que delimitamos enquanto quarta fase). Em meio ao som de um piano comovente, Francisquinha e Théo (ainda bem pequenininho) olham para um livro; em seguida, Francisquinha dá um abraço fraterno em sua irmã durante uma visita, vemos ainda outros momentos curtos de vídeos antigos do canal. Aparecem então, Cláudia e Francisquinha, no presente, sentadas à mesa, bem iluminadas e enquadradas. A filha nos conta: “Quando eu descobri o Alzheimer foi assim, um susto” e novamente vemos imagens do passado de Francisquinha: “eu comecei a notar as mudanças no comportamento dela, acumulando coisas, repetindo as histórias, esquecendo as coisas” enquanto imagens de Francisquinha mexendo em gavetas e guardando pipoca em uma caixinha de óculos ilustram a fala da filha/narradora. “E aí nós fomos ao neurologista que deu o diagnóstico, né? Eu me assustei, eu fiquei triste, não me deprimi porque eu precisava reagir porque ela só tem a mim. Então eu tinha que resolver essa questão, quem iria cuidar seria eu”.

O vídeo em que Cláudia se emociona com a música de Roberto Carlos, discutido no capítulo anterior, entra em cena, emoldurado no fundo em que todos os recortes anteriores apareceram, afinal de contas, fora gravado com orientação vertical na época, como muitos dos vídeos antigos de Francisquinha, e precisava estar encaixado, esteticamente para compor a narrativa do anúncio. O piano sobe novamente e voltamos para a Cláudia do presente que nos conta que começou a estudar a doença e procurar informações para descobrir como cuidar, porém, acabou não encontrando, criticando, inclusive a presença de artigos científicos sobre a doença em si e não sobre o processo do cuidado: “Isso aí gente, eu tive que aprender fazendo”. Relata então, o que foi apresentado no primeiro capítulo: a presença de experiências negativas com o Alzheimer em outras plataformas digitais, enquanto sua vivência parecia ser diferente: “minha mãe era alegre, minha mãe era feliz, minha mãe dançava, minha mãe saía” conta, enquanto vemos Francisquinha dançando em ocasiões diferentes e conversando na praia.

A partir do contato com tanto sofrimento, Cláudia diz que resolve ajudar essas pessoas – a trilha sonora se torna uma guitarra alegre e empolgante – e começa a filmar a mãe despretensiosamente e publicar no Facebook, enquanto vários momentos de alegria das duas são exibidos. A filha conta ainda da surpresa que o crescimento do alcance dos vídeos provocou e da formação de um público que agradece, acompanha e pede ajuda, uma vez que ela, com os

vídeos, ensina. “Eu entendo minha mãe pelo olhar” (vemos Cláudia e Francisquinha se olhando e se abraçando em vídeos antigos), “a minha mãe pode perder a fala, por que nós criamos um vínculo durante essa convivência, muito forte”. “É melhor sorrir do que chorar, não é não, Cláudia?” diz Francisquinha em mais um trecho antigo, na praia, emendando a letra de Fogo e Paixão, de Wando, em seguida.

Cláudia do presente retorna e nos afirma que essa é Francisquinha, “uma pessoa viva, cheia de vida, cheia de alegria, cheia de energia. Ela come sozinha, ela anda tudo, ela tem muita mobilidade, ela tem uma alegria. Ela não tem aquele olhar perdido, ela tem vida, ela tem vigor”, enquanto inúmeros momentos memoráveis de Francisquinha aparecem no vídeo. “Eis o cordeiro de Deus que tira o cabelo do Papa!” diz Francisquinha em mais um trecho, enquanto ela, Cláudia e Carol caem na gargalhada. A filha diz não ter dúvidas que isso seria resultado dos estímulos, das interações, do amor da família e aconselha: “aprendam a lidar com a doença, porque vocês vão ter um momento único na vida de vocês” e Francisquinha, também no presente, concorda “É mesmo”, enquanto Cláudia continua “e vocês nunca vão se arrepender. Não olhar para trás e terem a certeza de que vocês fizeram o melhor que vocês podiam fazer”.

O anúncio se encerra com uma sequência de abraços e beijos entre mãe e filha, e, ao final, os logotipos do canal e do Método *LoveCare* aparecem. A descrição do vídeo apresenta o *link* para inscrição no curso e os dizeres:

Aqui está um pouquinho da minha história de convivência com a mamãe que tem Alzheimer. E essa intensa convivência me levou a criar o que eu denominei como Método *LoveCare*, cuidando com Amor. Eu quero ajudar você entender o Alzheimer e obter a qualidade de vida que eu consegui para minha família.

A construção audiovisual do anúncio que buscamos evidenciar nessa longa descrição reitera a argumentação das relações entre a proposta do Método e as tensões da modernidade em nosso tempo. Mais do que isso, evidencia o processo de construção do *complexus identificatório*, conforme aponta Baldissera (2007). Se o discurso organizacional objetiva a construção da imagem de uma organização unificada, com uma identidade sólida, a estratégia de Cláudia (e sua equipe) para apresentação do curso é a tentativa de organização de uma trajetória que é trazida a público, originalmente, de maneira desordenada, fluida, natural, entre altos e baixos. A narrativa de superação de um primeiro momento difícil busca provocar a identificação de seus públicos, apresentando o Método *LoveCare* enquanto o caminho para o sucesso, a alegria, o vigor e a vitalidade de Francisquinha. Além disso, ao frisar o próprio papel no cuidado da mãe (quando diz: “quem iria cuidar seria eu”, “eu tive que aprender fazendo” ou

“eu entendo minha mãe pelo olhar”) Cláudia confere a seu discurso e a seu método valores de legitimidade, a partir da própria experiência.

O anúncio da segunda turma, contudo, apresenta estratégias discursivas diferentes. Em um vídeo curto, Cláudia aparece em um fundo neutro, e nos deixa a mensagem de maneira direta e explícita:

Se você tem alguém com Alzheimer em casa, vem comigo conhecer o Método *LoveCare*. É o método que eu criei para ajudar você a entender todas as nuances do Alzheimer, entender os comportamentos que mais afligem toda família. Você vai conhecer todas as fases da doença, desde o comecinho, a hora que você recebe o diagnóstico até as fases mais avançadas da doença, então tá tudo ali, tudo ali. Eu vou te dar soluções práticas para problemas reais do seu dia-a-dia. Gente não é fácil e eu sei o que você está passando porque eu também passei. A minha mãe tem Alzheimer há 10 anos e hoje ela tá ótima, feliz.

Nesse momento, mais alguns cliques de vídeos antigos de Francisquinha são inseridos e Cláudia continua:

E os profissionais da área da saúde são categóricos em dizer que ela está assim por conta do método que eu criei, da forma como ela é cuidada. Eu sei o que você está sentido, eu também senti, você não precisa passar por isso. O Alzheimer não é o fim, é possível ser feliz e ter qualidade de vida, mesmo tendo alguém com Alzheimer em casa. Por isso eu falo pra você: se inscreva no Método *Love Care*. Quer saber mais? [Clica aqui!](#)”.

Há uma caixa de texto na barra inferior do vídeo com a informação de inscrições abertas para o Método *LoveCare* e outras caixas de texto com os dizeres “Você vai entender todas as situações do Alzheimer” e “Inscreva-se e aprenda como lidar com o Alzheimer” aparecem em momentos do vídeo.

Figura 10 – Anúncio da 2ª turma do método *LoveCare*.



Fonte: YouTube (s/d).

Se, durante os vídeos cotidianos do canal, encontramos uma Cláudia que aprende enquanto vivencia, que é atravessada pelas forças acontecimentais da experiência da mãe, que erra, entende e tenta novamente e compartilha os processos, ao promover o curso são exibidas apenas as certezas, tanto de sua experiência como da experiência dos públicos. Na tentativa de construção da identidade do Método *LoveCare* enquanto percurso fundamental para o sucesso do tratamento de sua mãe, Cláudia precisa colocar a si mesma enquanto criadora desse método, capaz de orientar os alunos e inscitos na construção de seu próprio sucesso. Não é de interesse das organizações que haja espaço para incertezas, atravessamentos e tensões no âmbito da comunicação organizacional, conforme propõem Baldissera (2007) e Marques e Mafra (2019), ainda que estes processos continuem a ser parte constituinte da mesma.

Além de ordenar/organizar a experiência de Cláudia e Francisquinha, observamos que a estratégia de divulgação do curso tenta, ainda, realizar o mesmo movimento com a experiência do público. O vídeo *Alzheimer – conheça o método LoveCare link na descrição do vídeo*, publicado em 31 de março de 2021, apresenta um compilado de testemunhos de ex-alunos do curso, que compartilham a transformação de vida promovida pelo Método. Uma das ex-alunas diz: “Hoje, depois de conseguir aplicar os pilares do Método *LoveCare* eu tô cuidando da minha mãe [...]. Sabemos que é uma doença que não tem cura, mas conviver com ela, aprender com a doença nos faz mais felizes, nos tira um peso das costas”.

Na parte superior do vídeo há um box com os dizeres “Eles também não sabiam como lidar com o Alzheimer, até que...”, uma trilha emocionante acompanha todos os relatos e, ao final há uma chamada para o curso: “Inscreva-se no Método *LoveCare* e recupere sua qualidade de vida. Clique em saiba mais e faça parte da nova turma”. Neste vídeo é possível observar como, para além das noções de ordenação, de uma jornada de sucesso, Cláudia aciona a

experiência daqueles que aprenderam com ela como estratégia de construção da legitimidade, autenticidade, eficiência e potencial de transformação de seu Método.

Figura 11 – Anúncio com testemunho de ex-alunos do método *LoveCare*.



Fonte: YouTube (s/d).

Com o lançamento do curso observamos, portanto, uma outra garantia de futuro apresentada por Cláudia, possível a partir da matrícula no curso e aplicação dos pilares do Método. Buscamos evidenciar que as estratégias discursivas adotadas carregam em si as contradições e tensões de um projeto de modernidade no contemporâneo, sobretudo no que tange a racionalização de uma experiência. Enquanto pesquisadores das humanidades, poderíamos, tranquilamente, munidos das vastas críticas teóricas a respeito de tal projeto, criticar as mudanças de tom nos vídeos do canal, visando a idealização de uma experiência de compartilhamento de cotidianos informal e amadora. Contudo, questionamos se, diante de uma experiência de Cláudia e Francisquinha, este seria o nosso papel e se seriam estas as lentes adequadas para observação de tal fenômeno.

4.3.2. Potência de vida na construção do “Bom do Alzheimer”

A história de Cláudia, Francisquinha, do “Bom do Alzheimer” e do Método *LoveCare* é marcada, desde o início, por inúmeras ausências. Desde o primeiro vídeo, Cláudia relata os desencontros (ou não-encontros) com as informações disseminadas sobre a DA. Desde o abandono pós diagnóstico em que nada explica-se além de uma ideia da progressão da doença e algumas receitas de medicamentos que, temporariamente, auxiliam com alguns sintomas. A ausência de visibilidade para experiências não traumáticas (ou menos traumáticas) de convívio

com o Alzheimer também atravessa as motivações iniciais de Cláudia bem como, conforme mencionamos no tópico anterior, a escassez de pesquisas científicas que se debrucem sobre o cuidado com o paciente e não apenas sobre os aspectos biológico-medicinais da demência.

Em uma *live*, transmitida em dez de dezembro de 2020, Cláudia conversa com Monique Curi e enfatiza esse processo de ausências enfrentado por ela durante o descobrimento de uma vida de convivência com o Alzheimer:

Na minha época, há 10 anos e até hoje ainda tem isso né, eles falam que é uma demência degenerativa e falam as fases, que a pessoa vai perdendo a memória, que vai perdendo a mobilidade, que para de comer, para de andar e que termina numa cama em posição fetal até o fim da vida... até terminar [...]. Quando você vê a primeira coisa bizarra que seus pais fazem, seu familiar, você se assusta! Porque, caramba, ninguém nunca falou pra mim que a minha mãe não ia mais querer tomar banho, por exemplo [...], que não ia trocar de roupa, que ia virar uma acumuladora, guardando coisas dentro da gaveta, comida. Ninguém nunca falou isso pra mim. Ninguém nunca falou pra mim que a minha mãe ela podia fazer xixi, fazer cocô no chão da sala, tirar a roupa. Ninguém nunca falou isso pra mim. Ninguém nunca falou pra mim que a minha mãe podia surtar de madrugada [...].

O encontro com tristezas, traumas e dores nas redes sociais de outros cuidadores aparece enquanto motor da divulgação da experiência de Cláudia e Francisquinha, mas também é apontado pela filha, na mesma *live*, enquanto força basilar para a vontade de ser e fazer diferente:

Quando eu descobri que minha mãe tinha Alzheimer [...] pouca coisa a gente sabia [...]. E quando eu cheguei a procurar na internet, pesquisar nas redes sociais, eu só via tristeza e muita angústia, família desmoronando [...] E aí eu vi aquilo tudo, eu fiquei tão perdida no começo [...] eu não queria aquela vida pra mim, minha mãe era uma pessoa alegre, minha casa tinha criança, tinha adolescente eu não queria viver aquilo e eu decidi que não ia ter aquela vida. E aí eu comecei a estudar, a pesquisar, observar o comportamento dela, errando muito, sofri muito, muito, porque a gente não sabe o que vai acontecer.

Em um momento de angústia e sofrimento em que as expectativas de futuro são invisibilizadas, em que os ideais de autonomia e independência são colocados em xeque, Cláudia recusa a ser apenas sobrevivente e, conseqüentemente, a condenar Francisquinha à mesma condição. Em meio à insensibilidade das instituições médicas, científicas, governamentais e sociais como um todo, na medida em que contribuimos para a manutenção do entendimento de “fim da vida” ou de “tragédia” em relação à DA, Cláudia permite a si

mesma e à sua mãe a trazerem de volta a possibilidade de se afetarem e afetarem a outros, reinventando-se e respondendo-nos com *poder de vida*.

Se, conforme Pelbart (2008), o que o capital valoriza, atualmente, são as capacidades inventivas de cada um de nós, Cláudia, sem um detentor de meios de produção, nas possibilidades que seus recursos as permitem, responde às angústias de si e de outros cuidadores inventando a sua forma de lidar com o Alzheimer, compartilhando-a e, posteriormente, comercializando-a.

Claro, há um componente de privilégio na trajetória das duas que não se aplica à realidade de todos e todas, e que, inclusive, se aplica apenas a uma minoria, que necessita ser reconhecido. Contudo, as condições materiais da mesma não invalidam a força que um diagnóstico de Alzheimer produz, nem os horizontes que com ele emergem. Ainda que tenha acesso a tratamento “x” ou “y”, ainda que possa deixar de trabalhar para cuidar e, atualmente contar com o auxílio de uma cuidadora, a DA. segue uma doença sem cura, atravessada pelas inúmeras complexidades que acreditamos ter evidenciado durante essa pesquisa. Francisquinha continua sendo sua mãe. Quantas pessoas, com condições materiais infinitamente melhores que a de Cláudia passaram pelo mesmo diagnóstico durante os mais de 100 anos de descrição da DA? O que Cláudia, Juana, Joa e outras pessoas que encontram nas plataformas digitais uma oportunidade de trazer visibilidade, compartilhar experiências e aprendizados sobre temas tão sensíveis quanto cuidar de alguém com Alzheimer fazem é reinventar, a partir das lógicas e arranjos contemporâneos, as possibilidades de futuros de convivência para outros pacientes, familiares e cuidadores.

Ainda que a proposta do Método *LoveCare* dialogue com as dinâmicas da modernidade, conforme propõe Mafra (2021), *qualquer* organização é levada a dialogar, ainda que busque subvertê-las em outros aspectos. Todos nós, indivíduos, ainda que não associados a qualquer tipo de organização, também dialogamos. A modernidade, o biopoder, permeiam, em nosso contemporâneo, todos os aspectos de nossa vida, portanto, observar estes movimentos na experiência de Cláudia e Francisquinha é, simplesmente, observar que a experiência das duas se passa em nosso próprio tempo.

Concluimos o presente tópico com um trecho de uma outra *live*, transmitida em 28 de março de 2021 em que Cláudia comenta sobre sua relação com os alunos e alunas do Método *LoveCare*:

Quando a pessoa compra o curso [...] vai cair dentro de um grupo do Whatsapp e nesse grupo a gente conversa ali todo dia, todo mundo posta, troca

informação. Fica um grupo de apoio, sabe? [...] eu dou assessoria o tempo todo, as pessoas me mandam pergunta eu respondo, o tempo todo interagindo e o mais bacana disso tudo é que as pessoas interagem entre elas, são pessoas que passam pelo mesmo problema e uma dá dica pra outra[...]. E eu fico observando, né [...] e fico admirando porque eu acho tão bacana essa interação, eu não tive isso, gente, eu não tive isso. O que eu tive foi só dor e sofrimento. Eu não tive ninguém que me inspirasse, assim “ah eu vou cuidar igual a ela que vai dar certo”. Eu consegui isso, eu não vi, o que eu vi foi muita dor e sofrimento de muita gente.

Os alunos do curso e os públicos, de maneira geral, de Cláudia se constituem, portanto, como comunidades que, em torno da questão do Alzheimer (diretamente afetados por ela ou não), compartilham experiências, alegrias, tristezas, aprendem, ensinam e, conseqüentemente, contribuem para a construção de outras realidades possíveis para paciente, cuidador e família, conforme a Figura 12.

Figura 12 – Comentários do vídeo *Alzheimer – Agressividade: Quem pensa que Francisquinha é diferente do seu familiar com demência.*

S Silze Ferreira há 7 meses
Sei que a filha a ama, que Francisquinha é muito bem cuidada, amada pela família, mas também sabemos que o desgaste é grande, a filha Cláudia pode adoecer, nosso corpo não é uma máquina, somos humanos. Deus a abençoe Cláudia!

👍 169 🗨️ RESPONDER

▲ Ocultar 24 respostas

N Nicole Rossi há 7 meses
A filha dela tem uma força psicológica enorme me parece

👍 23 🗨️ RESPONDER

I Ivonete Dadam há 6 meses
Concordo, se minha mãe um dia tiver essa doença, peço pro médico um calmante pra ela dormir a noite toda 🙏

👍 5 🗨️ RESPONDER

G Gilmara Pacheco há 6 meses
@Ivonete Dadam Ô Ivanete, nem sempre resolve, depende de tudo, às vezes o remédio não dá o efeito que esperamos ou então eles ficam dopados, é mais triste ainda, minha mãe começou assim, hoje é de cama, usa fralda, não conhece mais ninguém ...

👍 12 🗨️ RESPONDER

I Ivanildes Silva de Souza há 6 meses
@Gilmara Pacheco Deus abençoe vcs q tem pais e mães especiais

👍 7 🗨️ RESPONDER

K Kelli Carrasco há 6 meses
Concordo, minha mãe tem parkinson, tudo bem que são doenças diferentes, mas ela psicologicamente não aceita que está ficando debilitada, e as vezes a medicação das alucinações, fica vendo coisas, fica nervosa, e eu mesmo estou me abalando psicologicamente, queria ter essa força

👍 10 🗨️ RESPONDER

C Claudia Ranielle há 6 meses
@Gilmara Pacheco minha avó tbm ficou assim. Muito triste. Ela já faleceu

👍 2 🗨️ RESPONDER

G Gilmara Pacheco há 6 meses
@Ivanildes Silva de Souza amém 🙏 Ivanildes, Deus nos capacita a cada dia 🙏

👍 3 🗨️ RESPONDER

G Gilmara Pacheco há 6 meses
@Claudia Ranielle, meus sinceros sentimentos Cláudia, mas tenho certeza que vc agora descansa, pois com certeza vcs fizeram o necessário para ela viver melhor, eu e minha irmã tentamos isso todos os dias!!! 🙏❤️🙏

👍 3 🗨️ RESPONDER

S Sandra Roseli há 6 meses
Exatamente, com certeza absoluta ela precisa de suporte, pois é impossível cuidar sozinha.

👍 1 🗨️ RESPONDER

d denise Garcia Leal Bueno há 5 meses
@Gilmara Pacheco Já tentei calmante com minha tia... mas ao invés de dormir, ela ficava bem dopada... chegou até cair e se machucar... resolvemos não dar mais...

👍 1 🗨️ RESPONDER

G Gilmara Pacheco há 5 meses
@Kelli Carrasco não é fácil né Kelli, sem contar que nós ficamos emocionalmente abaladas tbem, é viver um dia de cada vez...

👍 1 🗨️ RESPONDER

G Gilmara Pacheco há 5 meses
@denise Garcia Leal Bueno Ô Denise, precisei levar mamãe à mais médicos, pois eu não concordava com a quantidade de medicamentos, trocamos de médico e medicação, hoje mamãe dorme bem, graças a Deus, mas todos os dias, aprendemos ou nos deparamos com algo diferente, não é fácil

👍 🗨️ RESPONDER

R Raquel Pereira há 5 meses
Cuido da minha mãezinha que infelizmente está com essa doença maldita, faço o melhor que posso juntamente com meu esposo e minhas filhas, somente nos que cuidamos, mas fazemos com amor, não é fácil mas com Jesus vencemos!

👍 3 🗨️ RESPONDER

G Gilmara Pacheco há 5 meses
@Raquel Pereira, verdade!!! É o Senhor Jesus que nos sustenta, dá saúde e forças à cada dia, pois nestes momentos toda a família acaba no mesmo intuito de um ajudar o outro, graças a Deus eu sou muito grata, pois meus filhos e meu marido são benção 🙏, e também minha irmã com a família dela, pois revezamos!!!!

👍 2 🗨️ RESPONDER

R Raquel Pereira há 4 meses
@Gilmara Pacheco vdd Deus nos sustenta 🙏

👍 1 🗨️ RESPONDER

Fonte: YouTube (s/d).

É, portanto, a partir do gesto de biopotência de Cláudia, motivado pelos silenciamentos, estigmas e pelas negligências que múltiplos campos sociais apresentam perante o cuidador e o paciente de Alzheimer, que inúmeras possibilidades de entendimento da D.A emergem no espaço público. Com o canal e com o curso, Cláudia consegue, dentro de suas possibilidades, suprir para seu público o vácuo com que se deparou em um momento de grande vulnerabilidade.

4.4. CONCLUSÕES DO CAPÍTULO

O presente capítulo se debruçou sobre os vídeos da quarta fase do canal, sobretudo aqueles que abordassem o curso de cuidados com o portador de Alzheimer Método *LoveCare*, na tentativa de investigar as mudanças discursivas que os permeiam (em relação aos vídeos das fases anteriores). Nesse intuito, discutimos as concepções de *self* pontual, modernidade e contemporaneidade pela ótica de autores como Taylor (2011), Souza (2012), Bessa (2015) e Rodrigues e Rangel (2017), que nos permitem traçar um panorama das nuances de um projeto moderno em nosso tempo e espaço. Além disso, apresentamos a proposta de Mafra e Marques (2019) no que tange os efeitos de tal projeto nos contextos organizacionais frente os ideais democráticos da contemporaneidade.

Em seguida, acionamos as noções de biopoder e biopotência conforme os escritos de Pelbart (2008), a partir das quais compreendemos as profundas inserções que o capital consegue fazer em nossas vidas atualmente. Contudo, discutimos também as frestas possíveis de resistência que passam a emergir perante os contextos em que a capitalização de nossa inventividade e as forças de dominação atuam de maneira mais intensa.

Problematizamos então, a emergência do método *LoveCare* a partir de duas óticas complementares. A primeira em que evidenciamos as marcas discursivas das estratégias adotadas por Cláudia durante o lançamento do curso, relacionando-as com alguns ideais de um projeto moderno, desde a elaboração de um método por si só, até a tentativa de organização de uma experiência de vida vulnerável, sensível e desordenada na construção de uma trajetória de sucesso, visando o estabelecimento de uma imagem estável perante o novo público/consumidor.

Contudo, em um segundo momento, reconhecemos que tais movimentos não dizem de Cláudia ou de Francisquinha, mas de simplesmente ser e estar no contemporâneo. Argumentamos que, dada a inserção do capital em todo e cada âmbito de nossas vidas a não-negociação com tais ideais de modernidade se torna impossível, seja em contextos organizacionais que de alguma forma visem questioná-los, transformá-los ou em nossa própria vida desconectada das organizações.

Pontuamos ainda que, assim como o Método *LoveCare* responde à demandas e expectativas impostas pela contemporaneidade, o Bom do Alzheimer também surge como resposta à uma série de ausências impostas a quem se depara com um diagnóstico como o da DA. Cláudia, em recusa ao sobrevivencialismo imposto em nosso tempo, se vale das possibilidades presentes na internet, dialoga com pilares da própria (modernidade e com todas

as contradições que o mesmo carrega) na tentativa de construir outros horizontes e afetos para si, para sua mãe e para seus públicos.

A filha, em diversos momentos, menciona o incômodo que sente em relação ao termo “Mal de Alzheimer” e a vontade que tem de ressignificar a doença, que já é difícil o suficiente sem o “mal”. O que se evidencia, a partir dos comentários dos públicos e das forças emocionais que a experiência de mãe e filha neles despertam é que, pouco a pouco, atravessada por tensões que dizem do nosso próprio tempo, Cláudia tenta construir para si e para Francisquinha, enquanto compartilha o processo conosco, o que seria o “Bom do Alzheimer”.

Não se trata da romantização de uma enfermidade, que ela mesmo conhece e reconhece os desafios, as dores e os desgastes, mas da possibilidade de, apesar disso, garantir o mínimo de qualidade de vida para o paciente e sua família que, em comunidade, não lutam a batalha sozinhos e possuem maior potencial de cobrança das instituições que se recusam a perceber a vida em quem convive com o Alzheimer.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO

Esta pesquisa realizou um mergulho no universo da experiência do canal do *YouTube Francisquinha Alves – O Bom do Alzheimer*, apresentando e discutindo as tensões e potências que emergem com o mesmo, em uma perspectiva de interface entre os campos teóricos da comunicação e da educação, a partir do diálogo metodológico entre o paradigma indiciário, conforme Ginzburg (1991) e Braga (2008) e a virada afetiva em Moriceau (2019).

Durante o Capítulo 1, nos debruçamos sobre os processos de midiaticização que compõem a experiência pública do canal, sob a ótica da competência midiática e das aprendizagens sociais advindas de tais processos. Após os 1.291 vídeos assistidos, foi possível observar quatro grandes mudanças durante a trajetória de mãe e filha no *YouTube*. Foram organizadas, então, em quatro categorias, que nos permitiram discutir as formas como Cláudia se relacionava com a produção de vídeos para o *YouTube* em cada uma delas, além da relação que construiu com seus públicos que, assim como ela, aprendem, a partir do desenvolvimento de habilidades da competência midiática.

No segundo capítulo, demos continuidade à discussão dos processos de aprendizagem que permeiam a experiência de Cláudia e Francisquinha, a partir do entendimento de que estes também são caracterizados pelas afetações que a mesma provoca. Evidenciamos, sobretudo nos vídeos das fases iniciais que o diagnóstico de Alzheimer, em caráter acidental, promove uma série de rupturas na vida de mãe e filha, afetando a elas e a seus públicos esteticamente. Tais afetações, conforme demonstrado pelos trechos dos vídeos analisados e capturas de tela, transformam a forma como Cláudia se conecta com o mundo, aprendendo e promovendo inúmeras aprendizagens.

Por fim, o último capítulo buscou investigar as estratégias discursivas adotadas por Cláudia a partir do lançamento do Método *LoveCare*, permeadas pelo movimento de profissionalização que a criação de um curso demanda. A análise aprofundada sobre os vídeos da quarta fase do canal nos permitiu observar que o Método surge a partir de uma demanda que ultrapassa os limites da própria experiência de Cláudia e Francisquinha, refletindo as necessidades e anseios presentes na contemporaneidade a partir da instauração de um projeto de modernidade. Observa-se ainda que, o esforço de Cláudia em compartilhar sua experiência e de sua mãe em uma plataforma como o *YouTube* é fruto de uma série de ausências (governamentais, médicas, sociais e científicas) que, historicamente, acompanham a vida de inúmeras famílias que convivem com o diagnóstico de Alzheimer. Como resultado, o “Bom do

Alzheimer” se manifesta, em um ambiente midiaticizado, enquanto uma comunidade contemporânea que amplia os horizontes de possibilidades para cuidadores e pacientes.

Concluimos essa dissertação em meio a movimentos reflexivos sobre o fluir do gesto de pesquisar um assunto com infinitas facetas, como é o caso da experiência de Cláudia e Francisquinha. Iniciamos esse percurso metodologicamente distantes do “Bom do Alzheimer”, partindo de um entendimento que o paradigma indiciário nos permitiria ter acesso à experiência de mãe e filha. Com o avançar da pesquisa nos encontramos em meio a afetações e incômodos que o contato preliminar para a construção de um projeto de pesquisa não deixa transparecer. Fomos, portanto, vídeo por vídeo, tópico por tópico, orientação por orientação, levados a entender que, para abordarmos uma experiência de convivência com o Alzheimer que não diz da realidade nem de orientador, nem de orientanda, é preciso caminhar com cautela.

Ainda que pudéssemos lançar mão de recursos de nossas próprias narrativas de vida que, de uma forma ou de outra, foram atravessadas por outros casos demenciais, em maior ou menor grau de semelhança com a experiência de Cláudia e Francisquinha, a experiência das duas é, de fato, das duas, permeada por outros familiares, por profissionais da comunicação, como Monique, por outros canais de cuidadores, por seus públicos, etc. Mas é das duas, ainda que sejamos convidados por Cláudia a conhecer, em cada vídeo, um pouco do Bom do Alzheimer. A cautela se faz necessária, sobretudo, para que nós, enquanto pesquisadores, evitássemos lançar mão das contribuições teóricas aqui discutidas com o intuito de discutir o que achamos que deveria/poderia ser uma experiência pública do Alzheimer, sem nós mesmos a vivenciarmos.

Esse não é um esforço simples, ainda que pareça e não explicitamos isso nesse tópico em busca de algum tipo de elogio ou felicitação (até porque é um esforço sempre incompleto), mas na tentativa de chamar atenção para a facilidade com que podemos, enquanto pesquisadores, nos colocar em posições de observadores externos ao mundo, iluminados pelos escritos dos colegas, capazes de desvelar camadas e sentidos, sobre os fenômenos que nos rodeiam. O caminho de nossa pesquisa tentou, ou melhor, foi forçado a tentar a partir da potência de Cláudia e Francisquinha, evitar essas posições. Porém, conforme discutimos no último capítulo, escapar por completo pode ser impossível, pelo menos enquanto o desenho das instituições científicas se mantiver como o atual.

Acreditamos que a virada afetiva é peça-chave para esse entendimento proposto, uma vez que, ainda que a experiência das duas emerja em meio à profusão de dispositivos aqui discutida, que carregue consigo as marcas e as tensões de um projeto de modernidade, ali, retratadas em vídeo estão Cláudia e Francisquinha, experimentando o mundo, vivendo, e não

podemos ignorar essas vidas. Não há filósofo, sociólogo, comunicador, pedagogo, antropólogo que ilumine a experiência de Cláudia e Francisquinha para além do que Cláudia se propõe a fazer. Acreditamos, portanto, em um gesto possível que *tenta* se afastar dessa arrogância, buscando não olhar para Cláudia com o intuito de dizer da experiência dela, mas de olhar (e ouvir) Cláudia dizendo dessa experiência, enquanto dizemos das afetações e deformações que essa experiência nos provoca.

Defendemos que o lugar dessa pesquisa no campo das humanidades é o da narrativa, uma vez que, a partir de nossas leituras, dos conceitos tentamos dialogar com as narrativas de Cláudia, visando chamar atenção, nos contextos acadêmicos, para um fenômeno contemporâneo relevante: uma experiência pública midiaticizada do Alzheimer. Acreditamos não ser possível abordar o Alzheimer no espaço acadêmico ignorando a experiência do cotidiano, que só vem a público e é experienciada por nós, a partir de iniciativas como a de Cláudia.

6. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. C. da S.; GOMES, C. de M. S.; NASCIMENTO, L. F. C. Spatial distribution of deaths due to Alzheimer's disease in the state of São Paulo, Brazil. **São Paulo Medical Journal**, v. 132, n. 4, p. 199-204, 2014.
- BALDISSERA, R. Tensões dialógico-recursivas entre a comunicação e a identidade organizacional. **Organicom**, [s/l], n. 7, p. 229-243, 2007.
- BALDISSERA, R.; MAFRA, R. Discursos, identidades e relações de poder: dinâmicas e emergências em comunicação organizacional. In: FARIAS, L. A. de; LEMOS, E. L.; REBECHI, C. N. (Org.). **Opinião pública, comunicação e organizações: convergências e perspectivas contemporâneas**. São Paulo: Abrapcorp, 2020. p. 271-289.
- BESSA, B. de S. As experiências de Walter Benjamin. **Revista Morpheus - Estudos Interdisciplinares em Memória Social**, [s/l], v. 5, n. 9, 2015.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, [s/l], p. 20-28, 2002.
- BRAGA, J. L. Comunicação, disciplina indiciária. **Matrizes**, [s/l], v. 1, n. 2, p. 73-88, 2008.
- BRAGA, J. L.; CALAZANS, R. **Comunicação e educação: questões delicadas na interface**. São Paulo: Hacker, 2001.
- BRAGA, J. L. Aprendizagem versus educação na sociedade mediatizada. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, X., 2001. **Anais [...]**. Compós, v. 10, 2001. p. 1-18.
- BRAGA, J. L. Circuitos de Comunicação. In: BRAGA, J. L. *et al.* **Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade**. Campina Grande: EDUEPB, 2017b. p. 43-64.
- BRAGA, J. L. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, MA.; JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, N. (Orgs). **Mediação & mediação**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 29-52.
- BRAGA, J. L. Dispositivos Interacionais. In: BRAGA, J. L. *et al.* **Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade**. Campina Grande: EDUEPB, p. 16-41, 2017a.
- BRANDÃO, L.; PARENTE, M. A. de M. P. Doença de Alzheimer e a aplicação de diferentes tarefas discursivas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, [s/l], v. 24, n. 1, p. 161-169, 2011.
- BRANDÃO, L.; PARENTE, M. A. de M. P.; PEÑA-CASANOVA, J. Estratégias comunicativas de pessoas com doença de Alzheimer. **Psicologia: reflexão e crítica**, [s/l], v. 23, n. 2, p. 308-316, 2010.
- BURLÁ, Claudia *et al.* Envelhecimento e doença de Alzheimer: reflexões sobre autonomia e o desafio do cuidado. **Revista Bioética**, [s/l], v. 22, n. 1, p. 85-93, 2014.

CARON, E.; IANNI, A. M. Z.; LEFEVRE, F. Health as science and the biological body as an artifact: the case of Brazil's national TV news program *Jornal Nacional*. **Ciência & saúde coletiva**, [s/l], v. 23, p. 1333-1342, 2018.

CARVALHO, I. C. M.; STEIL, C. A. O pensamento ecológico de Tim Ingold. **Anuario de Antropología Social y Cultural en Uruguay**, [s/l], v. 10, p. 239-241, 2012.

CARVALHO, I. C. M.; STEIL, C. A. Percepção e ambiente: aportes para uma epistemologia ecológica. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [s/l], v. Especial, p. 59-79, 2013.

CAVACA, A. G. *et al.* Diseases Neglected by the Media in Espírito Santo, Brazil in 2011–2012. **PLoS neglected tropical diseases**, [s/l], v. 10, n. 4, p. e0004662, 2016.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

DELEUZE, Gilles. **A lógica do sentido**. São Paulo, Perspectiva, 2007.

DEWEY, J. Tendo uma experiência. In: DEWEY, J. **Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

FERNANDES, J. da S. G.; ANDRADE, M. S. de. Revisão sobre a doença de alzheimer: diagnóstico, evolução e cuidados. **Psicologia, Saúde & Doenças**, [s/l], v. 18, n. 1, p. 131-140, 2017.

FERRÉS, J.; PISCITELLI, A. Competência midiática: proposta articulada de dimensões e indicadores. **Lumina**, [s/l], v. 9, n. 1, 2015.

FROSSARD, V. C.; DIAS, M. C. M. O impacto da internet na interação entre pacientes: novos cenários em saúde. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, [s/l], v. 20, p. 349-361, 2016

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GROISMAN, D. A velhice, entre o normal e o patológico. **História, ciências, saúde-Manguinhos**, Manguinhos, v. 9, n. 1, p. 61-78, 2002

GUMBRECHT, H. U. Nosso amplo presente. **Revista Redescições** – Revista on line do GT de Pragmatismo, [s/l], ano 3, n. 4, p. 81-94, 2012.

HENRIQUE, C.; FIORAVANTI, C. M. Otimismo em um mar de incertezas: a cobertura jornalística sobre a pesquisa de novos medicamentos no Brasil. **JCOM: Journal of Science Communication**, [s/l], v. 17, n. 2, 2018.

INGOLD, T. **The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill**. [s/l]: Psychology Press, 2000.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes antropológicos**, [s/l], v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012.

INGOLD, T. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Santa Maria, v. 33, n. 1, 2010.

LACERDA, M. P. de. Traços do cotidiano, essa vida de "pouco caso". **Momento-Diálogos em Educação**, [s/l], v. 26, n. 1, p. 118-142, 2017.

MAFRA, R.; MARQUES, A. Organizações, modernidade e democracia na América Latina: diferenças desatualizadas e climas de estagnação. *In*: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 28., 2019. **Anais [...]**. Porto Alegre: Compós, 2019. p. 1-20.

MAFRA, R. As organizações modernas e o contemporâneo: notas para uma leitura comunicacional do presente. *In*: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 30., 2021. **Anais [...]**. Campinas, Galoá, 2021. p. 1-20.

MAGALHÃES, T, C. Somos do mundo e não apenas no mundo. *In*: CORREIA, A.; NASCIMENTO, M. (Orgs.). **Hannah Arendt - Entre o Passado e o Futuro**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2009. p. 73-88.

MANSUR, L. L. *et al.* Linguagem e cognição na doença de Alzheimer. **Psicologia: reflexão e crítica**, [s/l], v. 18, n. 3, p. 300-307, 2005.

MORICEAU, J. L. A virada afetiva como ética: nos passos de Alphonso Lingis. *In*: PRATA, N.; PESSOA, S. C. (Orgs.). **Desigualdades, gêneros e comunicação**. São Paulo: Intercom, 2019. p. 41-49.

MORICEAU, J. L.; MENDONÇA, C. M. C. Afetos e experiência estética: uma abordagem, possível. *In*: MENDONÇA, C. M. C.; DUARTE, E.; CARDOSO FILHO, J. (Orgs.) **Comunicação e sensibilidade: pistas metodológicas**. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2016. p.78-98.

O'ROURKE, J. *et al.* 'YouTube': a useful tool for reminiscence therapy in dementia?. **Age and ageing**, [s/l], v. 40, n. 6, p. 742-744, 2011.

PELBART, P. P. Vida e morte em contexto de dominação biopolítica. **Instituto de estudos avançados da Universidade de São Paulo**, São Paulo, p. 1-21, 2008.

RANGEL, M. M. História e Stimmung a partir de Walter Benjamin: Sobre algumas possibilidades ético-políticas da historiografia. **Cadernos Walter Benjamin**, [s/l], v. 17, p. 165-178, 2016b.

RANGEL, M. Melancolia e História em Walter Benjamin. **Ensaio Filosóficos**, [s/l], v. 14, p.126-137, 2016.

RODRIGUES, T. de O.; RANGEL, M. de M. Temporalidade e crise: sobre a (im) possibilidade do futuro e da política no Brasil e no mundo contemporâneo. **Revista Maracanan**, Rio de Janeiro, n. 18, p. 66-82, jan./jun. 2018.

SILVA, M. *et al.* Discurso organizacional: epicentro de (des)identificação e vestígio de experiências públicas. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 42., 2019, Belém. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2019. p. 1-15.

SOUZA, J. **A construção social da subcidadania**. Para uma sociologia política da modernidade periférica. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

TANG, W. *et al.* Alzheimer's disease in social media: content analysis of YouTube videos. **Interactive journal of medical research**, [s/l], v. 6, n. 2, p. e19, 2017.

TAYLOR, C. **As Fontes do Self**: a construção da identidade moderna. São Paulo: Editora Loyola, 2011.

TEIXEIRA, J. B. *et al.* Doença de Alzheimer: estudo da mortalidade no Brasil, 2000-2009. **Cadernos de Saúde Pública**, [s/l], v. 31, p. 850-860, 2015.

YOUTUBE. [s/d]. Disponível em: < <https://www.youtube.com/> >. Acesso em: 26 abr. 2022.

APÊNDICE

Lista dos vídeos selecionados como indícios iniciais:

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Convivendo com o portador de Alzheimer - Cuidadora informal - 01 30/07/2016.** Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=GJhF0EEDdYM&t=1s&ab_channel=FrancisquinhaAlves-ObomdoAlzheimer >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Cuidado eles fogem !! Pulseira de Identificação Go Home Brasil - Vendas Whatsapp (21) 97983.9999.** Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=w3Pd7hV2AWA&ab_channel=FrancisquinhaAlves-ObomdoAlzheimer >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer - Agitação logo no café da manhã - Visivelmente ansiosa. 23/08/2016.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=ckJ2DrgahKg> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **21 de setembro dia mundial do Alzheimer. 21/09/2016.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=4RMp2zk2H10> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Triste e constrangedor mas real 24/09/2016.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=w0-5MrMSdO4> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Emoção, eu não seguro o choro.16/10/2016.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=ecKoAhYENDI> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer eles sentem medo 13/12/2016.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=dyGhoOvSHQI> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Estamos de volta a pedidos. Mamãe está calminha e como sempre muito vaidosa. 06/03/2017.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=NeR0jSQ9S70> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer fase moderada para grave 7 anos 08/06/2018.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=TOvc3GqOD-o> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer/avançado moderado 16/10/2018.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Dtpn5GoFJLk> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer - Os primeiros sinais do Alzheimer. Compartilhe esse vídeo. 18/10/2018.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=XZdIJgh0aoQ> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer Moderado/ Avançado - A difícil tarefa de dar banho. 26/11/2018.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=i4SNacaG4KU> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer - minha mãe. 04/02/2019.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DURgizOUjas>. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer - Treinamento cognitivo - leitura - letra cursiva. 10/02/2019.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=6nNCe1EvPjM> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer - Francisquinha responde parte 1 25/02/2019.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Wt1JpNezGkk> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer - Programa Encontro - Repercussão e agradecimentos! 26/02/2019.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=ROnFev28Eww> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer – Agressividade. 18/03/2019.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=cWqrK7lsoro>. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer - Como tudo começou - Visita da Juana Parte 1.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D8UMVXT8BrA> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer - Visita de uma seguidora de Araraquara - Parte 1 - 26/04/2019 15h.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=ycps5TLuTYg> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer - sobre o dia da visita da seguidora, sobre meu novo canal. 27/04/2019 17h.** Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=qSw_G5_G9K0 >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer - Domingando com Francisquinha. 09/06/2019.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=JwZVfaIUcCg> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer _ As fases do Alzheimer Parte 1 - 12/06/2019.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=h-gWeYj9W24> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer - Confusa e agitada - amanhã é o dia da consulta para o novo tratamento. 25/06/2019.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Z6WmhK5cB-8> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer - Cannabidiol.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Iz3S5T3WiJg> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer - Vlog Francisquinha e Carol parte 1** **25/07/2019.** Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=q6CaxMI2cOk&ab_channel=FrancisquinhaAlves-ObomdoAlzheimer >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer - Um dia calmo e outro agitado e vida que segue. Minha primeira edição.** **30/07/2019.** Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=u2ARuVriPA0&ab_channel=FrancisquinhaAlves-ObomdoAlzheimer >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer - conversa sobre cannabidiol** **06/08/2019.** Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=-CNacTtjCKI&ab_channel=FrancisquinhaAlves-ObomdoAlzheimer >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer - vídeos de sábado domingo e segunda só fofura e tagarelices** **09/09/2019.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=3fDyCp1xVkg&t=11s> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer - Setembro Lilás.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=H1oEC1-jyBQ> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer Cannabidiol Como Obter Legalmente.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=w8TUgoDX6so> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer - Bate papo gostoso com Francisquinha.** **30/09/2019.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=IfL04zpQPvA&t=17s> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer - 5 tentativas de fuga e vuco vuco o dia inteiro.** **18/11/2019.** Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=uKp0D0_cBW4 >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer - A Diva do YouTube tem uma surpresa para vocês.** Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=xPsJ_tiaMIE >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer - Novidades para vcs assistam até o final e leiam a descrição do vídeo** **26/11/2019.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=mYvjTTG02Sk> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer - Dezembro mês da Francisquinha** **02/12/2019.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=D7T2dCB6Mlo> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **17/12/2019.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=ZmGsT647UmQ> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer - 120k assistam esse vídeo de gratidão e saibam da nossa história. 27/02/2020.** Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=ZWurpdtX_38 >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer - Francisquinha cuidadora da filha 08/03/2020.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=5mqwB6uu-Y> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer - Vuco vuco intenso em dia de mudança. 16/05/2020.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Dx141Ksy4go> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer - Claudia Responde.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=IDneLNWaSwo> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer - O desabafo de uma filha cuidadora cansada. 07/06/2020.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=zIZKjdt4ius> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Como descobrimos a demência em nossas mães.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=rWLIBL3mNs4> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Cláudia Responde com Fábio Almeida.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=BCp793527vM> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer - Cordeiro da peruca do papa rezando para dormir e Novidades !!! 07/09/2020.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=YzdV3ewuWQI&t=358s> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer - Nossa História - Método LoveCare. (ler a descrição do vídeo) 10/09/2020.** Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=-2M-7wAi_ac >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Live: Sono & Alegria de Viver.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=PmbLIyYFdAw> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer - Tentando me tapear novamente. E conseguiu. Dormiu antes da hora. 03/11/2020.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=D2Ml1Wjg6jg> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **ALZHEIMER - Webserie leia a descrição do vídeo. 17/11/2020.** Disponível em: < <https://youtu.be/3ZMH9SsgKY4> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Como lidar com nossos pais nas diversas fases da doença de Alzheimer.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=4zOeuK35tcw> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Abriu a segunda turma do Método LoveCare.Vagas limitadas 08/12/2020.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=rxk3S9zPIUQ> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **ALZHEIMER - Dicas práticas para o dia a dia.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=PBYY-JWYRns8> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Lanche com Francisquinha.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=SHgA-aoJvfw> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer- Só um oi para bater o ponto. 02/02/2021.** Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=nc7OZaP_KSw >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Live Descomplicando o Alzheimer.** Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=qFzuP4GNZvM&ab_channel=FrancisquinhaAlves-ObomdoAlzheimer >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer - Eu vim fazer um apelo! vejam a descrição do vídeo. compartilhem o máximo que puderem.** Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=PncB0LQX69A&ab_channel=FrancisquinhaAlves-ObomdoAlzheimer >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Live de bem com o Alzheimer..** Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=uA2tA1GZlf8&ab_channel=FrancisquinhaAlves-ObomdoAlzheimer >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Live Entenda o Alzheimer e transforme sua vida..** Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=ohI9xOeoWu0&ab_channel=FrancisquinhaAlves-ObomdoAlzheimer >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Engasgar tossir e espirrar !.** Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=uEbyfv2EXZ4&ab_channel=FrancisquinhaAlves-ObomdoAlzheimer >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer - conheça o método LoveCare link na descrição do vídeo.** Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=tWlq5HvK2WQ&ab_channel=FrancisquinhaAlves-ObomdoAlzheimer >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer - Quem advinha onde a nossa Diva escondeu o óculos?.** Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=E6tBil6DspY&ab_channel=FrancisquinhaAlves-ObomdoAlzheimer > Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer - Saquinho de risadas ativado.** Disponível em: <

https://www.youtube.com/watch?v=wmhrkBLickE&ab_channel=FrancisquinhaAlves-ObomdoAlzheimer >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Descomplicando o Alzheimer - Tirando dúvidas !..** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=4SmIDKsKhDQ> >. Acesso em: 25 mar. 2022.

Francisquinha Alves - O bom do Alzheimer. **Alzheimer- Agressividade: Quem pensa que Francisquinha é diferente do seu familiar com demência.** Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=HE4gA-yCc10&t=11s&ab_channel=FrancisquinhaAlves-ObomdoAlzheimer >. Acesso em: 25 mar. 2022.